

Escrita, som, imagem
V colóquio internacional
Paisagens

Caderno de resumos

17–20 de maio, 2026

20 anos

Universidade Federal de São João del-Rei — UFSJ
São João del-Rei — MG

APRESENTAÇÃO

O *V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens* propõe debater a estética e a poética da paisagem em suas representações nas artes e nas mídias. Em inglês, *landscape* deriva do holandês *landschap* – *lant* (terra, land) e *scap* (forma). O termo foi usado, a partir do século 15, para designar representações visuais de cenas naturais pitorescas, mas contém em si a ideia de terra ou lugar. Já *paisagem* chega ao português através do francês *paysage* – assim como em outras línguas românicas (*paesaggio*, em italiano; *paisaje*, em espanhol) – derivado de *pays* (país) que, por sua vez, se origina no latim *pagus* (circunscrição territorial e, por extensão, região, pátria). O termo paisagem, tanto a forma originária do latim (paisagem) quanto a originária das línguas anglo-germânicas (*landscape*) designa “extensão territorial que a vista alcança; panorama” e “reunião dos componentes e elementos naturais, ou não, observados a partir de um determinado lugar”. O Dicionário Houaiss lista também “natureza, tipo ou característica de um espaço geográfico” e “expressão artística (pintura, desenho, fotografia, gravura etc.) cujo tema é a natureza, as formas naturais, os ambientes do campo.”

A paisagem assumiu um papel central no campo da Geografia, bem como na área de patrimônio, devido à noção de “paisagem cultural”. Assim, em dicionários de termos geográficos encontram-se definições sucintas de paisagem como “espaço geográfico que se pode ver desde um certo ponto”,¹ em que se destacam as ideias de visibilidade e percepção, ou outras definições que apontam para a importância do observador, por exemplo, “uma aparência e uma representação: um arranjo de objetos visíveis percebidos por um sujeito através de seus próprios filtros”.² Como indica Rafael Ribeiro, é preciso observar as “tensões no conceito de paisagem: proximidade e distância, corpo e mente, imersão sensorial e observação distanciada”.³

No campo de Patrimônio Cultural, a paisagem é vista basicamente de duas formas: como vista (seguindo a tradição visual do conceito) ou como produto da relação entre sociedade e natureza, incentivada por alguns ramos da Geografia e pelo crescimento da preocupação ambiental.⁴ No primeiro caso, percebe-se frequentemente a influência do ideal romântico da natureza, que faz com que a paisagem passe da representação de um espaço para significar a própria natureza. Como consequência, nas políticas de conservação podemos citar o tombamento de jardins e outros bens paisagísticos, bem como de monumentos emoldurados por aspectos da natureza e de áreas cujo panorama seja relevante para as populações vizinhas (como a Serra do Curral, em Belo Horizonte) ou para o entorno do bem tombado.⁵ Já no segundo caso (ênfase na relação entre paisagem, natureza e sociedade), percebe-se o papel direto do Estado e de organismos internacionais, como a Unesco, em políticas de valorização de paisagens históricas e de interesse cultural, sobretudo com a criação da Lista de Patrimônio Mundial, a partir da Convenção sobre Patrimônio Mundial Natural e Cultural (1972), “reunindo dois movimentos de conservação que até aquele momento

¹ LACOSTE, Y. De la géopolitique aux paysages. *Dictionnaire de la géographie*. Paris: Armand Colins, 2003, p. 288.

² BRUNET, R.; FERRAS, R.; THÉRY, H. *Les mots de la géographie, dictionnaire critique*. Montpellier/Paris: Reclus; La Documentation Française, 1992, p. 373.

³ RIBEIRO, R. W. *Paisagem*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Paisagem%20-%20Dicion%C3%A1rio%20Iphan.pdf>. Acesso em: 11 maio 2026.

⁴ *Ibidem*, p. 2.

⁵ *Ibidem*, p. 23-24.

eram relativamente autônomos: a conservação da natureza e a preservação do patrimônio cultural”,⁶ o que inclui também paisagens urbanas.

As paisagens dependem do olhar. Segundo Maria Tereza Paes, “a paisagem da visão horizontal ou oblíqua (...) resulta de um ponto de vista subjetivo e individual, podendo partir do artista, do cientista, do turista ou do senso comum.” Por outro lado, “[a] paisagem do olhar vertical, do geógrafo, do cartógrafo, do empreendedor, do planejador, entre outros, ganha uma representação nos mapas de uso do solo, dos domínios florestais, das formas de hábitat, e produz a visão das paisagens agrárias, urbanas, produtivas...”.⁷ Portanto, permitem diferentes perspectivas ao pesquisador do assunto. O historiador Simon Schama, em entrevista sobre os 30 anos da série documental *Landscape and Memory*, baseada no livro de mesmo título, enfatiza a distinção entre os conceitos de natureza e paisagem. Segundo o historiador,⁸ enquanto “a matéria bruta da natureza” se encontra “lá fora,” a paisagem é “um estado de espírito antes de poder ser um estado de natureza”. Em oposição aos elementos naturais em seu estado mais puro, não transformados ou manipulados pela ação humana – como rochas, árvores, água, solo etc. –, a paisagem não é algo meramente dado, mas construído pela nossa percepção, imaginação e experiência. Antes de vermos “a natureza”, vemos o que ela significa para nós: um olhar, uma memória, um sentimento que molda o cenário.

Essa noção já estava presente na obra seminal de Raymond Williams, *O campo e a cidade* (1973). Para ele, o conceito de paisagem implica separação e observação: “o homem não apenas contempla a terra, mas também tem consciência do que está fazendo, como uma experiência em si, e preparou modelos sociais e analogias tiradas de outros campos para apoiar e justificar a experiência”.⁹ A paisagem, portanto, depende de um artifício, como ilustrada pelo verso de Marvell, em “Upon Appleton House”: “Parece, em meio à grama delicada,/Uma paisagem num espelho pintada”.¹⁰ Isso devido à importância do “espelho de Claude”, instrumento ótico cuja função é fazer uma mediação entre a natureza e a arte, “fabricando” a paisagem a partir não de sua aparência real, mas baseada em modelos artístico-culturais, como os quadros de Claude Lorrain e Nicolas Poussin. Como observa Mitchell: “A paisagem já é artifício no momento em que é contemplada, muito antes de se tornar objeto de representação pictórica”.¹¹ O simples ato de olhar para a paisagem já a transforma, fazendo com que ela deixe sua condição de “natureza pura” e passe a ser moldada pela percepção, pelo enquadramento do olhar, pelas memórias do observador situado historicamente.

⁶ Ibidem, p. 27.

⁷ PAES, M. T. Paisagem cultural e patrimonialização contemporânea da cultura: apontamentos geográficos. *Anais do 1º Colóquio Ibero-Americano. Paisagem cultural, patrimônio e projeto*. Belo Horizonte/MG, 2010, p. 73.

⁸ SCHAMA, S. *Simon Schama Remembers Landscape and Memory* (BBC). Vídeo. Disponível em: <https://www.bing.com/videos/riverview/relatedvideo?q=simon+schama+landscape+and+memory+youtube+video&&mid=F593E9ADB4362A81D76F593E9ADB4362A81D76&churl=https%3a%2f%2fwww.youtube.com%2fchannel%2fUC8uAXOCTTl4-Y3tShiv33gg&FORM=VAMGZC>. Acesso em: 11 maio 2026.

⁹ WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 201-202.

¹⁰ MARVELL *apud* WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 206.

¹¹ MITCHELL, W. T. J. (ed.). *Landscape and Power*. Chicago: University of Chicago Press, 2002, p. 14.

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

Comissão Organizadora

Thaís Flores Nogueira Diniz (UFMG)
Miriam de Paiva Vieira (UFSJ/CNPq)
Camila Augusta Pires de Figueiredo (UFMG)
Cecília Nazaré de Lima (UFMG)
Clara Matheus Nogueira (UFCG)
Deborah Walter de Moura Castro (Unifal)
Eliana Lourenço de Lima Reis (UFMG)
Joicy Silva Ferreira (UFMG)
Márcia Maria Valle Arbex (UFMG/CNPq)
Nádia Dolores Fernandes Biavati (UFSJ)

Equipe de Apoio

Amanda Neves Campos (Promel/UFSJ)
Anna Luiza Fonseca da Silva (UFSJ/Fapemig)
Elaine Carolina (UFSJ)
Jacqueline Alves (PUC Minas)
Jaqueline da Cruz Campos (UFSJ)
João de Sousa e Silva (UFSJ)
Juliana Aparecida das Dores (Promel/UFSJ)
Lucas Basso (Poslit/UFMG)
Marcelo Augusto de Paiva Oliveira (UFSJ/Capes)
Maria Eduarda Fonseca Palma (UFSJ)
Pedro Augusto de Carvalho Pereira (UFSJ)
Rafaela Del-Vechio (UFSJ)
Tassiana Calsavara Andrade (UFSJ)

Comissão Artística

Edilson Assunção Rocha (UFSJ)
Antônio Carlos Guimarães (UFSJ)

Identidade Visual

Chantal Herskovic (UEMG)

Design Gráfico

Kátia Hallak Lombardi (UFSJ)

Desenvolvimento Web

João de Sousa e Silva (UFSJ)

Secretárias do Evento

Barbara Vitoria Ribeiro Teixeira (Promel/UFSJ/Capes)
Joicy Silva Ferreira (Poslit/UFMG/Capes)

Preparação e revisão

Ana Cláudia Dias Rufino

Comissão Científica

Adolfo Cifuentes (UFMG)
Alex Martoni (PUC Minas)
Ana Cláudia Munari Domingos (Unisc/CNPq)
Ana Luiza Ramazzina Ghirardi (Unifesp)
André Melo Mendes (UFMG)
Angélica Amâncio (Université de Poitiers)
Augustto Correa Cipriani (UFMG)
Aurora Gedra Ruiz Alvarez (Pesquisadora independente)
Biagio D'Angelo (UnB)
Brunilda Reichmann (Uniandrade)
Camila Augusta Pires de Figueiredo (UFMG)
Carolina Serra Azul Guimarães (UFMG)
Cássia Macieira (UEMG)
Cecília Nazaré de Lima (UFMG)
Cristine Mattos (UPM)
Daniella Carneiro Libânio de Almada (IFMT)
Edilson Assunção Rocha (UFSJ)
Elaine Indrusiak (UFRGS)
Érika Viviane Costa Vieira (UFVJM)
Georg Otte (UFMG/CNPq)
Ivan Marcos Ribeiro (UFU)
Joicy Silva Ferreira (UFMG)
Kátia Hallak Lombardi (UFSJ)
Márcia Maria Valle Arbex (UFMG/CNPq)
Maria Cristina Ribas (UERJ/CNPq)
Miriam de Paiva Vieira (UFSJ/CNPq)
Oíliam José Lanna (UFMG)
Paulo Benites (UFTPR)
Thaís Flores Nogueira Diniz (UFMG)
Tida Carvalho (Unimontes)
Valéria Sabrina Pereira (UFMG)
Veronica Daniel Kobs (Uniandrade)

©Todos os direitos reservados

© 2026, as organizadoras

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

ISBN: 978-65-85201-04-9

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (Capes) – Código do financiamento 001.

Agradecimentos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de São João
del-Rei (UFSJ).

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

GRUPO COMPANHIA DA MÚSICA

PARTIDOS DA MÚSICA: RESGATE DE UMA PRÁTICA MUSICAL MINEIRA CENTENÁRIA – RECITAL COMENTADO

O Grupo Companhia da Música é formado por professores, técnicos e alunos da UFSJ, UFOP, UFMG e do Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier de São João del-Rei. Esse grupo se dedica a pesquisas e projetos artísticos centrados nos ricos acervos musicais históricos da região das vertentes em Minas Gerais. O grupo musical e o projeto inspiram-se no conceito histórico dos “partidos da música” ou “companhias da música”, que no século XIX eram agrupamentos musicais essenciais para a vida cultural e religiosa da região de São João del-Rei, formados muitas vezes por famílias de músicos que encontravam no ofício da performance e do ensino da música uma forma de inserção e distinção social.

O projeto propõe oficinas de instrumentos e canto para músicos da comunidade e recitais comentados em um formato que combina a performance musical com a contextualização da história social da música na região, a trajetória dos compositores e as práticas de performance da época. Uma característica inovadora desses recitais comentados é a utilização de reduções para piano e instrumentos solistas/voz de obras originalmente orquestrais, uma estratégia que não apenas viabiliza a performance em espaços com infraestrutura variada, mas também dialoga com práticas históricas de difusão musical. No repertório, estão obras sacras e camerísticas do século XIX, com ênfase em compositores mineiros, como Padre José Maria Xavier e Presciliano José da Silva, cujas obras refletem a intensa atividade musical e o papel social dos músicos na sociedade oitocentista mineira. Além disso, obras dos compositores cariocas Francisco Manuel da Silva e Lino José Nunes retratam a intensa ligação das cidades históricas mineiras com o Rio de Janeiro, capital do império no século XIX. Ao levar esse repertório e conhecimento às cidades de São João del-Rei, Ouro Preto e Belo Horizonte, o projeto busca a valorização do patrimônio imaterial mineiro.

Participantes:

- Antônio Carlos Guimarães (docente UFSJ) – coordenador geral e músico (flautista/palestrante/pesquisador)
- Edésio de Lara Melo (Docente UFOP/PPPGMUSI-UFSJ) – músico (cantor/palestrante/pesquisador)
- Elenis Aparecida Sabino Guimarães (docente UFSJ) – musicista (cantora/palestrante)
- Alice Peixoto de Assunção (docente conservatório estadual música PJMX) - musicista (cantora/palestrante)
- Gabriel Cursino Madeira Casara (músico UFSJ) – músico (pianista/transcritor/palestrante/pesquisador)
- Isabele Alves (discente pós graduação UFMG, violoncelista)
- Fausto Borém (docente UFMG) – músico (contrabaixista), pesquisador e palestrante
- Vitor (discente UFSJ) – músico (cantor)

MUSICISTAS



Vento Vertentes: criação e experimentação em música instrumental, com ventos sonoros que passam por diferentes estilos, em arranjos inéditos de obras autorais e de compositores renomados da música brasileira e mundial.



Ana Liberatto: natural de São João del-Rei, enverga as tradições culturais e musicais da terra com um repertório calcado em uma MPB refinada e em sua potente energia vocal e pessoal, que entrega em suas performances uma experiência densa e repleta de significados.



Companhia da Música: formada por professores, técnicos e alunos da UFSJ, UFOP, UFMG e do Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier de São Joao del-Rei. Esse grupo se dedica a pesquisas e projetos artísticos centrados nos ricos acervos musicais históricos da região das vertentes em Minas Gerais.



Banda Municipal Santa Cecília: fundada em 1968, por iniciativa do ex-prefeito, Milton Resende Viegas. Na época, ele investiu na formação da Banda Municipal e convidou alguns integrantes da Banda do Rio das Mortes para serem funcionários da prefeitura, com o compromisso de tocar na banda. A formação inicial contou com 36 músicos, e a primeira apresentação aconteceu em 1969. A banda toca em apresentações de teatro, procissões, inaugurações, eventos distritais; além de atender a convites de encontros de bandas em outras cidades. O repertório é variado, da música erudita à popular, com o intuito de atender às diversas necessidades do município.

CONFERÊNCIAS

A DRAMATURGY OF LANDSCAPE IN THEATRE PERFORMANCES

Chiel Kattenbelt (Utrecht University)

In my lecture, I will begin by briefly considering word, image, and sound as different forms of articulation, as systematically linked by philosophers such as Kant, Hegel, and Schopenhauer to the human capacity for perception, knowledge, and experience. Their classification of the arts is based on the tripartite division of word, image, and sound, arguing which form of art should be considered the highest form. The arguments they put forward not only reveal the specific function they ascribe to art, but also how word, image, and sound might fulfil this function and what we can deduct from this regarding how the three relate to each other or are able to take over each other's function. This could also be an issue of intermediality, wondering by comparison about the specificity of word, image and sound as these occur in sign systems, artistic practices and technologies of mediation, transmission and (re)presentation of information.

In a next step, I will examine the notion of landscape in terms of place and space as a dynamic concept with multiple dimensions (physical, social, and mental), wondering in what terms we could speak of a “dramaturgy of landscape”.

Next, I will focus my attention to theatre, which I use as an umbrella term for all live performing arts and understand as the art of the performer, as a live performance that unfolds in the space and time of the here and now. The theatre performances I have in mind are more about undergoing experiences that make a special demand on our senses and imagination than about becoming absorbed in a story with a beginning, middle, and end by identifying with characters who are the main vehicles of the action taking place. In these performances the material and sensorial aspects of the media in play, come to the forefront. We could speak here of an intensification of the real as we can also relate it to the panorama of "postdramatic theatre" (a term coined by Hans-Thies Lehmann) and to the notion of “experience theatre”. The special importance of the material and sensorial modalities of the media in play also aligns with my understanding of intermediality as a specific mode of performativity. The same goes for my artistic research with the Belgian company CREW, which explores technologies like virtual reality and motion capture for their potential to create new landscapes and experiences in live performance by playing with media to affect the senses of the spectator, who is first to be understood as an experiencer.

A PAISAGEM CULTURAL E A PAISAGEM EM NÓS

Flávio de Lemos Carsalade (UFMG)

A paisagem cultural, abordagem egressa da Geografia e hoje amplamente utilizada em outros campos de conhecimento, nos coloca imersos em um contexto que ao mesmo tempo que nos *V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens*

molda, é moldado por nós. As expressões culturais que se dão em determinado contexto físico e temporal criam uma atmosfera própria, inspirada pela territorialidade que a reforça, mas que acrescenta novas possibilidades e abordagens intermidiáticas. Ao longo do tempo, essas expressões trazem inovações, na medida em que a transformação é característica fundante da abordagem trazida pelo conceito de paisagem cultural.

THE STIMMUNGS OF THE INTERMEDIAL LANDSCAPES OF NOSTALGIA

Niklas Salmose (Linnaeus University)

This keynote maps how nostalgia takes shape as *landscape* – not only as place remembered but as an intermedial Stimmung (mood) that is composed across words, sounds, and images. Building on my forthcoming monograph *Mediations of Nostalgia: Experience, Intermediality, Aesthetics* (Edinburgh University Press), I propose a framework that treats nostalgia as a poetics in which past and present co-inhabit a scene, and where media-specific “nostalgic signs” (motifs, sonic textures, visual cues) orchestrate a felt sense of loss and longing.

In this presentation I will trace three different kind of nostalgic stimmungs. I first trace *Landscapes of Change*, showing how tropes such as seasons, ruins/decay, voyages, and migration spatialize time’s irreversibility. In literature and film alike, these tropes recruit multisensory cues – waves that “erase” traces, creaking clocks, crumbling facades – to make time audible and visible; their affective power intensifies when works *show* rather than *name* nostalgia.

Second, I explore *Idealised Spaces* – childhood, youth, summer, and the exotic – as mediated worlds that often feel more *real* than the present precisely because they are curated by memory and media. Here, intermedial cross-modal modalities are crucial: a Ferris wheel’s lights and laughter (sound-image), the grain of 35mm film (image-time), or the cadence of anaphora (word-sound) each “tune” the landscape toward ideality while keeping its impossibility in view.

Finally, I consider *Metaphysical Landscapes*, where clock-time, universal grief, and celestial figures (comets, stars) open onto planetary and eschatological vistas. These works render *hypothetical time* – moments when past, present, and future seem to collapse – inviting audiences to dwell in atemporality while confronting finitude. The result is an intermedial cartography of *cometalgia*: scenes that are simultaneously beautiful and unsettling, cosmic and intimate.

Across examples from modernist prose to graphic memoir, cinema, and popular music/video, I show how nostalgia’s landscapes are not mere backdrops but intermedial engines of mood – sites where word, sound, and image collaborate to choreograph memory, desire, and the ethics of looking back.

PAISAGEM E ESPAÇO NA LITERATURA E NAS ARTES VISUAIS

Solange Ribeiro de Oliveira (UFMG)

Considero primeiramente a evolução histórica do conceito de *paisagem*, do século XIV até períodos recentes, quando emergem diferentes definições, incluindo as propostas por Otto Schlüter, Michel Collot, Mateusz Salwa ou pela Unesco. Distinguem-se diferentes tipos de paisagem, como a natural e a cultural, dependendo da ausência ou presença da intervenção humana. Entretanto, o conceito expandiu-se para além do visual, de forma a incorporar a paisagem sonora e até elementos olfativos. De qualquer forma, a paisagem revela-se uma entidade *sui-generis*: é obra mental, construção de nossa percepção e imaginação.

A palestra apoia-se em projeções de imagens de paisagens brasileiras, algumas selecionadas como representações da identidade nacional, como a tela do setecentista Frans Post, primeiro artista europeu a representar terras sul-americanas. No século XIX, destaca-se a obra do artista francês Jean Baptiste Debret, com sua inegável contribuição para a documentação etnográfica da sociedade brasileira. Em nossos dias, analiso uma surpreendente paisagem de Adriana Varejão: apresenta uma floresta tropical que circunda um recorte oval, sugerindo a genitália feminina, símbolo do estupro metafórico infligido aos povos colonizados. Outras imagens exibidas nos slides visam ilustrar a função de descrições de paisagens em textos literários. Em *Iracema*, de José de Alencar, a evocação de um mar revoltado propicia a introdução da narrativa e a apresentação das personagens. Em *Baú de Ossos*, de Pedro Nava, a descrição de aspectos de sua cidade natal serve à recuperação de velhas memórias, lembranças de divergências ideológicas indicadas pelo direcionamento das ruas. No romance *Um defeito de cor*, da Ana Maria Gonçalves, paisagens marinhas da Ilha dos Frades e da vila de Cairu, na Bahia, atuam como prelúdio dramático de sofrimentos iminentes ou, com maior frequência, associam-se às emoções da protagonista. Exercem funções semelhantes paisagens descritas por Clarice Lispector em *A maçã no escuro* e *Perto do coração selvagem*. No romance *Quarup*, de Antonio Callado, a função de uma paisagem florida é situar as personagens num cenário idílico, prelúdio de seu amor. A paisagem é um recorte do espaço, que também exige uma definição.

Discutida desde a antiguidade, a noção moderna de *espaço* deriva basicamente das teses de René Descartes, Isaac Newton e Immanuel Kant, para os quais o espaço é algo pré-existente, infinito, apriorístico. “Não é possível vê-lo, mas apenas objetos ou corpos no espaço”, afirma Kant. Esses objetos recortam no espaço diferentes traçados dotados de sentidos específicos. Insere-se entre eles o contraste entre o vertical e o horizontal. Destacam-se ambos por sua ambiguidade. O vertical pode ser associado tanto a questões de poder quanto de religiosidade. Dependendo do contexto, simboliza a “arrogância”, a “vontade de poder” das classes opressoras ou, por outro lado, a religiosidade, como as catedrais góticas e os pagodes chineses, voltados para a iluminação espiritual. Curiosamente, a horizontalidade participa da mesma ambiguidade. Pode sugerir pobreza, e submissão, mas também a condenação dos pecadores ao inferno. Essas questões, associadas aos fenômenos tornados visíveis por sua posição no espaço, serão ilustradas por citações do romance *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector.

MESAS-REDONDAS

SOM AO REDOR: AMBIÊNCIAS, NOSTALGIA E ARQUIVO EM *AINDA ESTOU AQUI* E *O AGENTE SECRETO*

Alex Martoni (PUC Minas)

A recepção de *Ainda estou aqui* (2024), de Walter Salles, e *O agente secreto* (2025), de Kleber Mendonça Filho, vem destacando tanto a acuidade desses filmes na reconstrução de um certo clima, de uma atmosfera peculiar ao Rio de Janeiro e ao Recife da década de 1970, quanto a singularidade na produção de trilhas sonoras a partir da mobilização de repertórios esquecidos do cancionário popular brasileiro. Dentro dessa perspectiva, esta comunicação, dividida em três momentos, tem por objetivo refletir sobre o papel desempenhado pelas canções e pelas mídias que as veiculam na construção das paisagens sonoras de ambos os filmes.

Na primeira parte, de caráter eminentemente teórico, proporemos uma atualização da noção de paisagem sonora (R. Murray Schafer), radicando-a no interior dos debates contemporâneos sobre os processos de construção de ambiências – *Stimmungen* (Gernot Böhme, Tonino Griffiero e Hans Ulrich Gumbrecht). Em um segundo momento, analítico, repertoriaremos os papéis cumpridos pelas canções na produção de ambiências, com especial atenção à dimensão afetiva dos regimes de audiovisual (Michel Chion) e ao caráter nostálgico (James Cisneros) instaurado pelos traços do analógico (disco de vinil, fita cassete) remediados no digital. Por fim, sob o ponto de vista estético-político (Jacques Rancière), destacaremos como ambos os filmes, além de se constituírem em si mesmos como arquivos da ditadura militar (Eurídice Figueiredo, Mario Cámara), mobilizam, em seu interior, um repertório cancional que deixa entrever como as novas práticas arquivísticas contemporâneas, fomentadas pelas tecnologias digitais, revelam discursos, sonoridades e histórias menores da música popular brasileira.

**SER NOBRE É TER IDENTIDADE: BANCO DE DADOS/INVENTÁRIO SOCIOCULTURAL –
HIPERMÍDIA CONECTANDO CONHECIMENTO, CIDADANIA E SALVAGUARDA DA PAISAGEM
URBANA EM SÃO JOÃO DEL-REI, TIRADENTES E OURO PRETO
WWW.SAOJOAODELREITRASPARENTE.COM.BR**

Alzira Agostini Haddad (gestora sócio cultural)

Para que as TICs sejam realmente eficazes, é necessário adotar modelos de intermedialidade que conectem conteúdos de cidadania ao contexto local e global. O projeto “Cidades transparentes”, apresentado desde a CMSI de 2003 e 2005, demonstra que a abertura de dados socioculturais em formatos hipermidiáticos fortalece cidadãos, lideranças e iniciativas. A integração de um inventário sociocultural produzido pelas próprias comunidades amplia o acesso a ferramentas e políticas públicas subutilizadas, como o ICMS Cultural de Minas Gerais, cujo modelo único no mundo corre risco de descontinuidade. Como muitos projetos financiados com recursos públicos geram

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

conhecimento valioso, disponibilizá-los de forma integrada é essencial para consolidar redes e evitar desmontes. O livro-portal *Ser nobre é ter identidade* exemplifica essa abordagem ao conectar o físico ao digital por meio de milhares de QR Codes, transformando o leitor em coautor e pesquisador de seu território. A obra funciona como interface tecnológica e ecossistema de dados, oferecendo referências replicáveis que fortalecem a memória, a gestão e a cidadania.

AS PAISAGENS VISUAIS E SONORAS DE SOUNDTRACK: UMA ANÁLISE DO ROTEIRO E DO FILME

Camila Augusta Pires de Figueiredo (UFMG)

Este trabalho examina as paisagens visuais e sonoras do filme *Soundtrack* (2017) a partir da comparação entre o roteiro cinematográfico e o corte final. Diversos elementos previstos no script – tanto enquadramentos quanto indicações sonoras – foram suprimidos no filme: detalhes visuais cruciais deixam de aparecer em cena e todas as faixas que os personagens escutam pelos headphones permanecem inaudíveis para os espectadores, culminando, em certo ponto, num silêncio absoluto. A análise se apoia na ideia de “ausência significativa”, de Werner Wolf, combinada ao “ponto de escuta”, de Michel Chion, e ao conceito de “paisagem sonora”, de R. Murray Schafer, para mapear essas lacunas perceptivas.

O roteiro, gentilmente cedido pelos produtores, e as informações do catálogo e de outros materiais da exposição realizada no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo – concomitante com o lançamento do filme nos cinemas – foram usados para um levantamento comparativo cena a cena e para a descrição dos trechos. Argumento que os vazios expandem o espaço imagético do filme, transformando o silêncio e a ausência em territórios expressivos que espelham o isolamento polar do enredo e convidam o espectador a completar a diegese com suas próprias referências sensoriais. Assim, *Soundtrack* se configura como uma experiência de paisagem sonora e visual negativa: é a ausência que se torna evidência e desloca a obra para um ambiente transmídia, convocando outras mídias a complementá-la.

O CANTO DO MAR (1953): REGISTRO CINEMATOGRAFICO DO PATRIMÔNIO CULTURAL PERNAMBUCANO

Cecília Nazaré de Lima (UFMG)

Em 1953, o cinema nacional apresentou o cenário sociocultural do povo nordestino frente à seca de maneira tão potente que gerou opiniões antagônicas, desde as mais positivas, destacando o poder sugestivo desse Brasil descarnado que o filme nos revela, às mais negativas, repudiando a exposição da diferente realidade vivida por aquele povo. *O canto do mar*, um dos primeiros filmes de ficção brasileiro a tematizar a seca no Nordeste e suas mazelas foi produzido pela cinematográfica Kino Filmes e dirigido por Alberto Cavalcanti. Destacaremos, neste estudo, a

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

colaboração do compositor Guerra-Peixe, cujas pesquisas musicológicas no Nordeste forneceram elementos essenciais para o resultado integrado da combinação das mídias visuais e sonoras que compõem a paisagem artística e cultural do filme. A inserção de melodias, sons e imagens autênticas, tais como o trio de instrumentistas anunciando a partida dos retirantes rumo ao sul; o foco em objetos, danças, instrumentos do terreiro de Candomblé tombado pelo governo pernambucano; o ritual Maracatu Elefante durante o carnaval; a Reza de defunto para a morte da criança; a dança do frevo (Patrimônio Mundial da Unesco); o personagem instrumentista que se revela no final do filme, foram alguns dos registros e cenários simbólicos e tipicamente pernambucanos captados e mostrados na tela. Muito mais que uma história triste e pessimista do povo nordestino, o filme é um importante registro histórico de comunicação e disseminação da riqueza, da beleza e da alegria do patrimônio cultural pernambucano.

PAISAGENS ALGORÍTMICAS: A ESPAÇOTEMPORALIDADE DAS MÍDIAS SOCIAIS

Clara Matheus Nogueira (UFCG)

Em 2021, o Facebook adotou um novo nome: Meta. Fazendo referência aos esforços da empresa no desenvolvimento de um metaverso. Metaverso, um conceito originado na ficção científica distópica *Snow Crash* (1992), é uma paisagem virtual que pretende representar as configurações de um determinado espaço físico e social. Em 2026, após um investimento de aproximadamente quatrocentos bilhões de reais, a Meta anunciou a interrupção do projeto. Tal fiasco serve de mote para discutirmos as diferenças entre esse projeto e as mídias sociais digitais, que antecedem e sobrevivem às ambições relacionadas ao desenvolvimento de metaversos.

A paisagem das mídias sociais, quando organizadas por algoritmos, é personalizada e heterogênea. Notícias, tutoriais, vídeos enganosos ou humorísticos compõem um mesmo fluxo midiático contínuo. A partir de ferramentas teórico-crítico desenvolvidas por Lars Elleström (2021), este trabalho propõe-se uma discussão e uma comparação de tais espaçotemporalidades. Feeds organizados por lógicas algorítmicas não apenas inauguram uma paisagem que não busca representar o mundo material, mas também reconfiguram a temporalidade, dando origem a uma espacialidade organizada a partir de critérios que não são transparentes para os usuários. Essa forma de hierarquização da informação resulta em processos de recepção descontínuos, fragmentários e não lineares. Tal contexto inaugura novas lógicas de recepção, exigindo uma perspectiva teórica consciente da espaçotemporalidade das mídias, como a oferecida pelos estudos da intermedialidade. Portanto, esta comunicação busca contribuir para o debate sobre a espaçotemporalidade das mídias sociais, ao destacar especificidades de dois projetos distintos de paisagens digitais.

PAISAGEM SONORA E A LINGUAGEM DOS SINOS DE SÃO JOÃO DEL-REI

Edilson Rocha (UFSJ)

O conceito de paisagem sonora foi cunhado pelo compositor e ambientalista Murray Schafer, e desenvolvido em seu livro *A Afinação do Mundo* [1977] e em outras publicações, propondo uma escuta atenta e crítica do mundo. Esse conceito acabou sendo muito difundido como uma ferramenta de musicalização no Brasil, por meio dele muitos trabalhos interessantes vêm sendo difundidos. Por outro lado, a cultura cristã adotou ao longo dos séculos o uso dos sinos como uma ferramenta de comunicação, sendo assim mais um elemento que ajuda a compor a paisagem sonora das cidades brasileiras. Notadamente, em São João del-Rei estruturou-se como uma linguagem bastante complexa, diversa e que ainda hoje comunica cerimônias, missas, falecimentos e uma miríade de eventos. Estando plenamente conectada com a paisagem sonora sanjoanense, neste encontro será possível conhecer essa linguagem, identificar sua importância cultural como um elemento presente e muito vivo da cultura musical sanjoanense, reforçando sua história e trazendo ainda hoje um construto de resistência social e cultural. Teremos ainda a oportunidade de conhecer algumas das estratégias para a documentação desses sons em partitura, já que é basicamente uma comunicação musical. Registrada como Patrimônio Imaterial Brasileiro em 2009, a Linguagem dos Sinos de São João del-Rei se configura como elemento constituinte de uma paisagem que une memória, tradição, cultura e bem coletivo por meio dos sons.

PAISAGEM COMO CONSTRUÇÃO ESTÉTICA E IDEOLÓGICA EM O PIANO, DE JANE CAMPION

Elaine Barros Indrusiak (UFRGS)

A comunicação analisa a paisagem em *O Piano* (Jane Campion, 1993) como construção estética e ideológica, e não como simples cenário natural. Ambientado na Nova Zelândia do século XIX, o filme mobiliza o espaço como instância narrativa que articula sentidos históricos, culturais e políticos ligados à formação do imaginário nacional. Partindo do pressuposto de que paisagens são sempre mediadas por dispositivos estéticos e culturais, esta comunicação examina como a natureza filmada por Campion serve a uma fantasia de pertencimento colonial. Ao contrastar o colonizador europeu com o “nativo”, a exuberância visual da paisagem reconfigura as tensões entre cultura europeia e mundo maori e fundamenta a construção de um “mito de fundação” *pakeha*, no qual o colonizador intruso é reinscrito como parte do território. Mais do que contextualizar a narrativa, a paisagem atua como operador ideológico ao marcar a oposição entre a artificialidade europeia e a natureza “autêntica”. Essa oposição estrutura uma narrativa de reconciliação simbólica que suaviza conflitos históricos e apaga assimetrias coloniais, dialogando com debates sobre identidade, pertencimento e memória na Nova Zelândia. Para além da dimensão visual, a comunicação considera também a paisagem sonora da obra, que sublinha tanto os conflitos culturais quanto a busca da protagonista por uma voz própria. Ao tratar a paisagem, em suas dimensões visual e sonora, como construção estética e ideológica, esta comunicação reflete sobre como imaginários

locais e nacionais se formam por meio de dispositivos intermediais, nos quais imagem, som e narrativa se articulam para produzir sentidos de lugar, memória e identidade.

RETRATISTAS DO MORRO: IMAGEMEMÓRIA, DIREITOS E SOBERANIA SIMBÓLICA

Guilherme Cunha (curador)

O projeto *Retratistas do Morro* tem por objetivo contribuir para a construção de uma narrativa conectada a história recente das imagens brasileiras a partir do ponto de vista de fotógrafos que atuaram em vilas, favelas e comunidades do país, entre 1960 e 2000, retratando os movimentos cotidianos em seus territórios, levando em consideração seus múltiplos aspectos transformadores: culturais, sociais, políticos e afetivos. O autor trabalha há 10 anos para garantir a preservação, o restauro, a difusão e a inserção desse patrimônio junto aos imaginários nacionais e internacionais. Com esta comunicação, pretende apresentar sua metodologia e pesquisa, propondo reflexões sobre as potenciais mudanças promovidas por essas imagens nos modelos de percepção e representação utilizados na construção do lastro simbólico nacional, assim como para a formação das reservas estratégicas de memórias coletivas no Brasil.

POÉTICAS DA TRANSDUÇÃO: ESCUTA, ECOLOGIA SONORA E TECNODIVERSIDADE

José Henrique Padovani (UFMG)

Provocadora a seu tempo, a noção de "paisagem sonora" de Murray Schafer inovou ao propor o mundo como composição. Por outro lado, seus limites foram apontados por autores como Ingold e Sterne, que identificaram nesse conceito um posicionamento problemático com relação aos sentidos, ao dinamismo dos fenômenos sonoros e à tecnologia. Situo minha fala na perspectiva imaginativa e poética que busca repensar a escuta, a tecnologia e o mundo a partir das noções de transdução (Simondon), ecologia da mente (Bateson) e tecnodiversidade (Hui). Como pensar a escuta e a criação sonora de modo a problematizar a mediação técnica e a relação humano/natureza/tecnologia? A partir de minhas pesquisas e criações artísticas envolvendo "escuta de/com máquinas" e "ecologia sonora", proponho uma prática em que a invenção de processos de transdução e mediação técnica viabilizam uma acoplagem situada, relacional e diversa com o mundo. Nesta "ecologia da invenção", a criação e a experimentação com dispositivos de escuta (algoritmos de "escuta de/com máquinas" ou instrumentos como o *roi-rói*) operam como na famosa alegoria de Bateson, que se imagina caminhando cego com uma bengala, não como ferramentas utilitárias que nos separam de um mundo dado, mas como extensões protéticas e cadeias transdutivas que borram as fronteiras entre mente, corpo, instrumento técnico e mundo. Trata-se de inventar o mecanismo de mediação e, simultaneamente, criar uma "segunda natureza": não como delírio transumanista de descarte da natureza ou da humanidade, mas como dimensão imaginativa que nos acople ética e poeticamente ao que nos cerca.

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

PAISAGENS MODERNAS: FELIPPE D'OLIVEIRA E O ART DÉCO TARDIO DE SANTA MARIA

Lucas da Cunha Zamberlan (UFSM)

Este trabalho analisa a poesia de Felipe D'Oliveira, especialmente no livro *Lanterna Verde*, que completa seu centenário em 2026, e as formas pelas quais seus versos constroem imagens da cidade e da experiência moderna. Ao privilegiar aspectos como a visualidade, o ritmo irregular e a organização espacial do verso, o estudo desloca a leitura do autor de uma filiação estritamente literária para um campo ampliado de diálogo estético, o que revela afinidades produtivas com linguagens visuais, paisagens urbanas e elementos arquitetônicos que caracterizam a modernidade do início do século XX. A pesquisa busca desenvolver um exame dos intercâmbios entre a poesia do autor e a arquitetura de Santa Maria, sua cidade natal, reconhecida por reunir o segundo maior acervo contínuo *Art Déco* do mundo – superado apenas pela Ocean Drive, em Miami. Para sustentar essa leitura proposta, recorre-se aos estudos de Bruhn, Elleström e Rajewsky cujas reflexões sobre intermedialidade e mediação artística permitem compreender a complexidade da matéria avaliada. A partir dos resultados obtidos, sublinha-se o modo criativo com que a poesia de Felipe D'Oliveira relaciona-se intrinsecamente com uma sensibilidade *Art Déco* tardia, na qual literatura, arquitetura e conformações históricas e sociais convergem como formas substantivas de experiência e representação da modernidade.

É APENAS MAIS UM GRAFITE: A CIDADE/PAISAGEM COMO ESPAÇO DA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Maria Ângela de Araújo Resende (UFSJ)

Este trabalho pretende pensar a paisagem e a experiência urbana presentes na obra *Até agora – poemas reunidos* (2010) de Régis Bonvicino, a partir das relações entre escrita, corpo e cidade. A densa poética de Bonvicino (1975-2022) nos permite pensar a paisagem a partir do dentro e do fora, e não apenas como espaço privilegiado da visão ou da moldura. De acordo com o geógrafo Milton Santos (2006), uma cidade se constitui dos registros da vida cotidiana e das suas referências, das memórias coletivas e individuais que atravessam as histórias de vida e as experiências que estão trocadas nos lugares que compõem o cenário urbano. Assim, ao pensar/escrever a cidade e suas paisagens multifacetadas, o poeta não se coloca apenas como observador, e sim como sujeito que se compõe e se recompõe nos interstícios da metrópole. Entre fraturas expostas e superpostas, a paisagem superurbana das grandes metrópoles se configura: grafites, outdoors, muros, alfalto, ruas, lixo, andarilhos, ateliês, edifícios, casas, buzinas, sirenes, prostitutas, travestis, faturas, empresários, poetas. Paisagem fraturada. De maneira sistemática, tais recortes se apresentam impregnados por uma conotação dramática que se faz presente na própria apreensão da paisagem.

DE COLINA SAGRADA A DENTE CARIADO: O MORRO DO CASTELO E AS HISTÓRIAS DO RIO

Maria Cristina Cardoso Ribas (UERJ)

Este estudo é o desenvolvimento da pesquisa que analisa a composição imagética do Rio de Janeiro através de uma leitura intermidiática das leituras que atravessam modos, modalidades (Elleström, 2020) e midialidades constitutivas da cidade (nem sempre) maravilhosa. Entre pântanos e morros, sacudida por sucessivos aterros e desmontes – no duplo sentido que as palavras permitem –, nosso percurso traz à cena vozes da literatura e da imprensa (com destaque para Lima Barreto) que confrontaram o discurso oficial; discurso que, em função da política em circulação, justificava as derrubadas na cidade sob a rubrica do embelezamento e sob o fundamento da questão sanitária e das teorias dos miasmas – antiga visão da saúde pública que associava doenças infecciosas a “mal ar” (daí malária), resultante da “inevitável” concentração da população em determinados espaços e do “evidente” bloqueio das montanhas no centro da cidade. Atualizando as questões já desenvolvidas em pesquisa anterior acerca do documentário *O Desmonte do Monte* (2018), de Sinai Sganzerla, o título do presente trabalho inspira-se no livro sobre a modernidade carioca do historiador Antonio Edmilson Rodrigues (2024) e na denúncia presente nas crônicas de Lima Barreto publicadas de 28/4 a 03/6/1905 no jornal *Correio da Manhã* e coligidas em *O Subterrâneo do Morro do Castelo* e no livro *Era uma vez o Morro do Castelo*, por Nonato & Santos. Esperamos compartilhar uma configuração paisagística *lato sensu*, cuja dimensão de apagamento reincide, ainda hoje, como ponto de fuga das imagens desse belo cartão-postal chamado Rio de Janeiro.

A PAISAGEM COMO MODO DE COMPOSIÇÃO E PERCEPÇÃO DA CENA

Maria Clara Ferrer (UFSJ)

Em uma conferência proferida em 1934, no âmbito de um ciclo de eventos em universidades americanas, Gertrude Stein, ao refletir sobre sua relação com a arte teatral como escritora e espectadora, sugere que uma peça de teatro possa ser concebida como uma paisagem. Desprendida da necessidade de contar uma história, a *landscape play*, vislumbrada pela autora, apresenta-se como uma composição cuja ação emerge da relação não hierárquica entre elementos que coexistem e constituem um todo. Em vista de suas reverberações nos discursos e nas práticas cênicas contemporâneas, a reflexão de Stein merece ser desdobrada e aprofundada para além de uma leitura meramente metafórica. De modo mais concreto e preciso, como o conceito de paisagem – mobilizado por diversos campos de saber, como as artes visuais, a geografia, a filosofia e a literatura – se traduz na linguagem cênica? Por meio de quais princípios seu caráter relacional opera na configuração da cena? Buscando compreender a paisagem como um modo de composição e de percepção da cena, delineamos o conceito de cena-paisagem a partir de três critérios que caracterizam sua concepção: o efeito de horizonte; o não antropocentrismo; e o caminhar do olhar. A partir da análise de registros de espetáculos de Bob Wilson, Maguy Marin, Claude Régy, Lia Rodrigues e do Teatro da Vertigem, investigaremos como esses três aspectos são trabalhados cenicamente.

O RIO DE JANEIRO CONTINUA SENDO: A PAISAGEM CULTURAL CARIOCA TRANSMIDIADA EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS

Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

O Rio de Janeiro está na moda. Em 2025, foi visitado por mais de 1,9 milhão de estrangeiros. A revista inglesa *Time Out* elegeu uma de suas ruas como a mais *cool* do mundo. A “cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos” foi a primeira área urbana do mundo a ter reconhecido o valor universal da harmonia entre paisagem natural e intervenção humana, inclusive em suas manifestações culturais. Em 2012, a paisagem carioca formada entre a montanha e o mar passou a integrar a categoria de “paisagem cultural”, conceito adotado pela Unesco nos anos 1990. Para o geógrafo Carl Sauer (1925), a paisagem cultural e a paisagem natural são partes de um único objeto, extrapolando o tratamento compartimentado entre o material e o imaterial. Esse entendimento permite a compreensão da interdependência das materialidades produzidas pelo homem e as dinâmicas da natureza. Para compreender esse tipo de “ação antrópica sobre a natureza”, o arquiteto Flávio Carsalade (2016) propõe que o conceito de paisagem cultural, voltado para os aspectos simbólicos, seja pensado juntamente com o de *território*, voltado para a apropriação e as relações socioeconômicas que aí se exercem. O objetivo desta comunicação é comparar e contrastar como as relações simbólicas e socioeconômicas inerentes à paisagem cultural do Rio de Janeiro são transmidiadas (Elleström) por meio de écfrases (Clüver, Vieira) em *Flores Raras e Banalíssimas* (Carmen Oliveira, 1995) e *A vista particular* (Ricardo Lísias, 2016); e por recursos multimodais (Gibbons, Maziarczyk) em *Confinada* (Leandro Assis e Triscila Oliveira, 2021) e *O Rio de Clarice* (Teresa Montero, 2019).

AGORA-DO-ONTEM

Nydia Negromonte (artista)

Nydia Negromonte apresenta sua pesquisa e processo criativo a partir de um conjunto de obras realizadas em diferentes momentos de sua trajetória, propondo um diálogo com o tema “Paisagem, memória, nostalgia”. A partir de trabalhos que atravessam fotografia, instalação e colagem, a artista compartilha modos de trabalhar com imagens e materiais que carregam o tempo – memórias pessoais, vestígios e transformações. Na série *Lição de Coisas II* (2009-2012), imagens do arquivo familiar são colocadas lado a lado com ilustrações de um antigo livro didático, criando relações inesperadas entre lembrança e aprendizado, experiência e representação. Essa aproximação com o arquivo também aparece em *Jasmim do Cabo* (2010), uma intervenção realizada em uma casa desabitada em Belo Horizonte, onde fotografias da família que viveu ali nos anos 1940 são fixadas nas paredes, ativando a memória do espaço. Já em *Posta* (2012), apresentada na 30ª Bienal de São Paulo, a artista trabalha com matéria viva: hortaliças cobertas por argila que, ao longo do tempo, brotam, secam e se transformam. Aqui, a passagem do tempo deixa de ser apenas imagem e se torna processo visível. Esse interesse pelas transformações da memória continua em *Fabulação* (2019) e *Praça*, onde fotografias do arquivo familiar são recortadas e recombinadas, criando novas

imagens que misturam lembrança e invenção. Ao percorrer essas obras, a artista propõe pensar a paisagem não apenas como lugar, mas como algo construído ao longo do tempo – feito de lembranças, apagamentos e recriações. A nostalgia, nesse contexto, aparece menos como saudade do passado e mais como uma forma de reinventá-la no presente.

RONDAR OS BURACOS NA TERRA ARROMBADA, A IMAGEM QUE NÃO SE VÊ

Simone Cortezão Freire (IFMG)

Relato de uma pesquisa desenvolvida ao longo de 22 anos, leitura de um percurso que atravessa territórios marcados pela mineração, onde se conformam e se deformam paisagens alteradas pelos processos econômicos industriais – do Brasil ao deserto do Atacama, da China continental às fronteiras do Brasil com o Paraguai. Lugares onde a extração do ferro, do salitre e do cobre deixou marcas profundas: cidades abandonadas, lixos tóxicos, zonas limítrofes e inóspitas. Paisagens alteradas, decomposição de territórios “minados”, de onde surgem os refluxos de toda a materialidade que forma a economia – definida como zonas de ressaca. A investigação se desenvolve a partir de experiências que transitam do pessoal ao intensamente público e político, revelando os processos entrópicos e os efeitos climáticos de uma economia baseada na exaustão – a partir de imagens, indícios, passagens e conteúdos que tocam as urgências do nosso tempo. Uma reflexão sobre o território e as paisagens alteradas, a história mineral por meio de imagens de arquivos diversos, em múltiplas imagens, sons e acontecimentos que ocorrem no extracampo da imagem e no tempo da imagem que não se vê. Uma deriva por outras linhas de compreensão da história mineral, da complexidade resultante dos modos de vida e dos processos urbano-industriais da extração de minérios e do deslocamento de paisagens.

COMUNICAÇÕES ORAIS

PAISAGENS-MUNDO GEOPOLÍTICOS: INTERSEÇÕES ENTRE IDEOLOGIA, ESTÉTICA, GEOGRAFIA E PODER

Adolfo Enrique Cifuentes (UFMG)

A apresentação do tema do V Colóquio ESI nos lembra que o verbete inglês *land*, está inserido na palavra *landscape* (paisagem). Ele está também presente na palavra *heartland* que, desde MacKinder, faz parte da história dos últimos dois séculos. Essa bela imagem de um “coração da Terra” pode definir tanto a área central de um país ou região quanto o centro de origem de uma nação, ou movimento ideológico; podendo designar, também, regiões específicas: o meio-oeste, por exemplo, região central dos EUA, por oposição às áreas litorâneas desse país. No caso do famoso artigo de MacKinder “The Geographical Pivot of History”, esse *heartland* faz referência à Rússia, coração da massa eurasiática, incluindo nela as regiões adjacentes que constituíram, depois, a antiga URSS e suas regiões de influência: a Europa oriental, o Cáucaso e a Ásia central. Mais tarde Nicholas Spykeman complementou à imagem do *heartland* com um novo conceito que inclui também o verbete *land: rimland* (terra das bordas), designando as áreas litorâneas que rodeiam, segurariam e impediriam a expansão desse coração-terra, dando continuidade assim, tanto à imagem quanto à visão ideológica que definiu a disciplina que conhecemos hoje como Geopolítica. A partir da análise de algumas obras representativas do campo das artes visuais, esta comunicação explorará interseções entre imagem, ideologia, estética, geografia, política e poder inseridas na construção simbólica do espaço, incluindo nas paisagens-mundo pospostas pela geopolítica, disciplina localizada numa complexa interseção entre ciências duras (Geografia, Recursos naturais), ciências humanas (Sociologia, História) e ciências econômicas e militares.

ENTRE VENTOS E CHARNECAS: A PAISAGEM COMO ELEMENTO NARRATIVO EM O MORRO DOS VENTOS UIVANTES DE EMILY BRONTË

Adriana dos Santos Sales (Cefet – MG)

Este trabalho analisa *O morro dos ventos uivantes* (1847), de Emily Brontë, a partir da centralidade da paisagem e dos fenômenos climáticos como elementos estruturantes da narrativa literária, e de sua reconfiguração intermediária na adaptação cinematográfica de 2012, dirigida por Andrea Arnold. Parte-se da noção de paisagem como construção cultural, perceptiva e geográfica, em diálogo com abordagens da geografia literária que compreendem o espaço como sistema dinâmico de relações entre natureza, memória e afetos (Brazzelli, 2021). Em consonância com perspectivas ecocríticas, a paisagem é entendida como agente ativo, capaz de mediar relações éticas, afetivas e simbólicas entre sujeitos humanos e não humanos (Tang; Liu, 2014. Ali, 2025). As paisagens dos páramos, nesse contexto, atuam como instâncias narrativas que refletem e intensificam conflitos

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

afetivos e estados psicológicos das personagens, articulando interioridade e exterioridade (Davis, 1983). A metodologia adotada é de caráter qualitativo e comparativo, articulando análise textual do romance, leitura crítico-teórica da paisagem literária – com ênfase em aportes ecocríticos – e análise fílmica da adaptação de 2012, considerando recursos sensoriais, como enquadramentos, som direto, textura da imagem e ritmo. O termo *wuthering*, traduzível como “tempestuoso” ou “exposto a ventos violentos”, é compreendido como princípio poético que articula clima, emoção e narrativa (Tytler, 2016). Como resultados esperados, pretende-se demonstrar que a paisagem em *O morro dos ventos uivantes* funciona como instância narrativa ativa, cuja função é intensificada na adaptação cinematográfica por meio de uma experiência sensorial e corporal do espaço, contribuindo para os debates sobre paisagens literárias, ecocrítica e intermedialidade.

ENTRE O CAMPO E A FÁBRICA: PAISAGENS LITERÁRIAS E ESPAÇO SOCIAL EM NORTE E SUL, DE ELIZABETH GASKELL

Adriana dos Santos Sales (Cefet – MG)

Este trabalho propõe uma análise de *Norte e Sul* (1855), de Elizabeth Gaskell, a partir da configuração das paisagens literárias como elementos estruturantes da narrativa e de sua reconfiguração intermidiática na adaptação televisiva produzida pela BBC, em 2004. A investigação parte da oposição espacial entre o sul (rural e idealizado da Inglaterra) e o norte (industrializado, marcado pela cidade fictícia de Milton), compreendendo a paisagem não apenas como cenário, mas como construção cultural, social e ideológica (Uglow, 1993). Ancorado em abordagens da geografia literária e dos estudos do espaço, este trabalho analisa como o romance articula natureza, urbanização, classe social e relações de trabalho, transformando a paisagem em mediadora dos conflitos éticos, afetivos e políticos vivenciados pelas personagens, especialmente Margaret Hale e John Thornton. O espaço industrial – com suas fábricas, fumaça e ruídos – funciona como paisagem sensorial e moral, refletindo tensões entre progresso, exploração e responsabilidade social, aspecto central do chamado “romance industrial vitoriano”, no qual Gaskell ocupa lugar de destaque. A metodologia adotada é qualitativa e comparativa, articulando análise textual do romance com análise fílmica da adaptação, considerando recursos audiovisuais, como composição visual, iluminação, som e ritmo narrativo. Na adaptação televisiva, observa-se uma intensificação visual e emocional da oposição entre campo e indústria, que desloca e reconfigura os significados da paisagem literária para uma experiência imagética e afetiva (Hutcheon, 2011). Como resultados esperados, o trabalho busca demonstrar que *Norte e Sul* constrói uma poética da paisagem social, na qual espaço, subjetividade e crítica social se entrelaçam, evidenciando o potencial da intermedialidade para ressignificar paisagens literárias em novas materialidades narrativas.

A ARTEALIZAÇÃO DE PAISAGENS EM MINAS GERAIS PELO MOVIMENTO MODERNO BRASILEIRO: VIAGENS LITERÁRIAS, VISUAIS E SONORAS

Alba Nélida de Mendonça Bispo (EOTM/PUC Minas) e Liziane Peres Mangili (UFSJ)

Nesta pesquisa investigamos como as paisagens foram idealizadas e modeladas por artistas e intelectuais do modernismo brasileiro para expressar uma feição moderna e nacional, com destaque para as viagens realizadas por Mário de Andrade, Lucio Costa e Villa Lobos, entre as décadas de 1920 e 1930. Examinamos o interior mineiro como objeto de preservação patrimonial e paisagística, sobretudo através das primeiras experiências de tombamento de cidades, efetuadas em 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan): Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei, Tiradentes, Serro e Diamantina. Nesse contexto, diferentes aspectos do imaginário paisagístico foram registrados em artes literárias, visuais e sonoras por intelectuais e artistas modernos em viagens de inventário, partindo do eixo Rio–São Paulo rumo ao interior. Os trabalhos artísticos resultantes dessas expedições retrataram marcas identitárias compatíveis com o caráter vanguardista do movimento moderno brasileiro, que buscou negar o importado, o estrangeiro, o europeu e o colonizador, para afirmar o interiorano, o nativo, o brasileiro e o habitante. Partimos da análise da Semana de Arte Moderna (1922), da Missão de Pesquisas Folclóricas (1928-1938) e dos processos de tombamento do Iphan (1938), para destacar as contribuições de Mário de Andrade, Lucio Costa e Villa Lobos na defesa de vínculos entre modernidade e tradição. Entre os resultados, evidenciam-se como essas viagens contribuíram para consagrar as cidades setecentistas mineiras como símbolos nacionais e como território experimental do modernismo, principalmente ao refletir sobre as insurgências estéticas no contexto de constituição do campo do patrimônio e do movimento moderno no Brasil.

SILHUETAS VERMELHAS NOS ESPAÇOS VERDES: AS PAISAGENS E AS PASSAGENS DRAMÁTICAS NO ROMANCE GRÁFICO *AFIRMA PEREIRA*

Alessandra Matias Querido (UnB)

Afirma Pereira (publicado em 1994), de Antonio Tabucchi, propõe uma profunda reflexão sobre a ditadura franquista pelos olhos do jornalista Pereira. A premiada adaptação em história em quadrinhos, de Pierre-Henry Goumont (publicado em 2015), expande em linguagem visual a densidade da obra literária, ao utilizar uma paleta de cores que dialoga com os conflitos da narrativa. O quadrinista utiliza amarelo, laranja e vermelho na representação de Lisboa e, em contrapartida, utiliza tons de verde nas paisagens onde ocorrem os encontros entre Pereira e o subversivo Monteiro Rossi. Além disso, acrescenta às cenas silhuetas vermelhas que surgem como uma metáfora visual dos sentimentos dos dois personagens. O contraste entre as cores frias e quentes no decorrer das páginas move o leitor de maneira dramática. Tendo isso em vista, propomos nesta pesquisa a análise do uso das cores verde e vermelha no romance gráfico *Afirma Pereira* para representar os espaços externos e os conflitos internos propostos por Tabucchi. Abordaremos, principalmente, os conceitos de transposição midiática, combinação de mídias e referências intermidiáticas propostos

por Irina Rajewsky (2005) para discutir a adaptação do texto literário, bem como outros textos teóricos da obra de Bruhn, Azcárete e Vieira (2024). Acreditamos que a interpretação de Goumont da obra de Tabucchi oferece ao leitor uma forma poética e profunda de lidar com temas tão dolorosos como a ditadura, a qual, para muitos artistas, só é possível rememorar por meio da Arte.

CONTRABAIXO ACÚSTICO E PAISAGEM SONORA

Alessandro de Oliveira e Marcos Antônio Pinheiro Anunciação (UFSJ)

A paisagem sonora tem vários aspectos, entre eles parâmetros de acústica, sons do ambiente, silêncio e duração dos sons, usando instrumentos tradicionais ou não convencionais. Sob tal contexto, pode-se pensar o contrabaixo acústico como um instrumento de veículo sonoro que, ao longo da história, tanto em orquestras quanto na música contemporânea, trouxe em sua estrutura o som grave como característica, proporcionando a criação de uma linguagem peculiar. Tal instrumento pode sugerir, em seu aspecto, um som que remete ao: sombrio, dramático, triste, de bravura, heroico, ou mesmo a morte. Entre os possíveis exemplos ligados a essa característica de música, citamos a peça “O Elefante”, do compositor francês Charles-Camille Saint-Saëns, para contrabaixo e piano, que simula o andar do elefante e compõe uma das peças do conjunto de obras *Carnaval dos animais*. Na peça, nota-se o contrabaixo em sua imponência dando sonoridade aos passos do elefante, e o piano com sons delicados de uma dança.

A PAISAGEM NA XILOGRAVURA DE HANNAH BRANDT

Alex Miyoshi (UFU) e Eliana Ambrosio (UFMG)

Hanna Henriette Brandt (1923-2020), artista alemã naturalizada brasileira tem uma produção múltipla e singular. Na xilogravura, explorando as particularidades físicas da matéria, entalhou e imprimiu com refinado apuro técnico. Nela, os veios das matrizes combinam-se de maneira orgânica ao uso das cores, expressando a visão de um mundo ao mesmo tempo sólido e diáfano, sempre harmonioso. Brandt idealizou e concebeu territórios e espécies imaginários; retratou temas bíblicos e míticos; diferentes regiões brasileiras; além de recriar elementos minerais, botânicos e animais. Em sua obra, tudo remete ao meio ambiente. Nas décadas de 1950 e 1960, ainda que a gravadora tenha se concentrado em figuras humanas e temas sociais, sob influência do expressionismo e usando especialmente o preto e o branco, ela não deixou de manifestar a potência latente da paisagem. Em trabalhos subsequentes, porém, o vetor paisagístico se impõe. Pigmentos, formas e camadas ganham movimento, textura e volume, a natureza se expande em representações luminosas. Mesmo em gravuras que parecem fugir ao escopo paisagista, como na série das letras do alfabeto hebraico, o resultado alude a terrenos rochosos. Esta comunicação apresenta um panorama da trajetória da artista e analisa questões compositivas, técnicas e filosóficas dando ênfase à centralidade da paisagem na arte de Hanna Brandt.

PAISAGEM BUROCRÁTICA EM (TRANS)FORMAÇÃO DA VILA DE SANTA BÁRBARA/MG NO SÉCULO 19: O LIVRO DE ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL

Aléxia Teles Guimarães (UFMG)

O *Livro de atas da Vila de Santa Bárbara* é um volume manuscrito composto por 150 fólios, com escrita humanística cursiva em frente e verso, que se encontra na biblioteca do Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte. Trata-se de um dos poucos testemunhos da língua usada no estado de Minas Gerais do século XIX e, apesar de ser um documento administrativo, consequentemente composto por uma língua mais formal, há muitas marcas de oralidade ao longo de todo o texto. Seu conteúdo mostra o funcionamento não apenas da burocracia de uma cidade mineira no século XIX, mas também as questões relacionadas ao funcionamento e à vida social da cidade. Esse documento, em papel muito bem preservado, foi transcrito para, em seguida, elaborar-se sua edição paleográfica, que busca tornar um texto antigo mais legível sem que ele perca a sua forma original. Também foram analisadas as suas abreviaturas, além de ter sido elaborado um alfabeto. O público-alvo do produto desta pesquisa são, principalmente, os historiadores e linguistas, mas também os arquitetos, já que as atas que compõem o documento tratam com muita frequência da construção de pontes, prédios e vias públicas, e dos problemas e questões que giram em torno das decisões tomadas pela prefeitura, da reação da população e a interação com a paisagem tanto física quanto humana da cidade.

PAISAGENS SONORAS E MAL-ESTAR NA CIDADE: UMA LEITURA DE O SOM AO REDOR, DE KLÉBER MENDONÇA FILHO

Alfredo Werney Lima Torres (IFPI)

O som ao redor é o primeiro longa-metragem de ficção dirigido pelo cineasta Kléber Mendonça Filho. Um dos aspectos formais que mais se destacam na obra é o uso do som, marcado por uma atmosfera hiper-realista. O diretor mobiliza o som – assim como a música, elementos aqui profundamente articulados – como um dispositivo expressivo capaz de traduzir o cotidiano caótico e o mal-estar que atravessam a experiência urbana contemporânea. Longe de funcionar como mero complemento das imagens, as paisagens sonoras do filme ocupam um lugar central na tessitura narrativa e na crítica social elaborada por Mendonça Filho. Por meio delas, o cineasta reflete sobre as novas configurações urbanas da cidade do Recife, ainda atravessadas por fortes resquícios do passado colonial e dos processos históricos de escravização. O objetivo desta comunicação é propor uma análise cultural de *O som ao redor* a partir da construção de seu desenho de som e do uso da música. Com base nas reflexões de Murray Schafer sobre o conceito de paisagem sonora e nos aportes teóricos de Zygmunt Bauman acerca do medo e da desconfiança nas cidades contemporâneas, investigamos de que modo os elementos formais supracitados contribuem para a elaboração da crítica do diretor às novas paisagens urbanas do Brasil contemporâneo.

“EARTH SONG”, DE MICHAEL JACKSON: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA

Aline Barbosa de Almeida (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

O objeto escolhido para esta análise é a música “Earth Song”, do cantor Michael Jackson, lançada em 1995. Além da letra da música, analisaremos o momento histórico e cultural da época, as imagens do vídeo da canção e os elementos musicais que a conformam, elementos fundamentais ao contexto da obra. A ecocrítica, arcabouço teórico do presente estudo, procura compreender como a literatura, a música e outras formas culturais expressam tensões ambientais e as crises socioecológicas da atualidade; o que justifica a escolha de “Earth Song” como objeto de análise, uma vez que a música aponta elementos de lamentação e denúncia, uma visão crítica do impacto humano sobre a natureza e das consequências para os seres humanos. Após a análise de “Earth Song”, podemos perceber que esta se configura como uma obra audiovisual emblemática no campo da ecocrítica, ao reunir elementos sonoros, verbais e visuais que expressam, de maneira contundente, a urgência da crise ambiental contemporânea. Por meio de uma narrativa sensível, Michael Jackson não apenas denuncia a destruição da natureza e seus impactos, mas também humaniza essa catástrofe ao relacioná-la diretamente ao sofrimento das populações afetadas. Assim, “Earth Song” transcende seu papel artístico e se torna um chamado ético para a reconciliação entre o ser humano e o planeta, reafirmando a importância da arte como ferramenta de sensibilização e transformação social diante dos desafios ambientais. Como fundamentação teórica, serão utilizados o livro *The wealth of nature: environmental history and the ecological imagination* (Worster, 1993) e o artigo “No princípio era a natureza: percursos da ecocrítica” (Mendes, 2020).

A VOZ ÚMIDA DA LAMA

Aline Guimarães Couto (UFJF)

Este trabalho propõe uma leitura do poema “O úmido centro do homem”, integrante do livro *O gosto amargo dos metais* (2022), de Prisca Agustoni, a partir da noção de paisagem enquanto construção estética, ética e política. A paisagem é compreendida não apenas como espaço físico, mas como território sensível em que corpo, matéria e mundo se atravessam, produzindo uma poética marcada pela umidade, pela lama e pelos vestígios da exploração mineral. A análise estabelece um diálogo com o pensamento do economista equatoriano Alberto Acosta, especialmente com o conceito de “Bem viver”, que propõe uma crítica ao modelo desenvolvimentista hegemônico e defende outras formas de relação entre sociedade e natureza, inspiradas em cosmologias indígenas. Ao articular poesia contemporânea e pensamento decolonial, investiga-se de que modo o poema de Agustoni reinscreve a paisagem como espaço de tensão, memória e resistência, deslocando perspectivas antropocêntricas e evidenciando as marcas deixadas pela lógica extrativista. Nesse sentido, a paisagem deixa de funcionar como mero cenário para assumir um papel ativo na construção do sentido poético, tornando-se matéria discursiva e crítica. Questiona-se, por fim, se “o úmido centro do homem” pode ser compreendido como parte de uma possível “poética do bem viver”, na qual a

escrita poética elabora modos alternativos de habitar o mundo e de pensar a relação entre humanidade, natureza e linguagem.

O TEMPO PASSA, O ESPAÇO FICA: MEMÓRIA (D)E ARQUITETURA EM AO FAROL

Amanda Neves Campos e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Uma casa carrega a memória dos que ali viveram, especialmente em suas ausências. Lars Elleström (2021) propõe que uma mídia, ao ser evocada, cria experiências na mente do receptor, assim a arquitetura pode criar tais experiências. Para Gaston Bachelard (2008), a casa é um espaço de armazenamento das memórias afetivas, integrando pensamentos, sonhos e lembranças. O filósofo afirma ainda que a partir desse espaço de intimidade é possível então ler uma casa. O arquiteto Steen Rasmussen (1986) explica que edifícios estão intimamente ligados à vida comum e, dessa forma, exercem influência sobre o ser humano que ali habita. Para Stephanie Glaser (2020), as representações verbais da arquitetura constroem o espaço a partir de uma complexa camada temporal. E ainda, de acordo com o modelo interpretativo para estudo da presença da arquitetura na literatura (Vieira, 2021), por meio do recurso literário éfrase, um leitor pode ser guiado em uma performance virtual, de modo a interagir com a obra arquitetônica. Partindo desses pressupostos, busca-se, para esta apresentação, analisar a casa de veraneio da família Ramsay, presente no romance *Ao farol* (1927), de Virginia Woolf. A casa, desabitada pela família durante dez anos, é percebida a partir do olhar da Sra. MacNab, que, ao cuidar da casa, também a vivencia por meio de uma paisagem constituída das memórias deixadas pela família. Assim, o objetivo é estabelecer relações entre a casa e os personagens no romance, articulando-a aos aportes teóricos supracitados.

PAISAGEM FEITA DE MEMÓRIA: EM EMILY JACIR, HONG-AN TRUONG E MARIA CHAVEZ

Ana Beatriz Campos de Castro Pacheco (UnB)

O presente trabalho propõe uma análise teórico-poética das obras *Material for a film* (2004), de Emily Jacir; *Tell me terrible things they have known* (2016), de Hong-An Truong; e da série de trabalhos de Maria Chavez desenvolvidos a partir de sua pesquisa intitulada *Topografia do som* (2007–2022). Percorrendo, respectivamente, os campos da instalação, da videoarte e da arte sonora, buscamos articular o sentido mnemônico dessas produções a partir de uma base poética comparativa fundamentada nas técnicas mnemônicas descritas por Frances Yates em *A arte da memória* (2007), em especial aquelas sistematizadas por Cícero em *De oratore* (55 a.C.). Nelas, destaca-se o caráter imagético do espaço interno da memória, entendido como um espaço que, ao ser recriado mentalmente por meio da construção de arquiteturas imaginárias (Yates, 2007), pode operar como base estocástica para o exercício técnico e imagético da lembrança. O espaço da memória refere-se, assim, a um campo virtual e poético onde se constituem as paisagens presentes nas obras de

Jacir, Truong e Chavez – paisagens da hipermemória (Chavez, 2020) e da memória vivida em sua dimensão corpórea. Tais paisagens dizem respeito tanto à memória coletiva quanto aos entremeios da memória pessoal de indivíduos anônimos. Tomando como base filosófica as *Teses sobre o conceito de história* (1940), de Walter Benjamin, pensaremos a respeito das relações espaciais, temporais e políticas das paisagens propostas pelas artistas e a relação dos resíduos e dos ruídos do passado no presente.

O “RUÍDO BRANCO” E OS SONS DE RUPTURA NOS SOUNDSCAPES DE “THE YEARS”, DE VIRGINIA WOOLF

Ana Carolina de Azevedo Guedes (UERJ)

O trabalho que se pretende apresentar visa demonstrar como Virginia Woolf (1882-1941) traçou, ao longo de suas obras, um ambicioso projeto estético sonoro, no bojo do modernismo inglês. Pretende-se demonstrar como os sons tomam forma no bojo da construção ficcional de Woolf, e a separação entre sons humanos, não humanos e *noises*; tendo em consideração a passagem da Era Vitoriana para a Eduardiana e Georgiana. É a partir dessa configuração inicial que podemos estabelecer o que se considera *White noise* ou “ruído branco”, e o modo como a invenção de tecnologias sonoras é captada nas narrativas ficcionais curtas e longas. No caso de Woolf, o projeto estético-sonoro que se apresenta na saga da família Pargiter em *The Years* (1937) atravessa décadas da história da Inglaterra e inclui o *soundscape* de diferentes momentos históricos, como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), evidenciando, assim, a relação das personagens com a música, o ruído e os sons destacados na vida mundana. Entendendo a arquitetura sonora de *The Years* como um trabalho robusto no que tange à sonoridade e ao seu planejamento como artifício literário, o que se pretende apresentar é como no experimento voltado para o elemento sonoro, o *soundscape* se impõe como caminho analítico para o estudo da paisagem sonora woolfiana, que entremeia o natural com o tecnológico.

A FEIRA COMO PALCO E PARTITURA: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E PAISAGENS SONORAS NA PERFORMANCE "FEIRA DE MANGAIO"

Ana Carolina dos Santos Martins e Gleidson Jordan dos Santos (FAMES)

O presente trabalho busca analisar um musical desenvolvido pelo Projeto Corais nas escolas do Programa Música na Rede como mecanismo de construção de paisagens culturais. O objeto de estudo trata-se da montagem cênico-musical "Feira de Mangaio", performada na cidade de Serra/ES. A partir do conceito de paisagem sonora (Schafer, 2012), investiga-se como o ambiente da feira livre – caracterizado pela polifonia de vozes, gritos de pregão e ruídos de montagem – transcende a função comercial para se tornar um território de negociação identitária. A narrativa acompanha o deslocamento de um turista nordestino pelo Espírito Santo, utilizando o repertório

musical (de "Anunciação" ao "Xote capixaba") não apenas como trilha, mas como elemento dramaturgico que demarca territórios geográficos e afetivos. A performance evidencia a tensão dialética entre o "estranhamento" do forasteiro e o *habitus* local (o "capixaba bruto", a ausência de setas no trânsito, a busca pela moqueca), transformando estereótipos em material estético. Fundamentado na teoria da performance e na etnomusicologia, o estudo demonstra como a justaposição de canções icônicas ("Maria Maria", "O morro não tem vez") e a encenação do cotidiano (o calor, o cansaço físico) compõem uma "cartografia sonora". Conclui-se que a obra atua como um dispositivo de memória e afirmação cultural, onde a sonoridade da feira e a música popular operam sinergeticamente para redefinir o espaço urbano e a identidade capixaba sob uma ótica lúdica e crítica.

MÚSICA E SURDEZ: UMA ANÁLISE DA VIDEOPERFORMANCE DE *IMAGINE* DO PROGRAMA MÚSICA NA REDE – ES

Ana Carolina dos Santos Martins e Gleidson Jordan dos Santos (FAMES)

O presente trabalho propõe uma análise da videoperformance da obra musical "Imagine", de John Lennon, sob a ótica da intermedialidade e da construção de paisagens multimodais. Considerando que a paisagem não é um dado da natureza, mas uma construção do olhar e da percepção – como aponta Schama (1995), investigamos como a inserção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em um coral e a performance de uma corista surda reconfiguram a paisagem sonora do canto coral. Na obra analisada, o coro utiliza luvas que destacam o movimento das mãos, transformando os sinais da Libras em um elemento fundamental para a performance. Essa escolha estética opera como um "instrumento ótico" – análogo ao "espelho de Claude" mencionado por Williams (1973) – que medeia a relação entre o som e a imagem, fabricando uma nova paisagem, onde o ouvir não se dissocia do ver. A performance da corista surda que canta, narra e sinaliza, enquanto o coro canta e sinaliza, rompe com a hegemonia ouvintista e reivindica o direito à paisagem musical para todas as pessoas, independentemente de sua condição de estar no mundo (Gesser, 2009). A análise demonstra que a obra cria uma paisagem híbrida, onde as fronteiras entre música (som) e Libras (imagem e língua) se diluem. O uso das luvas e a corporalidade expressiva compõem uma "cartografia visual do som", permitindo que o espectador – ouvinte ou surdo – transite por uma experiência estética que evoca memória, identidade e inclusão. Conclui-se que a videoperformance analisada não apenas representa uma música, mas inaugura uma paisagem cultural acessível, onde a surdez não é o silêncio da paisagem nem caracteriza a inaptidão desse fazer (Martins; Santos, 2023), mas ao contrário indica uma nova forma de habitá-la e percebê-la.

O GRAMOFONE, O RIO E A MEMÓRIA: FRAGMENTOS DE *COMO O SOLDADO CONSERTA O GRAMOFONE*, DE SAŠA STANIŠIĆ

Ana Clara Amaral de Oliveira (USP)

A repentina aversão a qualquer música que remeta à cultura turca ou croata é o que escancara as portas para a entrada da guerra no romance de estreia do autor bósnio-alemão Saša Stanišić, *Como o soldado conserta o gramofone* (2006). Na obra, Aleksandar Krsmanović conta sua história desde a infância na Bósnia pré-guerra civil até o refúgio na Alemanha e o retorno ao seu lugar de origem devastado pelo conflito que desintegrou a antiga Iugoslávia. A limpeza étnica que se buscava na guerra também era uma tentativa de genocídio cultural, o que aparece na narrativa através da censura de qualquer música senão as de origem sérvia. O gramofone representa uma metáfora para a memória, enquanto a música em si é utilizada para mostrar as memórias em disputa. A jornada de Aleksandar é uma tentativa de resolver sua crise de identidade por meio da reconstrução de suas lembranças. A paisagem é uma grande amiga do personagem. Ele sabe de cor quantos passos precisa para chegar a cada ponto de Višegrad, que é cercada pelos rios Drina e Rzav. Entretanto, ao retornar à cidade já adulto, ele percebe que ela foi profundamente mudada pela guerra, nem mesmo o Drina, com quem tinha longas conversas, permanece o mesmo. Esta apresentação tem como objetivo analisar, mediante três cenas da obra de Stanišić, o que a resposta à pergunta "como o soldado conserta o gramofone?" tem a ver com a guerra e qual o papel da paisagem na memória do protagonista.

INVENTÁRIO DE PAISAGENS – O NARRADOR VIAJANTE E AS IMAGENS LITERÁRIAS D’OS SERTÕES

Ana Luiza Fernandes (PUC Rio)

Flora Sussekind, em *O Brasil não é longe daqui*, descreve a figura do narrador viajante como aquele que organiza um “inventário de paisagens”. Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha assume esse papel. A partir de uma perspectiva intermediária, este trabalho discute a relação entre o texto verbal e os elementos gráficos (mapas, fotografias e desenho) observados na obra. A forma-livro – sua organização interna, a disposição das seções, a presença de registros fotográficos, de elementos visuais e de componentes de orientação espacial – não atua apenas como suporte material, mas como uma lógica topográfica que estrutura a “paisagem literária”: o narrador viajante percorre o sertão como autor de um inventário que identifica e ordena essa paisagem. Ao inventariar a(s) paisagem(ens), o narrador viajante não apenas descreve um cenário: ele organiza, intermediariamente, um projeto cartográfico literário, constrói uma paisagem intermediária literária.

TRANSCRIÇÃO COMO MÉTODO TRADUTÓRIO EM *DONS DES FÉMININES* (1951), DE VALENTINE PENROSE

Ana Paula Cerqueira (UFSCar)

A comunicação tem como objeto o *roman-collage Dons des Féminines* (1951), da poeta francesa Valentine Penrose, obra composta por conjuntos de poemas escritos em francês e inglês, com passagens em espanhol, e collages. Tal configuração impõe um problema tradutório específico: como trasladar para outra língua uma obra em que os elementos verbais e visuais operam em conjunto, produzindo sentido de maneira articulada? A análise será fundamentada na teoria da transcrição, de Haroldo de Campos (2005), abordagem considerada adequada ao desafio tradutório, uma vez que textos de alta elaboração poética oferecem, em igual medida, mais possibilidades e liberdade de recriação. Aqui, a transcrição é tomada como método e como ferramenta crítica, permitindo examinar as características semânticas, formais e plásticas da obra ao mesmo tempo em que orienta o exercício prático de tradução/recriação. A comunicação propõe, assim, uma reflexão sobre o processo de tradução de *Dons des Féminines*, considerando a relação entre texto e imagem, e a complexidade linguística que atravessa a obra. Para complementar a análise, será apresentada uma amostra tradutória que busca preservar a correspondência formal e os efeitos de sentido da composição original, explorando a transcrição como chave de leitura e de criação.

A MÁSCARA E A PAISAGEM: HIBRIDISMO, ECOLOGIA SONORA E DIALOGISMO NA PERFORMANCE DA SONATA NO. 1, DE JÔNATAS REIS

André Luís Almeida de Castro (UFSJ)

O objetivo desta pesquisa é investigar o processo de construção interpretativa da “Sonata nº 1” para piano (inédita), de Jônatas Reis (1976–), a partir da Prática como Pesquisa (PaR). Em aderência direta ao eixo “Paisagens sonoras (*soundscape*)”, a performance é aqui concebida não como a mera execução de um texto musical, mas como a instauração ativa de um ambiente acústico e intermedial, onde corpo, som e espaço co-constituem a percepção da paisagem. A obra exige a materialização de hibridismos culturais, amalgamando a escala acústica do folclore nordestino a métricas assimétricas balcânicas, operando uma reconversão estratégica (Canclini, 1997) do imaginário regional. Adicionalmente, o compositor adota a “máscara” de Heitor Villa-Lobos, instaurando um gesto dialógico (Bakhtin, 2010) que tensiona autoria e memória. Para articular essas múltiplas dimensões e justificar as decisões do intérprete, a análise ampara-se nas Três Ecologias (Guattari, 2012) – ambiental, social e subjetiva –, compreendendo o palco como um ecossistema audível, onde a escuta e a imaginação performativa (Teixeira, 2025) moldam a espacialidade. Metodologicamente, através de autoetnografia e diário reflexivo, o trabalho documenta as soluções técnico-expressivas necessárias para habitar poeticamente (Aprigliano, 2025) as tensões dessa paisagem multitemporal. Conclui-se demonstrando como o pianista-pesquisador atua como mediador na construção de uma paisagem sonora híbrida, traduzindo conflitos estilísticos e

identitários em uma experiência sensível que redimensiona o patrimônio cultural brasileiro na contemporaneidade.

A PAISAGEM METROPOLITANA COMO PRINCÍPIO DE FORMALIZAÇÃO ESTÉTICA NA OBRA DE ARNALDO ANTUNES

André Pinheiro (UFPI)

Por ser cenário do progresso acelerado, da segregação social, da violência latente e da degradação ambiental, a metrópole foi frequentemente encarada como antagonista da própria vivência humana. Tal concepção deriva, em parte, de uma tradição crítica que associa a modernidade e a evolução tecnológica a um intenso processo de reificação. Nessa perspectiva, a recuperação da humanidade perdida só seria possível através da negação da experiência metropolitana e do retorno a uma configuração espacial do passado. Nas últimas décadas, contudo, esse paradigma vem sendo questionado, de sorte que novas abordagens passam a reconhecer na metrópole um espaço de potência criativa. Em um contexto marcado por mediação tecnológica, centralidade da imagem e proliferação das mídias, a experiência urbana passa a ser representada de modo mais edificante, enfatizando seu dinamismo e heterogeneidade. A obra de Arnaldo Antunes insere-se exemplarmente nesse cenário, ao explorar a dimensão midiática do código linguístico e extrapolar o suporte tradicional do livro, articulando palavra, som e imagem para representar uma paisagem urbana instável e em constante transformação. Ao mobilizar múltiplos códigos e promover a circulação dos signos por diferentes mídias, sua poética voco-visual formaliza esteticamente a complexidade sensorial e simbólica da metrópole. Diante do exposto, o objetivo desta comunicação é demonstrar como a materialidade das mídias, na produção de Antunes, opera como redução estrutural da vida metropolitana e das tensões constitutivas da sociedade contemporânea. Entre outros, a pesquisa toma por base teórica os estudos de Candido sobre redução estrutural (2010), Clüver sobre intermedialidade (2024) e Collot sobre paisagem (2013).

ENTRE O POEMA E A CANÇÃO: A INTERMEDIALIDADE EM “ALFONSINA Y EL MAR” E “ME VOY A MORIR”

Andressa Zoi Nathanailidis (Ufes)

Este trabalho propõe uma leitura intermedial entre a canção “Alfonsina y el mar”, composta por Ariel Ramírez e Félix Luna, e o poema “Me voy a morir (Voy a dormir)”, de Alfonsina Storni, último texto deixado pela poeta antes de sua morte em 1938. Parte-se da concepção de intermedialidade como campo de relações entre mídias, conforme delineado por Claus Clüver, para quem as artes podem ser compreendidas como mídias dotadas de materialidades e modos específicos de significação. Nesse sentido, a canção é abordada não como simples adaptação do poema, mas como uma

reconfiguração estética que mobiliza outros recursos expressivos. À luz da tipologia proposta por Irina Rajewsky, entende-se “Alfonsina y el mar” como um caso de referência intermediária, em que o poema de Storni atua como horizonte de sentido evocado e transformado pela linguagem musical. Já a perspectiva de Werner Wolf contribui para compreender como a canção constrói uma memória cultural da poeta, convertendo a experiência lírica íntima do poema em uma narrativa sensível compartilhada. A análise evidencia que o elemento aquático – central tanto no poema quanto na canção – opera como eixo simbólico de dissolução, travessia e repouso, articulando-se à ideia da morte como passagem. Assim, a canção instaura um espaço intermedial de ressonâncias, no qual palavra, música e imaginário convergem para a elaboração estética de uma despedida, reafirmando o potencial da intermedialidade como chave de leitura para obras que transitam entre literatura, música e memória

A LITERATURA COMO GESTO DE LEITURA E CRIAÇÃO MUSICAL NA OBRA DE JOSÉ ANTÔNIO DE ALMEIDA PRADO

Andressa Zoi Nathanailidis (Ufes)

O presente trabalho tem como escopo investigar o papel da literatura na obra do compositor brasileiro José Antônio Rezende de Almeida Prado (1943–2010), compreendendo-a não apenas como fonte temática ou inspiração extramusical, mas como gesto estruturante do pensamento composicional. Parte-se da hipótese de que, em sua produção vocal e pianística, a leitura literária se configura como ferramenta prática e criativa, atravessando escolhas formais, temporais e expressivas da composição musical. Sob a perspectiva dos estudos da intermedialidade, a relação entre literatura e música é entendida como um campo de mediação entre sistemas sígnicos distintos, no qual a palavra escrita se converte em operação sonora. A literatura, assim, figura como matriz poética e imagética determinante de procedimentos composicionais – a exemplo da textura, timbre, silêncio, organização temporal e gesto expressivo – o que acarreta, igualmente, modos específicos de escuta. A pesquisa concentra-se em obras de Almeida Prado inspiradas em textos literários, com destaque para a poesia moderna, a escrita mística e a literatura contemporânea brasileira, observando de que maneira a materialidade verbal e simbólica dos textos se reinscreve na linguagem musical. Metodologicamente, a pesquisa articula análise comparativa entre palavra e som, leitura crítica de fontes literárias e escuta analítica das obras musicais, entendendo a composição como materialidade passível de estudos no campo da tradução intersemiótica. A investigação busca contribuir para ampliar a compreensão dos processos intermediários na música brasileira contemporânea e refletir sobre as interseções entre escrita, som e imaginação poética.

AMSVARTNIR: RECONSTRUINDO PAISAGEM E HISTÓRIA EM *GENSHIN IMPACT*

Anelisa de Souza Procópio (UFSJ)

Lançado em 2020, *Genshin Impact* é um jogo com grande relevância no mercado de jogos, mesmo após cinco anos de serviços online contínuos, com atualizações constantes. Seu maior atrativo é a exploração, tendo um mundo aberto virtual vasto e diverso, de um planeta fantástico chamado Teyvat. Suas paisagens possuem um propósito além da jogabilidade. Teyvat apresenta uma história tão vasta quanto seu mundo, mesclando passado e presente ao convidar o jogador para explorar ruínas e memórias de um tempo esquecido. Tomando isso como caminho, este trabalho se propõe a debater acerca de uma área chamada Amsvartnir, da nova região Nod-Krai, sob a ótica da intermedialidade, em conjunto com as poéticas do vestígio, de Walter Benjamin (1996). Como elementos intermediais se relacionam com as ruínas de Amsvartnir para provocar uma mudança na percepção do jogador, chamando-o para ativamente construir um novo significado àquela paisagem? Para responder a essa pergunta, contaremos com os modelos de Lars Elleström (2021) sobre as modalidades da mídia. A paisagem conta uma antiga história de amor terminada em tragédia, enquanto revela segredos referentes à antiga história de Teyvat, por meio de diferentes modalidades que, ao se relacionarem, formam um produto de mídia. A partir dessas relações intermediais, é possível reunir pedaços da narrativa ao explorar a paisagem, observando murais, escutando uma canção e lendo escritos deixados para trás, ao mesmo tempo em que as ruínas de um castelo são reconstituídas. Os arredores mudam, assim como a percepção do observador, que, por consequência, atribui um novo significado ao contemplar Amsvartnir novamente.

DISCURSOS DA ESCRITA MERCANTILIZADA: IDEOLOGIAS E RELAÇÕES DE PODER

Antenor Henrique da Silva Carvalho e Nádia Dolores Fernandes Biavati (UFSJ)

Este trabalho investiga a constituição discursiva da escrita acadêmica mercantilizada na paisagem virtual do Instagram, compreendendo essa rede social como espaço de produção e circulação de sentidos. Analisa-se como perfis que comercializam trabalhos acadêmicos constroem uma paisagem discursiva orientada pela lógica mercadológica, na qual a produção de trabalhos acadêmicos é deslegitimada como prática formativa autoral e reconfigurada como um produto negociável. Com base na análise crítica do discurso (Fairclough, 2003) e na linguística sistêmico-funcional, considerando os significados acional, identificacional e representacional, examinamos como esses perfis produzem identidades, instauram relações de poder e naturalizam concepções específicas de letramento. Nessa dinâmica, o vendedor é posicionado como autoridade técnica e solucionador eficiente, enquanto o comprador é interpelado como sujeito sobrecarregado e dependente do serviço ofertado. Com base nisso, os resultados indicam que essa paisagem virtual se estrutura a partir de uma concepção autônoma de letramento, que reduz a escrita à técnica e ao produto final, esvaziando seu caráter social e formativo. O estudo contribui para compreender como ideologias mercantilizadoras configuram a paisagem virtual contemporânea e redefinem valores associados à escrita acadêmica.

MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NAS PAISAGENS URBANAS DA SÉRIE *O REINO*, DE GONÇALO M. TAVARES

Antônio Martins da Silva Júnior (UEL)

Esta comunicação propõe uma análise da obra de Gonçalo M. Tavares a partir de uma leitura das paisagens urbanas em sua literatura, articulada pela filosofia de Walter Benjamin (2021), em especial por suas reflexões sobre Modernidade, Memória e História, tomadas como fundamentos de uma poética da paisagem (Collot, 2013). A cidade, na literatura de Tavares, configura-se como um espaço alegórico que materializa os impasses e os paradoxos da vida moderna, funcionando simultaneamente como cenário e operador de subjetividades. Assim como Benjamin via na Paris do século XIX um laboratório das transformações sociais, sensoriais e temporais da modernidade, os espaços urbanos, em Tavares, propõem regimes de espacialidade que condensam tensões históricas e memorialísticas da cidade como espaço de disputa. Partimos da hipótese de que o espaço urbano conflui na composição das personagens ao dar forma aos seus medos, anseios e demais afetos, posto que a cidade surge como um dispositivo simbólico que modela essas personagens, as narrativas e as experiências do tempo através do espaço como elemento metafórico. Portanto, buscamos investigar de que modo o espaço urbano se configura como alegoria da modernidade e como tal estrutura simbólica interfere na construção dos enredos e das figuras literárias. Para isso, pretendemos utilizar um método de cunho estruturalista-formalista para análise inicial das estruturas narrativas presentes no *corpus*, e, assim, progredindo para uma abordagem comparativista, para tecer relações entre os romances componentes da série *O reino*, de Gonçalo M. Tavares.

DA RUA AO MUSEU: ESTETIZAÇÃO DA PAISAGEM URBANA NA OBRA DE ANA HATHERLY

Augustto Correa Cipriani (UFMG)

A Revolução de Abril, em 1974, marcou um ponto de virada na trajetória artística e intelectual de Ana Hatherly; quando a poeta passou a incorporar elementos da paisagem urbana, mais especificamente as intervenções visuais nos muros de Lisboa. No filme *Revolução*, de 1975, Hatherly apresenta a “explosão do visualismo”, que marcou o momento revolucionário, em uma superposição cinematográfica de cartazes, graffiti, murais e recortes sonoros de discursos políticos e palavras de ordem. A paisagem pós-revolucionária é também recortada e colada na série “As Ruas de Lisboa”, de 1977, em uma justaposição babélica de cartazes. Anos depois, nas décadas de 1990 e 2000, o graffiti ressurge em sua obra visual na série “Neograffiti”, em que a autora toma para si a gestualidade das inscrições urbanas em desenhos feitos com tinta spray. Desde a decupagem material, em que cartazes sobrepostos são transplantados da rua para o espaço cinematográfico ou pictural, até a aproximação com o graffiti contemporâneo, Hatherly repete os gestos da arte urbana. Retomam-se a superposição palimpséstica, característica da paisagem urbana supersaturada de informações, e o gesto apropriativo do graffiti, que transforma o lugar em que se inscreve. Ao estetizar os gestos transgressivos do graffiti, Hatherly coloca em questão os limites políticos da arte

e de sua institucionalização. Desse modo, questões sobre a eficácia estética e ética da arte são levantadas em diferentes mídias – cinema, colagem, desenho – bem como sobre os limites entre transgressividade e institucionalização, rua e museu.

ESPACIALIZAÇÃO COMO CONDIÇÃO DA DESNATURALIZAÇÃO DA ESCUTA: A FILOSOFIA DA MÚSICA, DE CAROLE GUBERNIKOFF, E A ATOMIZAÇÃO DA ESCUTA, DE THEODOR ADORNO

Austeclínio Lopes de Farias (UnB)

Esta comunicação pretende articular o pensamento musical de Carole Gubernikoff com aquele de Theodor Adorno. Em sua tese de doutorado, Gubernikoff aborda a escuta musical por meio das noções (entre outras) de escuta não linear e escuta contínua, com a dialética entre elas possibilitando uma experiência estética centrada na noção de representação intrínseca – *i.e.*, a percepção de indicadores sônicos que tornam viável, para o ouvinte, a inferência dos protocolos de produção singulares de obras singularmente formalizadas. Após a explicitação da operacionalidade desses conceitos, apresenta-se uma reflexão crítica acerca do papel das estratégias de escuta sugeridas e possibilitadas em primeira instância pela tradição vanguardista do século XX (tratada pela autora em sua tese) – estratégias que ambicionariam em última instância uma desnaturalização da escuta. Por fim, relacionaremos tais conceitos ao pensamento de Adorno acerca do fenômeno de “espacialização da escuta” (ou “atomização da escuta” ou até mesmo, como sugerimos, “naturalização da escuta”), passível de ser produzido tanto por objetos culturais advindos da indústria cultural quanto pelo seu suposto oposto, a produção vanguardista. Em suma, trataremos da relação entre temporalidade (compreendida como a emergência do qualitativamente novo) e espacialidade (compreendida como a síntese da diversidade sensível), a qual pretendemos adentrar mediante os conceitos de “escuta não linear”, “escuta contínua” e “espacialização da escuta”, de modo a desenvolver uma leitura acerca da organização dado sônico enquanto objeto de estimulação da escuta e o papel que a “espacialização da escuta” possui nessa instigação.

SONS QUE VIBRAM VIDA E MORTE: PAISAGENS SONORAS EM *MRS. DALLOWAY*

Barbara Vitoria Teixeira Ribeiro (UFSJ)

Mrs. Dalloway é um romance escrito por Virginia Woolf, publicado em 1925. A história narra um único dia, em meados de junho, da vida de Clarissa Dalloway, esposa de um parlamentar, que se prepara para dar uma festa. Em paralelo, temos Septimus Warren, um ex-soldado que lida com os traumas da guerra. Ambientado em Londres, pós-Primeira Guerra Mundial, a narrativa utiliza a cidade para conectar os dois personagens que não se conhecem nem fazem parte do mesmo ciclo social. Ademais, Londres vibra sons que remetem a vida e a morte, construindo assim “paisagens sonoras” (Schafer, 1977). O objetivo deste trabalho é apresentar como as paisagens sonoras, formadas por conjuntos de sons urbanos, mecânicos e humanos, como relógios, automóveis, vozes e aviões no

ar, atravessam o romance organizando o tempo narrativo, conectando consciências dispersas e revelando estados psíquicos. Para tal, utilizaremos o conceito de midialidade de Jørgen Bruhn (2020), com o objetivo de compreender melhor como as midialidades ligadas ao som foram utilizadas para a construção da paisagem sonora e como isso impacta a narrativa do romance e sua mensagem sobre a efemeridade da vida. Além disso, também iremos trabalhar com os teóricos Cuddy-Keane (2000) e Scher (1982).

COMO ALGUÉM QUE APRENDE A DANÇAR, ESCREVER A PAISAGEM COM ANA ESTAREGUI

Beatriz Lopes Prats (UFRJ)

Na obra *Dança para cavalos* (2022), da poeta contemporânea brasileira Ana Estaregui, observa-se o intento de fazer da escrita uma dança com (e partir da) paisagem. Pedra, rio e cavalos, por exemplo, não aparecem como simples imagens decorativas nos cenários dos textos, mas como presenças materiais com as quais o eu lírico se move, aprende e se transforma. Em entrevista, Estaregui afirmou desejar “escrever como alguém que aprende a pescar ou a dançar”, o que indica uma concepção de poesia vinculada a práticas corporais e a modos de habitar a paisagem como mais do que um exercício puramente visual e contemplativo. Por outro lado, como procuraremos defender no presente trabalho, a paisagem em *Dança para cavalos* é pensada como lugar de desvelamento de uma forma de vida ancestral, imanente e mais harmoniosa – entre homem e natureza, entre sujeito e rio, pedra e cavalo – especialmente quando é explorada ou pensada por meio da dança. Partiremos da hipótese de que a poética da dança de Estaregui constrói a paisagem como um espaço limiar, onde a integração performática entre elementos e sujeitos permite o desvelamento de diferentes formas de se viver o mundo. Acreditamos que a dança estareguiana ensaia, na sua interação literário-gestual com a paisagem, uma forma mais plena de vida.

DONA OLÍMPIA: UMA REFERÊNCIA INTERMIDIÁTICA

Beatriz Schmidt Campos (UnB)

A canção “Dona Olímpia” (1978) composta por Toninho Horta e Ronaldo Bastos, lançada no álbum *Clube da Esquina 2*, recebeu uma versão em forma de história em quadrinhos, ilustrada por Laura Jardim. A canção em imagens faz parte da antologia *Quadrinhos sonoros* (2024), em homenagem a música mineira, em um processo de “referência intermidiática” (Rajewsky, 2021) a qual um produto midiático (o HQ) faz referência a elementos de uma primeira mídia (a canção). Pretendemos realizar uma análise das aproximações e dos distanciamentos entre a canção (letra, melodia e ambiência sonora) e a história em quadrinhos (texto, imagem, personagens e ambiência visual). Intencionamos entender como as duas obras, que conservam uma relação genética entre si, que foram compostas em diferentes períodos históricos e em mídias distintas e que, igualmente, em um primeiro momento foram gestadas para públicos de diferentes gerações, podem fazer parte de um “texto”

único (Clüver, 1997). Ressalta-se que as duas obras, em suas diferentes versões, mantêm uma mensagem memorialística de melancolia e de nostalgia: ao homenagear uma senhora “andarilha” e contadora de histórias, personagem marcante da cidade de Ouro Preto na versão do texto-melódico; e ao narrar a despedida e a partida de uma personagem, na história em quadrinhos. Para tanto, pretendemos nos apoiar nos estudos da canção (Tatit, 2003), da história em quadrinhos (McCloud, 1993) e da adaptação (Hutcheon, 2006) em diálogo a reflexões e paisagens de memória, de nostalgia e de melancolia (Assmann, 2011. Benjamin, 1994) entre as duas obras.

LITERATURA DE UM OFÍCIO: INTERROGAR OS CANTOS DE MARINHEIRO ENQUANTO TRADIÇÃO E ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL

Bianca Czarnobai de Jorge (UFRGS)

Em minha tese de doutorado (Czarnobai de Jorge, 2025), explorei os cantos de marinheiro enquanto cantos de trabalho a partir do recorte contextual francês. Esses cantos versam sobre uma prática de trabalho e uma forma de vida, organizando o trabalho coletivo dos marinheiros a bordo de navios entre os séculos XVII e XIX. Ao desenvolver a ideia de uma continuidade entre o gesto de trabalho executado, o texto que organiza a canção e a entoação do canto, concluí que esses cantos instauram um sujeito de linguagem específico: o sujeito marinheiro. Inspirada pela obra de Henri Meschonnic e partindo do pressuposto de que os cantos de marinheiro são poemas-trabalho de marinheiro, esta proposta tem por objetivo ampliar as reflexões da tese ao interrogar a dimensão patrimonial desses cantos. Tomando como base de análise as performances contemporâneas no âmbito de premiações destinadas a cantores especializados em cantos de marinheiro, meu trabalho interroga sobre a possível criação de uma paisagem cultural vinculada ao canto de trabalho enquanto patrimônio cultural imaterial, bem como sobre uma paisagem oriunda tanto da realidade marítima quanto da realidade portuária que se constrói em torno do ofício de marinheiro. Assim, proponho a seguinte questão: poderia a literatura, tal como pensada por Meschonnic – isto é, a continuação de uma obra por meio de sua constante transmissão e recriação no tempo e no espaço – ser fruto do entrecruzamento entre paisagens de diferentes ordens? Qual o papel desse entrecruzamento na constituição do que entendemos por tradição e por patrimônio cultural imaterial?

VER, SENTIR E REFLETIR: A EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM EM *ORGULHO E PRECONCEITO* (1813) DE JANE AUSTEN E NA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DE JOE WRIGHT (2005)

Bianca Deon Rossato (IFRGS)

Este trabalho investiga as representações de paisagem e as relações estabelecidas entre os personagens e os espaços que ocupam – sobretudo aqueles em que a natureza se sobrepõe – no romance *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, e na adaptação cinematográfica dirigida por

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

Joe Wright (2005). Parte-se da compreensão da paisagem não apenas como cenário, mas como elemento estruturante da narrativa e da experiência subjetiva das personagens. O estudo fundamenta-se principalmente na teoria da paisagem de Michel Collot (2013), que concebe a paisagem como uma construção perceptiva e simbólica resultante da interação entre o sujeito, o seu olhar e o mundo. A partir dessa perspectiva, analisa-se como os espaços naturais e construídos refletem estados afetivos, valores sociais e processos de transformação subjetiva, tanto no romance quanto na adaptação fílmica. Para o exame da obra literária, dialoga-se com as análises de A. Walton Litz (1979) e Judith W. Page (2013) acerca da presença do pitoresco – conceito de William Gilpin (1772) revisitado por John Ruskin (1843). Tal conceito contribui para compreender a articulação entre paisagem, sensibilidade estética e moralidade no universo austeniano. No que se refere à adaptação cinematográfica, o trabalho apoia-se nos estudos de adaptação a partir dos pressupostos de Linda Hutcheon (2006) e Julie Sanders (2006).

ARQUITETURA, MODERNIDADE E IDEOLOGIA: LEITURAS ECFRÁSTICAS DE PARIS EM *AU BONHEUR DES DAMES*, DE ÉMILE ZOLA

Bruna Alves de Oliveira Ambrosio (Unifesp)

Este trabalho tem como objeto de análise o romance *Au bonheur des dames* (1883), de Émile Zola, no qual o autor encena a modernização urbana e comercial de Paris no final do século XIX por meio da representação das grandes magazines, edifícios inspirados nas novas lojas de departamentos parisienses que se tornaram símbolos do consumo, do progresso técnico e do capitalismo emergente. O objetivo é demonstrar como o romance constrói uma paisagem urbana em constante transformação e como as descrições arquitetônicas operam discursivamente na formulação de uma noção de modernidade atravessada por relações de poder, memória e identidade. Parte-se da concepção de paisagem como construção do olhar (Paes, 2017), compreendida tanto a partir de perspectivas subjetivas quanto planejadoras, para analisar de que modo o narrador organiza a visão da cidade moderna. Metodologicamente, mobiliza-se o conceito de écfrase arquitetônica ideológica, desenvolvido a partir da tipologia proposta por Vieira (2016; 2017), entendido como a descrição literária de edificações permeada por valores estéticos, históricos e ideológicos. A análise ancora-se nos estudos de intermedialidade (Bruhn, 2020; 2024. Elleström, 2017; 2021. Ramazzina-Ghirardi, 2021), bem como nas reflexões sobre ideologia e discurso em Bakhtin (2003; 2010; 2016) e Volóchinov (2021), que afirmam a impossibilidade de neutralidade do signo. Dialoga-se ainda com Benjamin (2007), Bauman (2001) e Rasmussen (1998) para pensar a relação entre modernidade e arquitetura, demonstrando como a transposição do espaço urbano para a literatura se configura como campo de disputas discursivas em torno da construção ideológica das paisagens urbanas.

PAISAGEM E *SITE SPECIFIC* NA OBRA DO ARTISTA VISUAL BRUNO FARIA

Bruno Faria (UEMG)

A submissão oral inscrita no V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens, no eixo temático “paisagem, memória, nostalgia”, propõe um mergulho crítico na obra do artista visual Bruno Faria, cuja produção, desenvolvida ao longo de cerca de vinte anos, é atravessada por um olhar atento sobre a paisagem e suas múltiplas camadas de sentido. Em sua trajetória, o artista investiga os desdobramentos da paisagem em relação à memória, ao arquivo e às formas de vínculo que ela estabelece com o sujeito, articulando dimensões espaciais, históricas e simbólicas. Considerada um gênero fundamental da história da arte, a paisagem assume, nas práticas artísticas contemporâneas, um papel central como ferramenta crítica para compreender os modos de habitar, perceber e interpretar o mundo contemporâneo. A apresentação oral aprofunda essa discussão a partir do pensamento da autora Miwon Kwon, especialmente de sua obra *Um lugar após o outro*, na qual a autora analisa a origem, os deslocamentos e as transformações do conceito de *site specific* no campo da arte contemporânea. O trabalho propõe um diálogo entre essas formulações teóricas e os procedimentos adotados por Bruno Faria, evidenciando como suas produções incorporam, tensionam e atualizam as noções de lugar, contexto e pertencimento. Ao aproximar teoria e prática artística, a comunicação busca contribuir para o debate sobre a paisagem como construção crítica, atravessada por memória e nostalgia, ressaltando seu potencial como dispositivo de reflexão sobre experiências individuais e coletivas no contexto contemporâneo.

PAISAGENS DO ECLIPSE: A ARTE PANDÊMICA DE REINALDO LADDAGA

Carla Abreu de Pointis (UERJ)

Esta comunicação analisa a obra *Atlas del eclipse* (2022), de Reinaldo Laddaga, explorando a configuração da paisagem como uma construção subjetiva e intermediária. A investigação observa como o autor explora a Nova York pandêmica como ponto de partida de uma reflexão de cunho ético e estético, partindo do pressuposto de que a paisagem constitui um estado de espírito projetado sobre o mundo. Um híbrido de ensaio, crônica e livro de fotografia, *Atlas del eclipse* recorda os cem primeiros dias da pandemia de Covid-19, durante os quais Reinaldo Laddaga percorreu as ruas vazias da Nova York pandêmica registrando em palavras e fotografias sua travessia pela crise. Discute-se como Laddaga utiliza o hibridismo entre palavra e fotografia para mediar o trauma coletivo e a desorientação então centrais para o momento histórico em questão. A paisagem urbana, subitamente esvaziada, deixa de ser um dado geográfico para tornar-se um arranjo de objetos visíveis, percebidos através de filtros pessoais e situados. Nesse sentido, o autor opera uma escrita de si que coleciona fragmentos de uma realidade alterada – ruas desertas, hospitais de campanha, necrotérios improvisados, cemitérios segregados e a presença constante da finitude – para constituir uma cartografia da cidade e do sujeito pandêmicos. Este trabalho contempla, portanto, a paisagem como artifício construído pela memória e pelo afeto, revelando como a

percepção molda o cenário urbano no momento em que as estruturas da vida social se fragmentam em épocas de crise.

CANTOS DE ARRUAR: A MULHER E O ORDENAMENTO URBANO NA CONTEMPORANEIDADE

Carla dos Santos e Silva Oliveira (UERJ)

No dicionário *Michaelis*, o termo “arruaça” está descrito, entre outras maneiras, como “confusão entre várias pessoas ou grupos; briga”, já a palavra “rua” se relaciona, em uma de suas acepções, a um “conjunto de indivíduos que pertencem à camada menos favorecida da sociedade; plebe, ralé”. Todas essas definições ratificam uma concepção de rua que se aproxima do que é rebaixado, associado à contenta, livre de qualquer sofisticação ou relevância. Já “arruar”, embora possa significar, também pejorativamente, “passear com ostentação ou vadiar pelas ruas”, ainda quer dizer “projetar caminhos”. Tendo em vista essa última entrada, ambiciono demonstrar que, mesmo em suas lógicas perturbadoras ou desestabilizadoras de contextos, certas produções artísticas engendradas por mulheres apresentam uma notável energia organizadora e variados impulsos propositivos. Nessa empreitada, pretendo discutir alguns gestos estéticos e éticos presentes nas obras da compositora Manu da Cuíca, da artista visual muSa michelle mattiuzzi e da poeta Valeska Torres, que contemplam a rua (ou a saída dos domínios domésticos) de distintos modos.

AMARO/AMARGO: UMA LEITURA MUSICAL DO PERSONAGEM DE ERICO VERÍSSIMO

Carla Silva Reis (UFSJ)

A presença multifacetada da música na obra literária do gaúcho Erico Verissimo se faz notar de forma explícita: pelo uso de títulos relacionados à música, pela presença de personagens músicos ou, de forma sutil, pela evocação de emoções ligadas à experiência musical e pela utilização de técnicas musicais aplicadas à criação literária. A fim de ilustrar a musicalidade expressa na obra de Veríssimo, este trabalho propõe uma leitura “musical” do personagem pianista Amaro Terra, que figura nos romances *Clarissa* e *Um lugar ao sol*. A reflexão se apoia na subcategoria de intermedialidade proposta por Rajewsky, a saber as “referências intermediáticas”. Considerando também as proposições de Steven Paul Scher a respeito dos três níveis de correlação entre a literatura e a música – a música e a literatura, a literatura na música (*program music*) e a música na literatura – este artigo explora o terceiro nível proposto pelo autor, mas não se limita a destacar as referências diretas de Erico Verissimo a aspectos musicais, buscando também abordar as representações e subjetividades ligadas ao piano e ao pianista no contexto social. Por meio de um olhar musical e exploratório da construção do personagem Amaro, uma paisagem sonora e sociocultural se manifesta.

CIDADE SENSUAL: A PAISAGEM CARIOCA E A COMÉDIA ERÓTICA DOS ANOS 1970

Carlos Guilherme Vogel (UERJ)

Ler o Rio de Janeiro como uma cidade sensual é deslizar por entre metáfora e política. A beleza projetada nas suas formas físicas e performativas pode encantar, mas também encobrir tensões sociais; por isso, qualquer descrição estética exige uma leitura crítica que reconcilie encanto e responsabilidade, imagem e história, corpos e suas representações. A formação desse imaginário a partir da paisagem da cidade, dos elementos que designam seus contornos geográficos e os remetem a uma sensualidade desenhada através do encontro das linhas urbanas com suas montanhas e praias, foi explorada durante o ciclo de produção de comédias eróticas para o cinema, durante os anos 1970. Filmes como *Os paqueras* (1969), *Quando as mulheres paqueram* (1972) e *Eu transo, ela transa* (1972) apresentaram o Rio da zona sul, das praias ensolaradas, do desbunde e da liberdade sexual, deixando de lado outros espaços da cidade e colaborando para a construção de um determinado imaginário sobre a capital carioca. Essa imagem construída é também encontrada em outras mídias, como os cartões postais que circularam até o início dos anos 2000, onde corpos femininos são exibidos junto às praias da zona sul, transformando esses corpos em paisagens a serem exploradas, estimulando o turismo sexual. O objetivo deste estudo contempla uma análise sobre como a comédia erótica contribuiu para a formação desse imaginário, bem como observar a forma como ele foi apropriado por outras mídias, como os cartões postais, partindo da discussão sobre liberdade sexual e chegando à temática da exploração sexual através da intermedialidade.

A PAISAGEM MACUNAÍMICA, EM LIBRAS

Cássia Macieira (UEMG)

A Libras ou modalidade visuoespacial de comunicação é constituída por um conjunto de movimentos e expressões representando palavras e frases por gestos com as mãos e expressões faciais. Sobre a representação do termo ‘paisagem’ na língua de sinais brasileira – Libras, pode-se dizer que é iconográfica, poética e de fácil reconhecimento. Também é de rico valor semântico, pois palavras como árvore, floresta, flor, montanha, rio, lago, mar e outros são lúdicas [fácil adesão] e, quando se trata da obra *Macunaíma*, certamente, é imagética e envolvente. Este projeto visa contribuir com a imensa ‘picturalidade visual’ em *Macunaíma*, que completa 100 anos em 2028. Sabe-se que no texto macunaímico há poções feitas com raízes e folhas, frutas encantadas e elementos mágicos da floresta e plantas que causam transformações. Há também: bananeira, jatobá, cipós, tucum, palmeiras e seus buritis, e ervas medicinais. Nessa construção poética da narrativa paisagística, buscou-se metodologicamente [caráter exploratório-descritivo] correlacionar a obra *Macunaíma* com *Banzeiro òkòtó: uma viagem à Amazônia centro do mundo*, de Eliane Brum; *A terra dá, a terra quer*, de Nêgo Bispo (Antônio Bispo dos Santos 1959–2023) e as imbricações políticas de *A Natureza do Espaço*, de Milton Santos [1926–2001] e, assim, apresentar a riqueza semântica e brasileira da obra supracitada.

C.M.M. – CONCEPÇÃO, MATERIALIZAÇÃO E MÉTODOS: PAISAGEM CULTURAL, SUSTENTABILIDADE E INTERMIDIALIDADE NOS PROCESSOS ENTRE ARTE, DESIGN E MÍDIAS AUDIOVISUAIS

Célio Martins da Matta e Fernando Luis Cazarotto Berlezzi (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Este trabalho apresenta reflexões derivadas da linha de pesquisa e extensão C.M.M. – Conceção, Materialização e Métodos, desenvolvida e organizada pelo autor na Universidade Presbiteriana Mackenzie, focado na paisagem como construção cultural e midiática. Parte-se do entendimento de que a paisagem não é um dado natural neutro, mas um campo de mediações atravessado por memória, experiência, técnica e modos de ver, conforme Raymond Williams, W. J. T. Mitchell e Simon Schama. O estudo integra práticas de arte, design e arquitetura que utilizam bambu e retalhos de madeira como materiais de concepção e realização de projetos. Foram utilizados registros audiovisuais experimentais como instrumentos para reflexão, experimentação, documentação e comunicação. Com uma abordagem intermidiática, examina-se como diversas mídias contribuem para a criação, realização e apresentação dos projetos, movendo-se do campo da representação estática para o da experiência sensível e processual. Registros audiovisuais atuam como meios de reorganização do olhar e produção de novas formas de percepção da paisagem patrimonial. Metodologicamente, o trabalho combina análise teórica e observação de práticas pedagógicas desenvolvidas em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ao articular matéria, imagem em movimento e pensamento projetual, a pesquisa compreende a paisagem como campo relacional entre ética ambiental, cultura material, métodos do design e intermedialidade.

O ENTRE-LUGAR DA ESTRADA: PAISAGEM, MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO NO PÓS-COLONIAL MOÇAMBICANO EM *TERRA SONÂMBULA*

Cora Romanazzi Tôrres (UFSJ)

Este trabalho propõe uma leitura de *Terra sonâmbula* (1992), de Mia Couto, a partir da estrada como eixo central na construção das paisagens literárias do romance. Compreendida não apenas como espaço de deslocamento físico, mas como dispositivo simbólico e sensorial, a estrada representa uma *landscape* em movimento, pela qual o território moçambicano do pós-guerra se constitui como paisagem cultural marcada pela memória, pelo trauma e pela resistência. Dialogando com concepções que entendem a paisagem como construção histórica e perceptiva, e não como simples dado natural, argumenta-se que o romance inscreve no espaço as marcas da violência e da sobrevivência coletiva, convertendo ruínas e horizontes em vestígios de uma experiência histórica vivida. Longe de se apresentar como cenário estático, a paisagem em *Terra sonâmbula* é construída pelo olhar e pela mediação narrativa, sendo constantemente reorganizada pela memória, pela imaginação e pelo trânsito entre sonho e realidade. A estrada, nesse sentido, opera como um princípio estruturante que articula diferentes temporalidades e percepções, fazendo do deslocamento uma experiência sensível e simbólica. Nesse sentido, os estudos da intermedialidade oferecem um arcabouço teórico privilegiado para compreender como o romance constrói suas

paisagens por meio de procedimentos que evocam outras mídias. As descrições assumem forte caráter imagético, aproximando-se de enquadramentos pictóricos e cinematográficos, enquanto a sobreposição de registros sensoriais produz efeitos de visualidade que intensificam a experiência do espaço narrativo. O objetivo do trabalho, portanto, é demonstrar como a estrada se configura como paisagem literária intermediária, articulando escrita, visualidade e experiência histórica na elaboração estética do pós-colonial moçambicano.

PAISAGEM SONORA DA PRAÇA TUBAL VILELA: MEMÓRIA, ESCUTA, EXPERIÊNCIA

Cristiane dos Guimarães Alvim Nunes e Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU)

O estudo propõe um exercício de escuta da paisagem sonora urbana, com foco na praça Tubal Vilela, em Uberlândia (MG), integrado à pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Uberlândia. A escolha do tema parte de experiências pessoais vividas nos anos 1990 naquela região e estudos mais recentes de mestrado sobre arte sonora. A praça reflete a dinâmica central da cidade com grande fluxo de pedestres e veículos. A metodologia baseou-se em revisão bibliográfica de autores como R. Murray Schafer, Grégorie Chelkoff, Tim Ingold, Hildegard Westerkamp, Barry Truax e Salomé Voegelin, que discutem espaços sonoros e a importância da escuta ativa, além de Steven Feld e Michael Gallagher, que destacam as gravações de campo como ferramentas para captar relações sociais, culturais e espaciais. Carlos Fortuna, Viviane Vedana e José Luis Carles contribuem com reflexões sobre memória, sons e espaços urbanos. O processo incluiu captação de áudio em pontos da praça, em diferentes dias e horários, para construir um acervo significativo da paisagem sonora local, além de práticas experimentais de escuta ativa. As reflexões iniciais levam à compreensão de que a escuta atenta pode entrelaçar paisagem sonora urbana, memória pessoal e experiência vivida na cidade. A multiplicidade de sons urbanos revela camadas dinâmicas e constrói sentidos coletivos. Próximas ações incluem novas experimentações para aproximar o indivíduo do ambiente por meio da escuta, a decupagem do material sonoro resultante das gravações de campo e a preparação para o exame de qualificação.

A PAISAGEM NA NARRATIVA DE *O RETRATO DO REI*: METAPICTURALIDADE E CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA

Cristina Reis Maia (UERJ)

O objetivo deste estudo é problematizar a paisagem na narrativa intermediária da obra *O retrato do rei*, de Ana Miranda (2001). Isso é relevante na medida em que todas as referências de localidade do enredo são pautadas por iconotextos metapicturais derivados de registros artísticos históricos. Seu elevado teor de saturação reproduz quadros que reconstituem cenas da historiografia brasileira, contextualizando determinados acontecimentos. Esse processo não só viabiliza ao texto produzir

imagens mentais sobre o que está sendo dito/escrito como a riqueza de detalhes com que são descritos permite uma fusão do icônico (imagem) com o linguístico (texto) e uma interlocução com diferentes mídias (como a arte, a literatura e a história), além de ajudar na composição de crônicas do cotidiano. A elaboração de tal “imagem escrita” – posto que o ambiente figurativo passa a ser visualizado através do conjunto léxico disponível na língua – não só documenta como estabelece links com a vida ordinária: elas consignam eventos, mas atravessam a percepção do subjetivo para comparar refletir e sugerir, sutil e intuitivamente, outras possibilidades de interpretação. Servem, portanto, de base para a para (re)contar de histórias. Para melhor balizar essa proposta, nos pautaremos nos trabalhos desenvolvidos por Arbex (2006), Clüver (2006, 2008, 2011), Diniz (2012), Elleström (2017), Louvel (2005, 2012), Maia (2020, 2021), Rajewsky (2012, 2020), Reis (2018), Ribas (2013, 2016, 2021), entre tantos outros.

ECOCRÍTICA E PÓS-COLONIALISMO PARA COMPARAR DUAS ADAPTAÇÕES EM QUADRINHOS DO ROMANCE ROMÂNTICO INDIANISTA *IRACEMA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Cristine Fickelscherer de Mattos (UERJ/UPM)

A literatura romântica brasileira possui marcas evidentes de uma visão eurocêntrica colonialista, como destacado por vários estudos (Roncari, 2002. Bosi, 1992), o que inclui a produção indianista de José de Alencar (Santos, 2009). Mais recentemente, vieram juntar-se a essa visão, análises sob o crivo da ecocrítica, embora ainda de maneira incipiente (Campato Jr., 2018. Sarmiento; Moura, 2021). Nas ondas digitais da polarização e do cancelamento, ecoando o polêmico “politicamente correto”, a obra de Alencar figura junto aos bancos escolares ou de uma maneira tradicional, positiva mas superficial; ou de forma enviesada, sob o olhar negativo dos posicionamentos políticos do autor (Silva, 2018; Freitas, 2018). O presente estudo trabalha a obra indianista de Alencar *Iracema* (1865), com aportes críticos proporcionados pela abordagem pós-colonial, acrescidos pela perspectiva ecocrítica (Glottfly; Fromm, 1999. Kopenawa; Albert, 2015) de maneira a enriquecer a leitura da obra, sem desmerecer o seu já consagrado valor literário. Em contraste com a metodologia geralmente empregada, o estudo propõe uma dupla análise comparada intermediática do romance com as adaptações em HQ realizadas pelos quadrinistas Le Blanc (1951) e Laudo Ferreira Jr. (2022). A proposta toma como base a ideia de Semali e Pailliotet (1999) de uma leitura crítica resultante do letramento midiático, obtido por meio da intermedialidade. Assim, o contraste entre as linguagens da mídia livro e da mídia HQ, bem como a distância temporal entre o texto original, a primeira e a segunda adaptações pode fornecer à sala de aula a oportunidade de leituras dinâmicas e propiciar conclusões analíticas.

PAISAGENS ENCOMENDADAS: ESTRATÉGIAS DA COMISSÃO CONSTRUTORA NA PROMOÇÃO E NA DOCUMENTAÇÃO DA NOVA CAPITAL

Débora Veríssimo Costa (UFMG)

Na Bello Horizonte de 1895, entre as estratégias adotadas pela comissão construtora da nova capital (CCNC) objetivando a “publicização” da nova capital mineira, encontramos a produção de um álbum de vistas, de uma revista e das plantas da cidade – todas de autoria ou encomendas da CCNC. Chama a atenção um capítulo específico na primeira edição da *Revista da CCNC* (1895) voltado para o “Arraial de Bello Horizonte”, em que um conjunto de 6 pinturas seriam encomendadas a dois artistas (Émile Rouède e Honório Esteves), com o intuito de registro e arquivo do Arraial D’El Rei em vias de desaparecimento. Neste artigo, buscamos expor esse conjunto iconográfico de fotografias, plantas e pinturas, com o objetivo de analisarmos as características imagéticas-estratégicas no que se refere aos planos da CCNC para a futura capital de Minas Gerais.

PAISAGENS IMAGINADAS EM GRAPEFRUIT, DE YOKO ONO

Deborah Walter de Moura Castro (Unifal)

Em 1964, a artista conceitual Yoko Ono publica, em Tokyo, a primeira edição de *Grapefruit* (*Grapefruit: a book of instructions and drawings*), uma coleção de obras conceituais dividida em nove sessões, nomeadas cada qual e compostas fundamentalmente por textos curtos ou instruções, oferecendo ao leitor a indicação de uma ou mais ações a serem performadas (*score events*). Muitas dessas instruções, porém, são tão conceituais que só podem ser criadas na mente do leitor. Ou seja, Yoko Ono induz o leitor a criar sua própria obra de arte usando a imaginação e refletindo sobre seus próprios pensamentos, a partir das instruções da artista. Mesmo que as instruções contenham descrições de um espaço urbano, um ambiente familiar e cotidiano, ou mesmo quando falam de paisagens em uma dimensão cósmica e espacial, os textos de Yoko são, muitas vezes, o ponto de partida para a expansão das bordas do reconhecível, criando uma sensação de estranhamento poético margeado pelo sensível. As instruções funcionam como uma chave que, em silêncio, desaceleram o tempo e tornam real o imaginário. O objetivo deste trabalho é perceber os espaços e as paisagens imaginadas em algumas passagens de *Grapefruit*, entendendo como a poética transita entre o real e o imaginário, a intenção da artista e a interpretação do leitor, e a percepção do meio ambiente.

A MÚSICA COMO EMBATE IDEOLÓGICO: UMA ANÁLISE DE CANÇÕES DO PODCAST *MEDO E DELÍRIO EM BRASÍLIA*

Denis Martins Lôbo Corrêa (Cefet – MG)

A proposta da comunicação analisará as canções “Doce feto, fase anal: o Brasil no temporal” e “Sua ingratidão”, do podcast *Medo e Delírio em Brasília* como um espaço de disputa simbólica e reconfiguração de sentidos. Utilizando a teoria da análise do discurso, o trabalho irá explorar como o samba-enredo, gênero carnavalesco, é usado para satirizar e deslegitimar a figura de Olavo de Carvalho, e como o brega e a paródia são acionados para recontar um fato político fazendo chacota da família Bolsonaro e da relação entre Eduardo e seu pai. A primeira canção opera uma “carnavalização” que rebaixa o “autoproclamado pensador” à condição de caricatura, e mobiliza o interdiscurso ao recontextualizar e ressignificar frases polêmicas do falecido influenciador. A segunda canção parte das mensagens trocadas entre Eduardo e Jair Bolsonaro que foram divulgadas pela Polícia Federal, a fim de extrapolar a relação belicosa da família e o clima político do momento histórico. Nossa proposta é argumentar que o uso de violência verbal e argumentos *ad hominem* nas letras, em sintonia com o próprio método dos alvos, demonstra a música como um contra-discurso que interfere diretamente na memória póstuma de Olavo e na ideia de família tão preconizada pela extrema-direita.

A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DE WINTERFELL: DE AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO AO SÉRIADO *GAME OF THRONES*

Edson Ferreira Martins (UFOP)

Em 1991, inicia-se a construção de um trabalho literário monumental do escritor, roteirista e produtor George R. R. Martin, que rendeu até agora cinco romances, reunidos sob o título de *As Crônicas de Gelo e Fogo* (*A Song of Ice and Fire*). O projeto destas “crônicas” prevê ao todo sete romances, dos quais cinco já foram publicados: *A guerra dos tronos* (*A Game of Thrones*, 1996), *A fúria dos reis* (*A Clash of Kings*, 1998), *A tormenta das espadas* (*A Storm of Swords*, 2000), *O festim dos corvos* (*A Feast for Crows*, 2005) e *A dança dos dragões* (*A Dance with Dragons*, 2011); aos quais se somarão, ainda, outros dois volumes (*The Winds of Winter* e *A Dream of Spring*). A qualidade literária das obras logo despertou o interesse da HBO, que adaptou o material para a linguagem audiovisual, de que resultou *Game of Thrones* (doravante GoT), série exibida pelo canal, de 2011 a 2019, ao longo de 8 temporadas e 73 episódios. O presente trabalho propõe a apresentação de um recorte de uma pesquisa maior, oriunda de um projeto de largo fôlego que tenho desenvolvido, junto ao Delet/UFOP, dedicado à descrição das categorias poéticas e retóricas, bem como das características civilizacionais presentes na elaboração do chamado “Mundo de Gelo e Fogo”, e em suas adaptações para a televisão. Na presente comunicação, pretendo focar a representação da paisagem de Winterfell, um dos importantes territórios criados naquele mundo, localizado ao Norte do continente de Westeros. Na análise, discutirei procedimentos utilizados pelos showrunners

David Benioff e D. B Weiss para a transposição dessa espacialidade – domínio da Casa Stark –, da literatura de Martin para a linguagem audiovisual realizada pelos criadores de GoT.

BRUTA FLOR: O CONFLITO EXISTENCIAL E AMOROSO PELA ÉCFRASE MUSICAL NA CANÇÃO “O QUERERES”, DE CAETANO VELOSO

Eduardo Ramos (UFU)

O conceito de écfrese musical deriva das definições da écfrese literária, tradicionalmente entendida como a descrição vívida de um objeto visual capaz de realizar sua existência em outra dimensão: um processo de intermedialidade. Se a pintura e a poesia se aproximam pela teoria da *Ut pictura poesis* permitindo que ambas descrevam uma à outra, posteriormente a música reivindicou a possibilidade descritiva de obras ou paisagens naturais ou subjetivas. Literariamente, sinfonias e óperas são descritas em livretos. Nesse sentido, poderíamos dizer que a sinfonia descreve através dos sons, e o livreto o faz através da escrita; ambos podem ser vistos como processos ecfásticos. Na história da música brasileira, com o advento dos registros fonográficos, a paisagem brasileira passa a ser conhecida através de obras musicais. Passamos a saber, por exemplo, “O que é que a baiana tem?” (Dorival Caymmi - 1939), como ela dança e como se veste. Na contemporaneidade, paisagens menos naturalistas também puderam ser narradas. Esta comunicação propõe analisar como a MPB utiliza processos ecfásticos para construir paisagens complexas. A partir de uma provação do Prof. Dr. Paulo Costa Lima traremos como objeto de análise a canção “O Quereres” (1984), de Caetano Veloso. Para construir e demonstrar uma paisagem de conflitos e alteridade, a canção utiliza parâmetros sonoros, como células rítmicas que se repetem com acentuações vocálicas. Tais efeitos permite-nos perceber a tensão existente entre o interior romantizado e o exterior que o tensiona. A canção não apenas narra o desencontro; ela molda a "bruta flor" do desejo, permitindo ao ouvinte visualizar a vertigem desse embate como um cenário, uma paisagem.

CARTOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA FEMININA: ESPAÇO COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO EM A PAIXÃO DE ARTEMÍSIA, DE SUSAN VREELAND

Elaine Carolina Machado de Castro Moraes (UFSJ)

Este trabalho propõe analisar a paisagem como elemento constitutivo da experiência feminina e da formação artística de Artemisia Gentileschi no romance histórico *A paixão de Artemisia*, de Susan Vreeland. Parte-se da compreensão de que, na narrativa, os espaços urbanos não funcionam apenas como cenários, mas como instâncias simbólicas que articulam memória, imagem e trajetória, em diálogo com a produção pictórica da artista e com sua ressignificação literária. Roma é apresentada como a paisagem da filiação e da violência: espaço da aprendizagem inicial, mas também do abuso, da tortura e do julgamento público, no qual o corpo feminino é submetido à acusação e ao desprezo. Florença, por sua vez, configura-se como paisagem do recomeço e da

circulação, marcada por portas, ruas e monumentos, que simbolizam a abertura de uma nova vida. É nesse espaço que Artemísia alcança reconhecimento institucional ao se tornar a primeira mulher a ingressar na Academia de Arte de Florença. Nápoles surge como paisagem da maternidade e da transmissão, onde Artemísia trabalha para garantir à filha possibilidades que lhe foram negadas. Londres, finalmente, apresenta-se como paisagem da maturidade e do reencontro, com o pai e consigo mesma, momento em que a personagem constrói seu autorretrato, “Autorretrato como Alegoria da Pintura” (1638-1639), obra-prima da artista. Assim, o romance constrói uma cartografia da experiência da personagem, na qual cada cidade atua como agente de transformação da artista e mulher Artemísia Gentileschi.

OS GRAFITOS E A POÉTICA DA PAISAGEM EM MURILO MENDES

Elaine Martins (Cefet – MG)

Antes de migrar para a Europa, Murilo Mendes (1901-1975) deixou preparada sua antologia *Poesias (1925-1959)* (1959). Na mesma década, publicou os livros de poemas *Contemplação de Ouro Preto* (1954), *Siciliana* e *Tempo espanhol* (1959). A origem de uma espécie de “poesia de viagem” foi sinalizada por Ruggero Jacobbi como “viagem ao mundo antigo, às matizes emotivas da cultura e da história, iniciada em Ouro Preto”. De fato, a poesia de *Contemplação de Ouro Preto*, livro escrito logo após a primeira viagem do escritor ao velho mundo, denota a busca da cidade colonial mineira e sua contemplação no sentido do olhar fotográfico e plástico sobre o barroco, sobre um lugar geográfica e culturalmente determinado, sem excluir a história e a religiosidade. A poesia de *Siciliana* e *Tempo espanhol*, livros permeados de versos topográficos (ao lê-los Eduardo Sterzi identificou uma “pulsão cartográfica”), são marcadores da literatura de viagem do poeta, que será desdobrada na prosa de *Carta geográfica* (1965-1957), *Espaço espanhol* (1966-1969) e *Janelas verdes* (1970), editados postumamente em *Transístor* (1980). A natureza pictórica e telegráfica dessa produção poética tardia aparece em *Convergência* (1970), último livro publicado em vida pelo poeta, a partir dos “grafitos” e “murilogramas”. Este trabalho buscará traçar uma leitura do projeto estético-poético muriliano dessa produção tardia em relação com uma poética da paisagem. Para tanto, serão mobilizados operadores das áreas dos estudos literários, da filosofia, da história e das artes, bem como o documentário *Murilo Mendes: a poesia em pânico* (1974), dirigido por Alexandre Eulálio.

APROXIMAÇÕES INTERMEDIÁTICAS: O ROMANCE OS MAIAS, DE EÇA DE QUEIRÓS, E O CINEMA

Elaine Santos (Universidade de Coimbra)

“A arte é um resumo da natureza feito pela imaginação.” Essa frase de Fradique Mendes, proto-heterônimo de Eça de Queirós serve-nos como ponto de partida. Se a arte é um resumo da natureza, tem como matéria-prima um mundo observável, que pode ser experienciado pelos sentidos

humanos. Entramos em contato com o ambiente circundante por meio do que vemos, ouvimos, provamos e tocamos. No caso do artista, o processo de criação atua como um filtro em que a imaginação, muitas vezes, transforma a observação direta da paisagem em algo subjetivo, permitindo sua recriação. Pensando nisso, essa comunicação tem como objetivo analisar como alguns recursos estilísticos e semânticos presentes no romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, o aproximam da linguagem cinematográfica. Segundo Rajewsky (2012), quando um texto é observado pelo viés da intermedialidade, pode-se pensar no caráter “como se” da literatura, como se o escritor utilizasse elementos de outras mídias na composição narrativa. É o que ocorre n’*Os Maias*, em que diferentes perspectivas narrativas simulam tomadas de zoom, distanciamentos, edições de montagem, apresentando, muitas vezes, a paisagem local pelo olhar subjetivo das personagens. Eça de Queirós sempre expôs seu desejo de “pintar” a sociedade portuguesa, no entanto, não podia prever que, ao procurar “dar a ver” de maneira pormenorizada, com enquadramentos por diferentes ângulos e planos visuais, faria com que o seu texto criasse um elo com um medium ainda inexistente em sua época: o cinema. Pensando nisso, intencionamos explorar os modos como os espaços narrativos homologam com a linguagem cinematográfica.

A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM NA XILOGRAVURA JAPONESA: DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS E POÉTICOS

Eliana Ambrosio e Julia Maria Corsino Costa (UFMG)

A xilogravura japonesa ou *Moku Hanga* é uma técnica tradicional de gravura de origem chinesa, a qual passou a ser utilizada no Japão, no século VIII, para reproduzir textos budistas. Durante o período Edo, a produção das imagens desvinculou-se desse princípio e os editores dedicaram-se à impressão de estampas avulsas, as quais, paulatinamente, ganharam uma vasta gama tonal. Sua temática abrangia aspectos hedonistas, através do registro de gueixas e do entretenimento nos teatros de kabuki, acrescidas, posteriormente, da paisagem. Essa mudança impulsionou a carreira de diversos artistas, entre eles, Hokusai. Por meio da paisagem, seu trabalho popularizou-se e suas *36 vistas do Monte Fuji* tornaram-se um ícone do Japão. As xilogravuras do período, conhecidas como “ukiyo-e” ou “imagens do mundo flutuante”, desenvolvidas ao longo de dois séculos de isolamento, continham um design arrojado, com linhas simples e áreas chapadas de cores intensas. Ao chegarem ao ocidente, no século XIX, elas influenciaram toda uma geração de artistas, abrindo caminhos para a arte moderna. Por outro lado, a cultura ocidental contaminou a produção japonesa, e os gravadores das escolas Shin Hanga, Sosaku Hanga e Kindai Hanga ampliaram suas potencialidades criativas. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise dos desdobramentos históricos da representação da paisagem nas xilogravuras japonesas e suas influências na produção contemporânea oriental e ocidental, dando ênfase a seus elementos técnicos e compositivos, os quais influenciam, até hoje, a poética dos artistas de diversas linguagens.

PAISAGENS LITERÁRIAS EM V. S. NAIPAUL: O CAMPO INGLÊS E AS RUÍNAS DO IMPÉRIO

Eliana Lourenço de Lima Reis (UFMG)

Em seu romance autobiográfico *The Enigma of Arrival* (1987), V. S. Naipaul narra as várias experiências de chegada do escritor narrador imigrante, vindo de uma ex-colônia britânica, e sua visão da Inglaterra, mediada pela educação colonial, pela literatura e pelas artes visuais. Na obra, os personagens se movem entre paisagens físicas e metafóricas, confrontam os legados duradouros do colonialismo e negociam os traços de uma identidade pós-colonial. As descrições das paisagens campestres nas diversas estações do ano e em circunstâncias diferentes da vida do narrador demonstram o confronto entre as imagens idealizadas da Inglaterra e o país real, percebido em seu ocaso pós-imperial. Ao redor de tudo isso, está um dos temas centrais da narrativa: o sentimento de *spatzeit* (em alemão), *belatedness* (em inglês). Isto é: o “ser-tarde” ou “vir-depois”, de pertencer a uma época tardia ou secundária, quando se vive entre ruínas em termos históricos e culturais. Ao seu redor, o narrador vê os restos da civilização agrária da Inglaterra rural e suas descrições da paisagem são acompanhadas de meditações sobre os mecanismos sociais e históricos de mudança, marcadas pela nostalgia, pela ideia de um passado quase mítico da Inglaterra. O romance torna-se um inventário de mudanças, decadência e ruínas, um lamento melancólico pelo fim de um país que só existiu na imaginação.

PATRIMÔNIO CULTURAL EM OURO PRETO: UM PERCURSO FOTOGRÁFICO-AFETIVO

Eliziane Cristina da Silva de Oliveira (Cefet – MG)

A proposta deste trabalho é desenhar um percurso afetivo subjetivo pelas paisagens históricas de Ouro Preto a partir de acervo pessoal de registros fotográficos da cidade, feitos ao longo dos anos, tanto das construções coloniais quanto das pessoas que moram ou visitam a cidade. A ideia é construir uma linha do tempo, não apenas da cidade, mas também da minha própria forma de observá-la, do meu olhar afetivo sobre ela no passar do tempo, com a utilização de diversos dispositivos fotográficos. Estive em Ouro Preto pela primeira vez em 1989. Desde então, voltei à cidade incontáveis vezes. Toda vez que estou por lá, surpreendo-me e me encanto com as ladeiras, o casario, a luz e as sombras, e as pessoas que vivem lá. Tudo isso, tendo como pano de fundo, trechos da história do Brasil. Quanto à fotografia, ela traz possibilidades de registros subjetivos de lugares, pessoas e suas ações, embora exija a presença de um dispositivo para sua execução. Esse dispositivo já foi uma caixa escura, uma câmera analógica que usou filmes em preto e branco, e depois em cores, uma câmera digital com seus cartões de memória e, mais recentemente, os celulares (smartphones) equipados com câmeras fotográficas. Positivista que foi em sua origem, a fotografia nasceu sob o estatuto da representação do real. Passa por documento, registro, informação, arte e, hoje, apresentações das diversas realidades – também em Ouro Preto e seus mais de 300 anos de histórias.

PAISAGENS DISSONANTES NA POÉTICA DE LEONARDO FRÓES

Fábio Chadid Vasconcelos (UFMG)

Este trabalho analisa a poesia de Leonardo Fróes, a partir da construção de uma paisagem mediada pelo olhar e pela linguagem, destacando motivos associados ao mundo vegetal, à percepção sensível do mundo e à espacialidade urbana. Essas surgem por meio de uma instabilidade rítmica, imagética e sonora, que produz deslocamentos entre som e sentido, além de tensionar as formas tradicionais de organização do texto poético. Isso pode ser lido, por exemplo, no poema “Uma laranja mágica”, publicado em *Assim* (1986). Desde a epígrafe atribuída a Carlos Drummond de Andrade – “Tudo existe porque foi pintado à feição de uma laranja mágica” –, o texto estabelece um diálogo pictórico e sonoro, em que a imagem da laranja orienta a contemplação do espaço e do mundo ao redor. No poema, o eu lírico convida o leitor a perceber o horizonte como uma fruta que se desprende, imagem recriada no verso “a manhã amarela está caindo em meus braços”, em que o sol surge figurado como uma laranja. A contemplação também envolve a percepção do tempo e do sonho, como no verso “um homem toca o boi dos meus sonhos”, mais uma vez fazendo alusão ao poeta mineiro. Outro ponto que merece atenção é o modo como a linguagem parece pintar um cenário, que passa a existir dentro do texto, não indicando necessariamente o que existe fora, embora o vínculo esteja pré-combinado com os leitores. A construção onírica se intensifica na metáfora dos olhos como “laranjas”, retomando a imagem do sol-fruta, associado ainda ao espaço urbano, representado pela “cabeça de asfalto”. A lírica da natureza e o chamado “pensamento vegetal” configuram uma poética que transpõe a estética e se projeta como reflexão crítica sobre a paisagem reconstruída poeticamente.

SOMOS VIZINHOS DO FOGO: A IMAGEM VULCÂNICA EM ANNE CARSON E ATHANASIVS KIRCHER

Fernanda Pimenta Ribeiro (UFMG)

Esta comunicação propõe analisar a relação entre o romance *Autobiografia do Vermelho*, de Anne Carson (2021), e a capa da edição brasileira da obra, que possui a gravura “Erupção do monte Etna em 1637” elaborada por Athanasius Kircher para o tratado *Mundus Subterraneus* (1665). O trabalho fundamenta-se na noção de intermedialidade formulada por Claus Clüver (2024), compreendendo a obra literária como um objeto cultural constituído pela interação entre diferentes sistemas semióticos; em diálogo com a concepção de paisagem desenvolvida por Anne Cauquelin (2007), entendida como uma construção cultural e um dispositivo de mediação; também, com a noção de paisagem literária de Michel Collot (2013), que a aborda como uma relação entre sujeito, mundo e percepção. A análise também considera o contexto científico e cosmológico de Kircher, que concebia os vulcões como manifestações de um sistema subterrâneo de fogo em circulação no interior da Terra, dotado de dinâmica própria, dialogando com temas do romance em versos de Carson, como: desejo, autoconhecimento e aceitação. As reflexões do trabalho são ancoradas nas discussões sobre o romance por Carson (2023), Ducasse (2007), Zacca (2024) e Garcia (2021), além

de, para as discussões sobre as relações entre texto, imagem e paisagem, Clüver (2024), Collot (2013) Mitchell (1994, 2002) e Cauquelin (2007).

WANDER PIROLI, O CRONISTA DA LAGOINHA

Flávio de Castro (Cefet – MG)

Esta comunicação propõe uma leitura da transformação do bairro Lagoinha, em Belo Horizonte, a partir das crônicas de Wander Piroli, tomando a literatura como forma de interpretação do espaço urbano e de suas mutações históricas. Tradicional reduto boêmio e operário, a Lagoinha aparece, nos textos do autor, como lugar marcado por processos de deslocamento, apagamento e reorganização social, acompanhando as intervenções urbanísticas e a reconfiguração simbólica da cidade ao longo do século XX. A análise parte do pressuposto de que a crônica, em Piroli, não se limita ao registro episódico do cotidiano, mas atua como dispositivo crítico de observação da cidade. Por meio de uma escrita econômica e atenta aos detalhes da vida ordinária, o autor constrói uma cartografia literária da Lagoinha, evidenciando a tensão entre permanência e ruína, memória e esquecimento. Nesse contexto, a cidade não surge como cenário neutro, mas como instância ativa na produção de exclusões e deslocamentos. A comunicação enfatiza, ainda, a centralidade dos sujeitos dissidentes que povoam essas crônicas. Personagens marginais, trabalhadores precarizados, figuras associadas à boemia e à informalidade compõem um universo que desafia os discursos normativos sobre progresso urbano. A postura literária de Piroli, assumidamente marginal, opera em consonância com esses sujeitos, recusando idealizações e expondo os efeitos concretos da modernização sobre formas de vida situadas à margem.

IMAGENS EM PROCISSÃO: PAISAGEM E MEMÓRIAS DA “ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS”

Flora Cunha Lucena e Claudio Guilarduci (UFSJ)

A presente comunicação apresenta um dos objetos da pesquisa de doutoramento, intitulada *O caleidoscópio: a tensão entre memória e esquecimento na construção da cultura sanjoanense*, que está sendo realizada no Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal de São João del-Rei, desde agosto de 2025. O objeto de pesquisa em questão é o ritual de “encomendação das almas” e sua partitura original, de autoria de Manuel Dias de Oliveira, preservada pela Lira Sanjoanense. O ritual católico da encomendação das almas, trazido pelos portugueses para São João del-Rei (MG), integra atualmente as celebrações da Quaresma na cidade. Ele é organizado anualmente pela Irmandade dos Passos, em parceria com a Orquestra Lira Sanjoanense. Durante a procissão, o ritual suspende provisoriamente o uso profano dos espaços urbanos, instaurando uma experiência do sagrado acessível apenas no tempo do rito, constituindo uma paisagem cênico-ritual em que som, deslocamento e silêncio produzem sentidos. Essa transformação não existe de modo contínuo ou homogêneo, mas como uma constelação (nos

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

termos de Walter Benjamin), na qual fragmentos da cidade, das ruas, dos transeuntes, dos estabelecimentos e das paisagens sonoras, se justapõem em tensão. A pesquisa dialoga com Walter Benjamin e Paul Ricoeur, articulando reflexões sobre a seleção e o apagamento de memórias no processo histórico. Como metodologia, foi escolhido uma abordagem qualitativa e o método dialético.

A ARENA EM JOGOS VORAZES: PERSPECTIVAS SOBRE AS PAISAGENS NA DISTOPIA NORTE-AMERICANA DE SUZANNE COLLINS

Gabriela Maia da Silva (UFSJ)

Propõe-se uma análise de como a arena dos jogos vorazes se configura nos dois primeiros filmes da franquia, *Jogos Vorazes* (2012) e *Em Chamas* (2013). Busca-se identificar qual sua relação com a protagonista, Katniss, e a relação da obra com seu contexto de produção e lançamento. Isso leva em conta que a arena enquanto paisagem está ligada à linguagem cinematográfica dos filmes e à forma como a jornada da heroína é construída. No primeiro filme da franquia, *Jogos Vorazes* (2012), dirigido por Gary Ross, a arena funciona a favor da protagonista, pois se assemelha com a floresta na qual ela caça e amplifica a ação de resistência de Katniss. Já no segundo filme da franquia, *Em Chamas* (2013), dirigido por Francis Lawrence, a arena funciona como uma arma feita para matá-la, mas que acaba sendo destruída pela própria garota, evidenciando seu papel de heroína. Como referencial teórico, será utilizado o conceito de representação, em Roger Chartier, para entender o que e para quem a arena se apresenta representando algo; e poder simbólico, para Pierre Bourdieu, para elucidar a forma como a arena é projetada.

O SERTÃO REVISITADO: A TRANSPOSIÇÃO INTERMIDIÁTICA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS PARA OS QUADRINHOS

Gabriely Rosa Caetano (UFJF)

Esta comunicação parte dos resultados preliminares de uma pesquisa que investiga os procedimentos estéticos envolvidos na adaptação do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, para o romance gráfico homônimo, de Eloar Guazzelli Filho e Rodrigo Rosa, e focaliza a transposição do sertão rosiano para os quadrinhos. Desde sua publicação em 1956, o romance de Rosa tem sido objeto de vasta fortuna crítica e de inúmeras pesquisas acadêmicas. Também são múltiplas as mídias para as quais ele já foi adaptado, como cinema, teatro e quadrinhos. O romance gráfico *Grande sertão: veredas* foi publicado em 2014, quase 60 anos após a primeira edição do romance rosiano. Ao contrário do romance, ainda são escassos os estudos que elegeram a adaptação como *corpus*. Com vias a preencher essa e outras lacunas, o estudo em questão investiga, por meio da pesquisa bibliográfica e da análise qualitativa, como o narrador-personagem e algumas das personagens literárias, perpassando pela paisagem do sertão, foram

transpostas para os quadrinhos. Para tanto, foram utilizados, entre outros, os estudos de Forster, Moisés e Reis sobre o romance; os de Clüver, Ramazzina Ghirardi, Rajewsky e Diniz quanto à intermedialidade; e os de Eisner, McCloud e Groensteen acerca da linguagem dos quadrinhos. A partir dos resultados preliminares da análise, conclui-se que o sertão estrutura visualmente a narrativa gráfica por meio da representação da vegetação e da arquitetura locais, contribuindo para a construção de seu universo ficcional e justificando os modos de vestir, pensar e agir das personagens.

A PAISAGEM, O HORIZONTE E A CURIOSIDADE SEGUNDO HANS BLUMENBERG

Georg Otte (UFMG)

Falar em “paisagem”, principalmente em sua acepção estética, pressupõe a existência de um sujeito que olha para essa paisagem. Paisagem e sujeito, portanto, são conceitos interligados, ou até interdependentes, de modo que a valorização da paisagem coincide com a valorização do indivíduo no Renascimento. A ascensão de Petrarca ao *Monte ventoux* (Monte ventoso), no Sul da França, datada em 26 de abril de 1336, não aponta apenas para a iniciativa, inusitada naquela época, de subir numa montanha, mas também para a admiração da paisagem pelo seu observador. Petrarca, entretanto, logo é acometido por dúvidas, pois a leitura de um trecho das *Confissões*, de Sto. Agostinho o lembra que a admiração das coisas terrestres é condenada a curiosidade como *concupiscentia oculorum* (“concupiscência dos olhos”). Hans Blumenberg dedicou seu livro *O processo da curiosidade teórica* (1973) ao fenômeno da curiosidade, que passou a ser valorizado a partir do humanismo e serviu de base não apenas para uma nova postura estética, mas também para o desenvolvimento da pesquisa científica. A paisagem, no entanto, não se limita apenas ao mundo visível, mas esconde ao mesmo tempo o invisível – sem falar do horizonte que é a linha divisória entre ambos. Recorrendo a Michel Collot que, por sua vez, convoca a fenomenologia de Husserl e de Merleau-Ponty, e recorrendo, mais uma vez, a Blumenberg, a questão do horizonte será tematizada como aspecto relevante na reflexão sobre a paisagem.

A PAISAGEM COMO RECORTE TEMÁTICO NUM ACERVO DE GRAVURAS

George Rembrandt Gutlich e Fernando Costa Ferreira (UFMG)

A partir de um trabalho de acondicionamento e inventário de estampas depositadas no atelier de Gravura de encavo e relevo da EBA-UFMG, projeto ligado a uma pesquisa ainda em curso de iniciação científica e financiada pela bolsa Probic-Fapemig, procedeu-se um recorte temático estimulado pela presença representativa do gênero Paisagem no corpo de obras identificado. Este trabalho intitulado *Memória gráfica: acondicionamento e documentação das estampas do atelier de gravura em metal e xilogravura da EBA-UFMG* se ocupou da organização e compreensão de um acervo espontâneo e constituído de modo irregular ao longo de quatro décadas. Identificou-se, após

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

esse trabalho, uma representativa gama de imagens onde a paisagem surge como elemento de forte expressividade. Essas estampas, produzidas em gravura em metal e xilogravura, abordam o tema por diferentes perspectivas. Por esse recorte, foi possível categorizar essas imagens em diversas derivações, tais como: paisagem natural, agro industrial, urbana, onírica e mítica. Além disso, especulou-se a possibilidade de paisagens íntimas abstratas. A paisagem urbana, sobretudo aquelas referentes às cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, ao lado das cenas agro industriais, se destacam e revelam uma escolha iconográfica de um imaginário associado ao ambiente da existência. O cenário da vida, que se manifesta pela gráfica, aponta para um sentido de pertencimento e identidade do artista em formação. Assim, esta pesquisa teve por objetivo principal analisar a recorrência do tema paisagem no imaginário dos alunos-artistas em formação do atelier de xilo e metal da EBA-UFGM, e compreender, individualmente, por seleção exemplar, as características e as implicações poéticas presentes nas obras.

JARDINS MUSICAIS: CONSIDERAÇÕES SOBRE TRÊS CRAVOS E UMA ESPINETA

George Rembrandt Gutlich e Patricia Montrezol Brandstatter (UFGM)

A pintura sobre instrumentos musicais de teclas e cordas pinçadas, uma prática que persiste ao longo dos séculos, constitui objeto de interesse tanto para o campo da música quanto para as artes visuais e a literatura. Este trabalho tem por objeto três cravos e uma espineta, pintados pelos autores desta pesquisa entre 2018 e 2024, obras que reverenciam a ornamentação de instrumentos musicais provenientes das tradições flamenga e francesa, datadas entre os séculos XVI e XVIII. Todos apresentam o tema da paisagem em diversos desdobramentos: o jardim monacal, o jardim simbólico oriental, o recorte ruderal e o monumento natural. O resultado desta pesquisa consiste em um estudo que enfoca os diversos desdobramentos desse gênero pictórico em suas conexões com a música e a emblemática. Na sequência da análise, observou-se em um primeiro momento o mito medieval da Dama com o Unicórnio, uma emulação de um *hortus conclusus*; seguido pelas representações de chineses e imagens do "mundo flutuante" japonês; das manifestações espontâneas de plantas silvestres no bioma do cerrado e, finalmente, a paisagem de grande visada. Com esse exercício de análise, estabeleceram-se pontes entre a prática antiga e a arte contemporânea, observada aqui sob o prisma da poética. Constitui também este estudo um depoimento em fonte primária de uma prática pictórica que leva em consideração a tradição, além de documentar instrumentos de diversas procedências, com especial destaque a um de excelência construído pelo luthier paulistano William Takahashi.

ADÃO VENTURA E AS PAISAGENS DA NÃO TRANSPARÊNCIA

Giovanna Soalheiro Pinheiro Chadid (UFMG)

A presente proposta visa analisar o poemário *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1970), de Adão Ventura, a partir dos procedimentos que estruturam a poética do autor, com ênfase na sobreposição de imagens – como em “sensacional liquidação de lilases especializados em pacto com o amanhecer”, “de asas abertas no oceano nós nos encontraremos” e “a fazenda tem amplas paisagens e superfície azeda” – e nas rupturas sintáticas, que produzem uma indeterminação entre poesia e prosa. Tais excertos configuram uma paisagem instável, em que o natural não se apresenta apenas como espaço idílico, mas como espaço de tensão que se inscreve nas bordas da linguagem, como se observa, por exemplo, na imagem de “cercas de arame farpado móveis”. Os esquemas estruturais reiterados conferem ao texto do poeta mineiro um tom quase ritualístico, enquanto a recorrência de motivos (água, noite, sombra, terra, raízes) projeta a leitura a partir das associações entre corpo, memória e território. Esses procedimentos dialogam com a noção de opacidade, proposta por Édouard Glissant (2021), na medida em que o poema recusa a transparência e preserva instâncias de indizibilidade. Nesse sentido, a paisagem não atua apenas como cenário, mas como elemento formal constitutivo da escrita, por meio do qual se constrói uma poética relacional, em que a paisagem, e tudo o que nela se inscreve, entrelaça-se à própria materialidade da linguagem.

A CÂMERA CANETA: PAISAGENS DA ESCRITA E DA LEITURA NO CINEMA DE MULHERES

Glaura Cardoso Vale (Cefet – MG)

Entendendo a tela como uma página a ser preenchida, este trabalho investiga a relação entre escrita e leitura no cinema realizado por mulheres, ancorado na ideia de uma paisagem imaginária que se inscreve no interior da cena. O estudo examina como o gesto da escrita e da leitura se materializa como princípio constitutivo da linguagem fílmica, esteja a câmera no interior de um carro em movimento ou esteja em um cômodo da casa (sala, quarto, cozinha). Das precursoras Marguerite Duras e Chantal Akerman, cujas imagens sonoras e visuais constituem uma paisagem singular que desafia narrativas convencionais e solicita uma espectadorialidade reflexiva, à análise de produções contemporâneas brasileiras que deslocam esse gesto para outras paisagens: o parque como cenário de um álbum de família futuro (Safira Moreira) e a floresta como território de comunicação epistolar (projeto de videocartas Nhemongueta Kunhã Mbaraete). Conclui-se que esses cinemas operam uma política do olhar e da memória, mapeando paisagens a partir de um ponto de vista interior que se lança para fora, transformando o ato de assistir a um filme em um exercício de leitura autônoma e de fabulação compartilhada.

PAISAGENS IMAGINAIS, POEMAS MEMORIAIS: A GEOGRAFIA DA CASA NA ARTE DE ELIZABETH BISHOP

Guilherme Diniz Machado (UERJ)

Em meio às práticas criativas de Elizabeth Bishop, encontra-se o gesto corporal que une a escrita à pintura. Assumindo o corpo como lugar de imagens, tanto verbais quanto picturais, propõe-se um movimento de leitura entre dois poemas de Bishop, “Cape Breton” (1949) e “The End of March” (1975), em diálogo com suas pinturas de interior. Tal leitura se orienta pela poética do visível, conforme proposta por Márcia Arbex (2006), quanto à permeabilidade das fronteiras entre pintar e escrever, cujo entrelaçamento torna visível o sujeito. Argumenta-se que, nos poemas selecionados, o lugar geográfico é preterido diante do lugar em imagem formado pela memória. Tais poemas memoriais assumem o horizonte da casa, cuja porta aberta, à qual se chega somente enquanto viajante, convida a uma troca simbólica entre paisagem e doméstico, visitar e habitar. Ao mobilizar a memória, o corpo se desloca do horizonte da paisagem para o horizonte da poeta – conforme preconizado por Michel Collot (2010), para quem a paisagem, além de habitada, é vivida. Nesse movimento iniciado pela ausência, a casa no horizonte pode ser mapeada pelos objetos que marcam sua presença, formando lugares imagens-objetos, que recebem significado pelos vestígios que ali se encontram. O rastro da vivência recebe corpo nas pinturas de Bishop, tais quais “Table with plaid cloth”, “Chandelier”, “Table with candelabra”, “Interior with calder mobile” (sem data). Busca-se, portanto, remontar a presença imaginal de lugares ausentes, em que as imagens-objetos constroem uma paisagem do espaço pessoal orientada pelo fazer, em que (vi)ver contempla o mover-se.

ENTRE O ETERNO E O EFÊMERO: INTERMIDIALIDADE, NOSTALGIA, PAISAGEM E LUGARES DE MEMÓRIA EM SŌSŌ NO FRIEREN

Guilherme do Nascimento Cunha (UFSJ)

Esta proposta propõe uma leitura do anime *Sōsō no Frieren* (Frieren e a jornada para o além), explorando intersecções entre intermedialidade, paisagem, memória e nostalgia. A obra, além de ser uma aventura fantástica, torna-se um estudo sobre a percepção temporal, no qual a jornada da protagonista Frieren reativa os “lugares de memória” (Pierre Nora, 1993). Sob essa ótica, a paisagem no anime não é apenas cenário, mas um arquivo geográfico que evoca a nostalgia reflexiva – definida por Svetlana Boym (2001) como uma forma de luto que aceita a ambivalência do tempo e a irreversibilidade do passado. A construção dessa identidade memorialística depende fundamentalmente de processos intermediários. A escrita, por sua vez, manifesta na busca por grimórios e registros históricos, operando como uma remediação (Bolter; Grusin, 2000) da tradição oral para materializar o efêmero em símbolos permanentes. Paralelamente, a paisagem sonora (Evan Call) estabelece uma densidade afetiva que preenche as lacunas da finitude humana, vinculando a imortalidade à herança dos mortais. Utilizando o referencial de Irina Rajewsky (2012), Claus Clüver (2011) e Lars Elleström (2017) sobre intermedialidade, percebe-se que a obra sintetiza

linguagens visuais e auditivas para dar corpo à memória coletiva (Maurice Halbwachs, 2013). Em última análise, a trajetória de Frieren, o diálogo entre o registro escrito, a sonoridade e a contemplação da paisagem permitem a construção de uma ponte entre a imortalidade e a alteridade humana, construída pela memória.

DA COR AO GESTO: A ESCUTA EKPHRÁSICA NA TRANSCRIÇÃO DE PAISAGENS SONORAS EM ALMEIDA PRADO

Gustavo Piffer Guimarães (UFSJ)

Esta comunicação propõe uma inflexão metodológica na performance da música de Almeida Prado (1943-2010), investigando a instrução cromática não como adorno poético, mas como dispositivo estrutural na construção de paisagens sonoras (*soundscape*s). Distanciando-se da hermenêutica da música programática oitocentista, que busca a descrição de cenários, mobiliza-se o conceito de *Ekphrasis* (Bruhn, 2000; Clüver, 1997) para sustentar que a cor, na poética de Prado, não ilustra uma natureza externa, mas projeta uma atmosfera psíquica que o intérprete deve habitar. Apoiando-se na tese de Simon Schama (1995) de que a paisagem é um “estado de espírito” antes de ser matéria bruta, argumenta-se que as evocações de “luz tropical” e matizes celestiais atuam como nós metonímicos (Lakoff; Johnson, 2002) que exigem do pianista uma atitude propositiva. Nesse contexto, o intérprete deixa de ser um executor para operar um ato de transcrição (Campos, 1986), deglutindo o signo visual para reconfigurá-lo em gesto sonoro e ataque timbrístico. A pesquisa, situada no campo da pesquisa artística (Borgdorff, 2012), demonstra como a escuta ekphrásica permite ao performer e ao público acessarem o que Bruhn chama de *cultural framework*, transformando a sonoridade em um espaço habitável e carregado de memória cultural. Conclui-se que, ao transcriber a cor, a performance revela a paisagem em Prado não como geografia estática, mas como manifestação sensível da interioridade, conciliando técnica e epistemologia sensorial na materialização da inefabilidade cromática.

UMA CIDADE À MEDIDA DOS OLHOS, DE EUGÉNIO DE ANDRADE E DARIO GONÇALVES

Ingred Georgia de Sousa Silva (UFMG)

Pensando sobre os “percursos de um olhar nada turístico”, ou, como preferiu nomear, os “sulcos”, o escritor português Eugénio de Andrade apresenta, em entrevista publicada em *Prosa* (2022), uma chave de leitura para compreender o seu projeto em *Porto: os sulcos do olhar* (1988). Nesse livro, em parceria como o fotógrafo e amigo Dário Gonçalves, Andrade constrói uma obra híbrida que conduz o leitor a um passeio por elementos e espaços não convencionais da cidade do Porto. Página a página, vemos erguer-se no livro uma paisagem particular, gerada à medida dos olhos dos dois autores. A tão famosa cidade do Porto é, pelas palavras e imagens, reconfigurada para um território ao qual nos transportamos pela atenção aos detalhes, por um olhar que acaricia e igualmente se

oferta ao leitor. Dessa forma, o presente trabalho pretende discutir como a montagem desse livro, estruturada pela justaposição entre poemas e fotografias, propõe um diálogo fecundo entre palavra e imagem. Ao colocarmos em cena esses dois olhares, o do poeta e o do fotógrafo, pretendemos compreender, à luz dos estudos de intermedialidade, como esses objetos artísticos se iluminam mutuamente, contrastam-se, e, ao mesmo tempo, produzem uma obra nova. Além disso, interessamos observar a atuação de Andrade no campo dos livros-montagem, aspecto menos publicitado e estudado de sua obra, mas que abre caminho para novas leituras e novos campos analíticos acerca de sua produção e experimentações artísticas.

A CASA QUE PROTEGE E OPRIME: ESPACIOSIDADE E APINHAMENTO EM O CÉU QUE NOS OPRIME E JOJO RABBIT

Ingrid Caroline Benatto (UFPR)

O romance *O céu que nos oprime* (Caging Skies, 2004), de Christine Leunens, narra a história de Johannes Betzler, garoto austríaco que vivencia a anexação da Áustria ao Reich Alemão e se deslumbra pela ideologia nazista. A narrativa em fluxo de consciência permite acompanhar acontecimentos históricos a partir do olhar infantil do protagonista. A partir do momento que Johannes descobre que seus pais escondem a judia Elsa, rapidamente se torna obcecado com a menina. Os acontecimentos históricos ficam, então, em segundo plano, e a narrativa passa a girar em torno de Elsa e do relacionamento que se desenvolve entre os dois, concentrando-se no espaço doméstico como núcleo da experiência vivida. A adaptação cinematográfica *Jojo Rabbit* (2019), dirigida por Taika Waititi, promove uma reconfiguração significativa dessa experiência ao transformar Johannes em Jojo Betzler, personagem compassivo e capaz de amadurecimento. Tal transformação ocorre por meio de recursos próprios do cinema, como o uso expressivo das cores, da trilha sonora, do humor e da performance de Roman Griffin Davis. Ancorado nas reflexões de Yi-Fu Tuan (1983) sobre espaço como necessidade biológica, psicológica e social, este trabalho mobiliza os conceitos de espacialidade e apinhamento para analisar como livro e filme constroem a vivência espacial dos personagens, especialmente no ambiente da casa, onde Jojo e Elsa coexistem, crescem e atribuem diferentes significados ao espaço. Ademais, o estudo busca compreender de que modo a adaptação cinematográfica reconfigura essas sensações em relação ao romance, deslocando o espaço do plano descritivo para uma dimensão experiencial e simbólica.

A PAISAGEM DOMÉSTICA DE ANA MARTINS MARQUES E O PICTURAL

Isabelle Ferreira Scalabrini Costa (UFMG)

A poesia de Ana Martins Marques parece eleger o espaço doméstico como espaço privilegiado nos poemas. Desde o primeiro livro, *A vida submarina* (2009), a poeta belorizontina apresenta séries de poemas intituladas "arquitetura de interiores", "interiores", poemas sobre os jardins, que também

são paisagens domesticadas. Além de demarcar sua poética nesse espaço de intimidade, podemos ler tais poemas a partir do que propõe Liliane Louvel em *Nuanças do pictural* (2012). Este trabalho propõe, dessa forma, ler os poemas de Marques que tematizam a paisagem doméstica, a partir de critérios de visualidade, de "marcadores do pictural", como se fossem quadros, como propõe Louvel, ou como fotografias, como será proposto neste trabalho, com respaldo nas propostas de Montier em *Da fotoliteratura* (2025).

TRAÇOS DA ESPERANÇA SOBRE A TERRA DEVASTADA: PAISAGEM, MEMÓRIA E RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM *THE RED PENCIL*

Jalmir Jesus de Souza Ribeiro (UFSJ)

A paisagem, mais do que um cenário observável, é uma cartografia íntima onde se inscrevem as marcas da memória e os ecos da nostalgia, tornando-se, assim, o palco sensível no qual identidades deslocadas renegociam seu lugar no mundo entre o que foi deixado para trás e o que está por vir. Esta comunicação propõe uma análise de *The Red Pencil* (Pinkney; Evans, 2014) através dos conceitos de paisagem, memória e nostalgia (Schama, 1996), articulando-as ao processo de construção de uma identidade diaspórica (Brah, 2005. Hall, 2006). Partindo da premissa de que a paisagem é um constructo cultural e um “estado de espírito” (Schama, 1996), e não um mero pano de fundo, analisamos como as relações palavra-imagem no livro configuram geografias afetivas do deslocamento. Ademais, a jornada em fuga da guerra é figurada como uma paisagem traumática de um deserto vasto e dunas quase intransponíveis, que corporificam o esforço e a perda. Já o novo ambiente do acampamento de refugiados se apresenta inicialmente como uma paisagem estranha e nostálgica, onde a sensação de “não lugar” (Brah, 2005) prevalece. A investigação percorre dois eixos paisagísticos principais: 1) a paisagem da memória nostálgica, representada pelas ilustrações e narrativas da vida pastoral em Darfur, um espaço de harmonia e pertencimento que é brutalmente destruído; 2) a paisagem do trauma e da ruptura, materializada visualmente pelo caos do ataque à vila, pela aridez da caminhada e pela desolação do campo de refugiados, espaços que corporificam a perda e o silêncio da protagonista, Amira.

INTERMIDIALIDADE NA CANÇÃO DE CÂMARA: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA DE “EU SOU FLOR ARREMESSADA”, DE PAULO FLORENCE

Jhony de Souza Pinto e Natália Pacheco (UFMG)

Este trabalho relaciona o resgate de repertórios musicais ao estudo de paisagens culturais históricas e propõe uma análise intermediária da canção “Eu sou flor arremessada”, de Paulo Florence (1864-1949). Inicialmente, são elaboradas considerações acerca do conceito de paisagem, tendo como base Carneiro e Silva (2012). As relações entre paisagem cultural, paisagem sonora e música são examinadas a partir de Pinto, Machado e Dias (2018) e Pinto (2022), ressaltando

a dimensão acústica dos bens patrimoniais. Além disso, é demonstrada a confiabilidade dos sons musicais enquanto fonte documental de sons do passado, como indica Viana (2013). Entende-se, portanto, que o resgate de repertórios pode favorecer investigações sobre as paisagens que os circunscreveram. Como exemplo, foi selecionada a canção “Eu sou flor arremessada” que, à semelhança da maior parte da produção de Florence, permaneceu esquecida desde o falecimento do compositor paulista em 1949. Levando em conta a natureza multimídia do objeto canção, conforme observado por Rajewsky (2012) e Pádua (2021), é apresentada uma análise por meio de três sistemas interligados – o literário, o musical e o cênico – sobre os quais é empregado o conceito de imagem como operador de leitura e conector entre discursos heterogêneos. Por um lado, constata-se que a decodificação de obras intermediáticas, por meio da sobreposição de imagens, pode beneficiar em grande medida o processo de interpretação de canções de câmara. Por outro, conclui-se que o resgate de repertórios pode contribuir para a compreensão da dimensão sonora de paisagens culturais históricas.

A DESCRIÇÃO DA EMOÇÃO: DA ÉTICA DE SPINOZA AO EMOCIONÁRIO DE CRISTINA NUÑEZ PEREIRA

João Barreto da Fonseca (UFSJ)

Esse texto é o início de um projeto de investigação da vida afetiva humana a partir dos estudos de Spinoza, concentrados no livro *Ética* e a sua continuação no projeto pedagógico *Emocionário*, de Cristina Nunês Pereira. O entendimento dos afetos, arquitetura filosófica da vida de Spinoza, constitui um dos pilares mais complexos e fascinantes da pedagogia contemporânea. No entanto, ao abordar o que seria as emoções, tratadas por Spinoza como fenômenos naturais regidos por leis necessárias, atualmente, fugindo da dualidade passividade das paixões e rigor da razão, escritores contemporâneos mostram que recorrer a alguns recursos literários, pode ser um veio profícuo, ampliando assim o entendimento do que seria expressão artística.

POETAMENOS – UM LABORATÓRIO INTERSEMIÓTICO DO SERIALISMO DE WEBERN

João Queiroz (UFJF)

Poetamenos, principal precursor da poesia concreta no Brasil, é uma transcrição intersemiótica da *Klangfarbenmelodie*, de Anton Webern. A série, composta por seis poemas elaborados por Augusto de Campos entre 1952 e 1953, relaciona a transcrição da técnica serial musical ao “fim do ciclo histórico do verso”, fornecendo à “linha evolutiva” preconizada pelos concretistas um modelo criativo de rigor formal e metodológico. O primeiro teórico a chamar atenção para Poetamenos como recriação da música de Webern foi Claus Clüver, no artigo “Klangfarbenmelodie in Polychromatic Poems: A. von Webern and A. de Campos”, publicado em 1981 na *Comparative Literature Studies*. Em nossa argumentação, o Poetamenos revela: (i) uma compreensão dialética

da tensão som-silêncio por meio da fragmentação, dispersão e acumulação de letras, sílabas e estruturas lexicais; (ii) a incorporação do rigor formal desenvolvido por Webern, baseado na síntese e na concisão obtidas através da fragmentação melódica, rítmica e harmônica; e (iii) os efeitos do serialismo weberniano no Brasil dos anos 1950, introduzido principalmente por Hans-Joachim Koellreutter. Também argumentamos que os procedimentos gráfico-espaciais, plurilíngues e policromáticos de Poetamenos não apresentam correspondência direta com componentes composicionais do serialismo nem com qualquer obra específica de Webern. Em vez disso, tais procedimentos transcriam efeitos estruturais do serialismo em um sistema verbivocovisual marcado pela fragmentação, pela espacialização e pela exploração das cores-timbres.

PAISAGEM LITERÁRIA E EXPERIÊNCIA URBANA EM *COPACABANA DREAMS*

Joelma Rezende Xavier (Cefet – MG)

O trabalho examina como *Copacabana Dreams*, de Natércia Pontes, constrói uma paisagem literária marcada por movimento e lirismo. Parte-se da hipótese de que a obra organiza sua narrativa a partir de uma experiência urbana fragmentada, na qual o trânsito pela cidade define ritmos, enquadramentos e formas de percepção. A presença da rua, dos fluxos e da vida anônima não aparece apenas como pano de fundo, mas como operador estruturante de sentido. A análise considera a estética do fragmento e a mobilidade dos personagens na construção do espaço narrativo. Nesse processo, mapas, trajetos, coordenadas e pontos de vista configuram uma geografia interna que tensiona o olhar do leitor e ressignifica o cotidiano. Em paralelo, a dimensão lírica e imagética dos contos projeta uma sensibilidade que aproxima o texto de uma poética da cidade. Do ponto de vista teórico, mobiliza-se o conceito de paisagem literária, especialmente em Michel Collot e Renato Cordeiro Gomes. Também se incorporam contribuições de Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman para pensar imagem, gesto e movimento na experiência urbana. Ao articular esses elementos, busca-se evidenciar como a materialidade narrativa de Natércia Pontes explora mecanismos histórico-culturais e amplia o entendimento da relação entre literatura contemporânea e cidade.

"AINDA" E A CONDENSAÇÃO DA CRISE CLIMÁTICA EM *A TRAMA DAS ÁRVORES*, DE RICHARD POWERS

Joicy Silva Ferreira (UFMG)

A prática de intervir e modelar a paisagem natural integra o movimento artístico chamado *land art*, que busca criar obras na natureza a partir de seus próprios elementos. Essas obras são comumente registradas para serem exibidas em museus e, depois, deixadas ao acaso para que sejam consumidas pela natureza. É exatamente isso que o personagem Nick Hoel faz em *A trama das árvores*, romance de Richard Powers, publicado no Brasil pela Todavia em 2025. Ao final da narrativa,

ele cria uma instalação com troncos de árvores, escrevendo a palavra “Ainda”. Ao criar uma instalação que pode ser vista até do espaço, Nick interfere na paisagem, a recria, a partir de elementos da própria floresta. “Ainda” condensa a discussão em torno do desmatamento e das ações dos personagens ao longo do romance, que vão desde protestos pacíficos de ativismo até atos de ecoterrorismo. Sendo assim, esta proposta se volta para uma análise da construção da instalação, a partir do conceito de eco-éfrase, proposto por Gabriele Rippl (2018), e se propõe pensar quais as implicações dessa instalação para a representação, na narrativa, da crise climática e, mais especificamente, do desmatamento. Como apoio, uso os estudos sobre a ecocrítica intermedial, desenvolvidos por Jørgen Bruhn e Niklas Salmose (2024), buscando pensar o papel da paisagem na representação das consequências da crise climática na literatura.

MEDIR O VER: O ALONGAMENTO POÉTICO DA PAISAGEM NOS POEMAS DE SÉRGIO MEDEIROS

Jorge Miranda (UFMG)

Este trabalho se propõe a analisar a reelaboração poética da paisagem natural no poema “Alongamento”, publicado no livro homônimo de autoria do poeta sul-mato-grossense Sérgio Medeiros. A partir do procedimento de transformação da paisagem em cenário, o poeta articula dois recursos: o de síntese, condensando a presença e a apresentação dos elementos naturais; e o de recriação através do olhar, realizado por meio do ato de medir, de atribuir uma distância entre o referencial, isto é, o ponto de vista do sujeito-observador e o mundo. Ao selecionar e combinar esses componentes, Sérgio Medeiros reelabora a paisagem como um signo poético dentro de um instigante regime de visibilidade, conciliando a definição geográfica com uma proposição poética para o que pode ser entendido como paisagem. Para o desenvolvimento da análise pretendida, fundamenta-se a abordagem teórica pautando-se nas reflexões promovidas por Anne Cauquelin a respeito do conceito de paisagem e na discussão sobre as relações entre o ver e o imaginar, especificamente no âmbito da poesia, proposta por Silvina Rodrigues Lopes.

BIBLIODIVERSIDADE COMO TAREFA: ANUNCIANDO A PAISAGEM LITERÁRIA

Juliana de Paiva Vieira Soares (Cefet – MG)

O objetivo deste trabalho é constituir uma análise crítica destacando a importância da bibliodiversidade para preservar a paisagem literária como forma de registro da memória cultural, que tem como finalidade perpetuar cenários físicos, urbanos, rurais etc. como lugares afetivos que superam a passagem do tempo. Para isso, serão objetos de análise a obra *Bibliodiversidade: um manifesto pelas edições independentes*, de Susan Hawthorne, e outros dois trabalhos científicos mais recentes sobre bibliodiversidade, sendo eles: *Bibliodiversidade em risco: leitura discursiva sobre a incidência dos algoritmos sobre o desejo* (2024), de Nayara Fonseca, Marcella Rodrigues e Phellipe Esteves, e *Tecnodiversidade nos estudos do livro e da edição* (2024), de Ana Elisa Ribeiro. A

metodologia deste estudo constituiu em pesquisa bibliográfica e análise documental para apresentar o termo ‘bibliodiversidade’, atentando-se às complexidades que o envolvem no ramo literário e para buscar pesquisas que abordem o eixo temático ‘paisagem literária’, com a intenção de estabelecer relação entre ambos e identificar possíveis semelhanças e/ou contrastes. O intuito é verificar a função da bibliodiversidade no cenário literário, marcado pelas transformações decorrentes do advento das mídias digitais, assim como apontar a bibliodiversidade como instrumento potencializador para explorar, valorizar e anunciar a paisagem literária.

O CORPO E A PÁGINA NA POESIA ESPACIALISTA DE ILSE GARNIER

Juliana Di Fiori Pondian (UFF)

Em *Blason du corps féminin* (1979), Ilse Garnier (1927-2020) converte o espaço da página em um campo de experimentação verbo-visual, no qual o corpo feminino se reinscreve pela forma gráfica do texto. Com tipografia mínima e arranjos espaciais precisos, o poema-livro propõe uma leitura simultaneamente visual e semântica: o olhar percorre o corpo da página como quem decifra uma anatomia de signos. A obra dialoga com os *Blasons anatomiques du corps féminin do século XVI*, herdeiros da competição poética lançada por Clément Marot, reinterpretando-os em chave crítica e contemporânea. Se no Renascimento o *blason* traduzia o corpo em linguagem poética sob um olhar masculino, Garnier transforma a própria escrita em corpo – superfície sensível e autônoma. Essa transposição desloca o gênero tradicional para o campo da poesia espacialista, articulando palavra, imagem e forma tipográfica em um gesto intermidial. O presente estudo investiga como *Blason du corps féminin* explora as fronteiras entre texto e imagem, som e espaço, evidenciando a “mulher-livro” como figura metapoética da fusão entre o corpo e o livro, entre a escrita e sua visualidade material.

A NOSTALGIA E A NATUREZA NAS OBRAS OS PEQUENINOS BORROWERS (1952), DE MARY NORTON, E O MUNDO DOS PEQUENINOS (2010), DO ESTÚDIO GHIBLI

Juliana dos Santos Machado Azevedo (UERJ)

Este trabalho analisa o livro infantojuvenil *Os Pequeninos Borrowers* (1952), escrito por Mary Norton, e o filme de animação japonesa *O mundo dos Pequeninos* (2010), adaptação do estúdio Ghibli. As obras contam a história de Arrietty, uma jovem menina de uma família de Pequeninos, seres de aproximadamente 15 cm de comprimento, que vivem escondidos embaixo dos pisos de uma grande casa humana. Ao fazer amizade com um menino humano, a jovem quebra uma regra importante desses seres diminutos, aquela que proíbe o contato entre eles e os gigantes. O tema da nostalgia tem um papel importante nas duas mídias, e a natureza é representada e construída de formas distintas, especialmente quando se leva em consideração os contextos históricos e culturais de produção das narrativas: se o narrador da obra literária olha para uma infância na Inglaterra do

século XX; a obra fílmica debruça-se sobre uma cultura japonesa da atualidade, com fortes raízes xintoístas. Ainda assim, apesar das diferenças midiáticas, culturais, históricas e autorais, as obras conectam-se de formas curiosas na representação dos Pequeninos, pois mesmo no filme de animação japonesa eles ainda carregam traços de sua cultura ocidental de origem. Esta pesquisa, guiada pelos estudos sobre intermedialidade de Irina Rajewsky (2012) e de Lars Elleström (2017), é uma análise comparativa que investigará as narrativas dos Pequeninos nas formas como representam a nostalgia e a natureza.

SOB ALENTE FOTOGRÁFICA: VISÕES E ENQUADRAMENTOS DA PAISAGEM EM PALOMAR, DE ÍTALO CALVINO

Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani (UnB)

Homônimo de um famoso observatório astronômico, o personagem-título de Ítalo Calvino, Palomar, convida o leitor-observador a caminhar e contemplar pausadamente cenários, paisagens, animais, objetos, pessoas e cenas do cotidiano. Dividido em três partes, o livro de contos *Palomar* (1983) apresenta ao olhar do leitor sequências descritivas que evocam a visualidade e revelam, na tensão texto-imagem, uma nova maneira de perceber a realidade a olho nu ou a partir de dispositivos ópticos, como telescópios, lentes e vidros. Partindo da organização visual das descrições e dos jogos de perspectiva presentes na obra, neste trabalho temos por objetivo analisar a presença de dispositivos ópticos como elementos de mediação e de ordenação do texto, ao passo que intentamos também verificar a existência de elementos fotográficos na composição de imagens de paisagens. Ver, observar, “fotografar”: esse parece ser o procedimento do Sr. Palomar ao “recortar” as paisagens com seu olhar contemplativo. Desse modo, sem qualquer inserção material da fotografia, acreditamos ser possível identificar especificidades fotográficas mobilizadas no texto de Calvino, que produzem fotografias verbais das paisagens contempladas pelo personagem. Com base na observação de focos, enquadramentos e léxicos próprios da fotografia, este trabalho partirá dos Estudos fotoliterários (Montier, 2008 e 2015) e das relações entre texto e imagem (Louvel, 2002) para analisar como a escrita evoca traços fotográficos, compondo instantâneos de paisagens. Em nossas análises, buscaremos destacar a presença de dispositivos ópticos e verificar como se instaura a composição fotográfica de imagens verbais de paisagens em alguns contos da obra.

CORPOS QUE SOAM: PAISAGENS SONORAS, ARTIVISMO E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Juliana Milagres Tostes e Mônica de Ávila Todaro (UFSJ)

Este trabalho apresenta reflexões da pesquisa de doutorado em andamento intitulada *Teatro expandido e ativismo percussivo: corpo, música e relações intergeracionais*, que investiga práticas artísticas coletivas a partir da percussão como dispositivo estético, político e relacional. A pesquisa se ancora na noção de paisagem sonora (*soundscape*), compreendida não apenas como o conjunto

de sons de um território, mas como experiência sensível atravessada por corpos, memórias, afetos e relações sociais. A partir de experiências com práticas percussivas comunitárias, oficinas artísticas e ações de ativismo, o estudo propõe pensar a escuta como prática expandida, capaz de articular som, corpo e espaço em processos criativos coletivos. As paisagens sonoras produzidas nessas ações são entendidas como construções vivas, resultantes do encontro entre diferentes gerações, histórias e modos de estar no mundo. O trabalho dialoga com referências da música, do teatro expandido, dos estudos do som e da educação artística, buscando compreender como a percussão coletiva pode reconfigurar modos de escuta e participação, ampliando a percepção do território sonoro e das relações que nele se constroem. Ao valorizar práticas sonoras situadas, o estudo contribui para reflexões sobre criação artística, pedagogias sensíveis e ações artísticas comprometidas com o coletivo, evidenciando a potência política e a poética das paisagens sonoras no contexto contemporâneo.

PAISAGEM COMO MATÉRIA: A TERRA-PIGMENTO NA ARTE CONTEMPORÂNEA DE MINAS GERAIS

Juliana Silveira Mafra, Cláudia Gastelois, Délio Faleiro e Thiago Alcântara (UEMG)

Este estudo investiga a paisagem mineira como elemento constitutivo na obra de quatro artistas contemporâneos que transformam a terra local em pigmento – a terra-pigmento como matéria e expressão. Compreende-se paisagem em sua dupla dimensão: como extensão territorial que a vista alcança e como construção cultural atravessada pela memória e pela percepção – uma "aparência e uma representação". Maria Lira, do Vale do Jequitinhonha, cria "lamas coloridas"; sobre tela, papel ou pedra, vinculando sua obra a uma ancestralidade afro-indígena. Manfredo de Souza Netto utiliza terras de locais impactados pela mineração para denunciar a devastação da Serra do Curral desde os anos 1970. Marcos Siqueira, na Serra do Cipó, emprega pigmentos do cerrado para retratar o cotidiano local, fundindo arte e preservação ambiental. Ariel Ferreira, meses após o rompimento da barragem em Brumadinho, pinta as paredes do Museu Memorial Minas Gerais Vale com pigmentos coletados ao redor de Belo Horizonte, levando para a instituição a história da terra devastada. O uso da terra como matéria-prima não é casual: afirma um vínculo com o território mineiro. As obras resultantes são mais que representações – são a própria paisagem transformada em expressão artística, fragmentos do território fixados em suportes diversos. Essa prática constitui uma forma de conhecimento sensível e material sobre Minas Gerais, onde terra e cultura se fundem. Ao incorporar os pigmentos, os artistas narram visualmente histórias pessoais e coletivas, preservando e ressignificando a memória contida no solo e oferecendo contribuição singular à compreensão da produção artística mineira e sua relação com a terra.

PAISAGEM VERBIVOCOVISUAL: A VISUALIDADE COMO REPRESENTAÇÃO SONORA NA POESIA DE AUGUSTO DE CAMPOS

Julio Abreu (Cefet – MG)

Este estudo investiga a poesia de Augusto de Campos a partir da noção de paisagem verbivocovisual, compreendendo a visualidade tipográfica como forma de representação sonora. Parte-se do pressuposto de que, na obra de Campos, muitos poemas se organizam de modo a representar estruturas musicais inspiradas em procedimentos composicionais de autores como Anton Webern, Giacomo Scelsi e John Cage. Nessas composições poéticas, a paisagem verbivocovisual criada por Augusto de Campos articula disposição espacial, ritmo visual, repetição, pausa e silêncio, como elementos fundamentais para tornar sensível uma experiência musical no plano gráfico. A espacialidade assume papel central na construção dessa poética, funcionando como recurso expressivo capaz de instaurar zonas de suspensão, tensão e escuta no interior do poema. O estudo pretende analisar poemas que atravessam diferentes livros do autor, evidenciando seu interesse recorrente pela música experimental e por formas não tradicionais de organização do discurso poético. Para fundamentar a análise, mobilizam-se textos teóricos do próprio autor, bem como contribuições críticas sobre poesia concreta, intermedialidade e relações entre poesia e música. Ao enfatizar a visualidade como tradução sonora, este trabalho busca ampliar a compreensão da poesia de Augusto de Campos como prática poética expandida, na qual leitura, visão e audição se articulam na construção do sentido poético contemporâneo brasileiro.

CONTOS DE FADAS E RACIALIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL: UMA LEITURA COMPARATIVA

Kamilla Coelho Oliveira (UFSJ)

Este trabalho analisa o livro *Amoras* (2018), de Emerica e Aldo Fabrini, sob a perspectiva da intermedialidade, investigando como a união dos códigos verbal e visual cria uma pedagogia da representação para a infância negra. Baseando-se em W. J. T. Mitchell, o estudo entende a paisagem não apenas como cenário, mas como um “meio cultural” e instrumento de poder. Assim, questiona-se como o pomar retratado na obra atua como uma paisagem política capaz de desestabilizar o imaginário colonial, naturalizando a beleza do corpo negro por meio da natureza. O estudo defende que as paisagens literárias são artefatos culturais e ideológicos essenciais para as práticas de letramento racial e políticas públicas. Elas desafiam frontalmente o apagamento cultural e constroem memórias e identidades de pertencimento. Em diálogo com Nilma Lino Gomes, destaca-se o papel da estética negra na descolonização dos currículos escolares, transformando a geografia literária em um território de reexistência. O objetivo central é demonstrar como essas paisagens afirmativas tensionam as políticas públicas de literatura. Argumenta-se que a seleção de acervos para escolas públicas deve reconhecer a eficácia política desses cenários simbólicos, os quais vão além da estética, promovendo ativamente a justiça racial e a diversidade representativa no imaginário infantil brasileiro.

ENTRE PAISAGENS E ANTIPAISAGENS: IMAGEM, CULTURA E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA

Kátia Hallak Lombardi (UFSJ)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as noções de paisagem e antipaisagem a partir de um percurso histórico, visual e conceitual que atravessa a pintura e a fotografia, tomando como referência artistas como Caspar David Friedrich, Ansel Adams, Hiroshi Sugimoto, Anselm Kiefer, entre outros. Parte-se da concepção de Simon Schama (1996), segundo a qual a paisagem é, antes de tudo, um constructo cultural, resultante da projeção da imaginação humana sobre a natureza. Nessa perspectiva, a paisagem não se reduz à natureza, mas se constitui como um dispositivo cultural de mediação entre o espaço e o olhar. Anne Cauquelin (2007) reforça essa compreensão ao definir a paisagem como uma criação humana derivada de um ambiente pré-existente, fruto da relação entre sociedade, cultura e natureza. A paisagem se constrói por meio do enquadramento, do recorte e da moldura, procedimentos que organizam e tornam legível aquilo que, no mundo natural, se apresenta como excesso, dispersão e diversidade. As pinturas de Caspar David Friedrich evidenciam essa operação ao articular paisagem, memória histórica e experiência existencial, revelando a fragilidade do homem diante da vastidão do mundo. No entanto, como observa Schama (1996), a paisagem não se configura necessariamente como repouso para os olhos ou espaço de harmonia, mas como obra da mente, atravessada por valores, conflitos e disputas de sentido. É nesse deslocamento que emerge a noção de antipaisagem, compreendida como um afastamento das convenções tradicionais da paisagem idealizada. Em Anselm Kiefer, a paisagem incorpora memória, trauma e história, revelando conflitos inscritos no tempo histórico.

DA CARICATURA AO REAL: UMA TRANSIÇÃO DE ABORDAGEM NAS PAISAGENS DE DAVID FOSTER WALLACE

Kelvin Matheus da Silva Rosa (UFJF)

Para Michel Collot, a palavra paisagem oferece “certa imagem do mundo, intimamente ligada ao estilo e à sensibilidade do escritor”. Nos dois romances mais importantes de David Foster Wallace, vemos uma transição no trato da paisagem. Em *Graça Infinita*, a experiência sensível é contaminada pela paródia, com elementos distópicos. Com a destruição ambiental e mutações ocorridas em consequência de geração energética, manadas de hamsters selvagens tomaram o território que já foi Vermont. Não há sutileza no simbolismo. Já o romance seguinte, o interminado *Rei pálido*, abre com uma paisagem, nomeando minuciosamente a flora. A passagem aponta ao resgate da sensibilidade de uma tradição realista, mais próxima de Collot, além de lembrar a ligação do realismo com a capacidade de observação, como descrita por James Wood (2017). Essa transição acompanha mudanças temáticas no Wallace tardio, do entretenimento e paródia para tédio e cotidiano.

VOZES SEM CORPO: RÁDIO E ATMOSFERA DO INSÓLITO EM SAMUEL BECKETT

Larissa Ceres Lagos (UFOP)

Muito antes de alcançar reconhecimento crítico como dramaturgo, o irlandês Samuel Beckett já desenvolvia uma investigação estética centrada nas potencialidades do som. Suas colaborações com programas radiofônicos antecedem as conhecidas peças para rádio encomendadas pela BBC, e até mesmo as montagens de suas obras mais conhecidas (como *Esperando Godot*, de 1952, ou *Fim de Partida*, de 1954) revelando um interesse contínuo pela exploração da materialidade sonora, aspecto fundamental na construção de uma atmosfera do insólito em sua obra. Este trabalho propõe discutir de que modo o uso do rádio funciona, em Beckett, como um espaço privilegiado para a experimentação, incluindo não apenas composições sonoras (sejam em forma de sonoplastia ou propriamente “música”), mas também silêncios e pausas. A criação desse espaço que a mídia proporciona contribui para a exploração de como a paisagem sonora está intimamente ligada com obra. Desde intervenções de sonoplastia (como em versão produzida para a BBC de *Embers*, na qual ouvimos pedras e um violino – que não constam nas rubricas do texto dramático) até as composições criadas exclusivamente para *Cascando* e *Words and Music*, que transformam a mente em uma caixa de ressonância para a peça. Este estudo dialoga com reflexões teóricas de Marjorie Perloff, Dirk Van Hulle e Sarah West, entre outros, a fim de compreender a relação entre criação e projeção atmosférica do insólito nas peças radiofônicas do autor.

O PULSAR QUASE MUDO E OS SINOS QUE QUASE BADALAM

Leandro Donner (PUC Rio)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a paisagem sonora como construção estética, política e perceptiva, a partir de uma leitura intermidial que articula literatura, teoria do som e pensamento crítico. Tomando como eixo a imagem acústica do sino, o artigo traça uma trama de ressonâncias entre trechos da obra de Primo Levi e formulações de Marília Librandi-Rocha, Giuliano Obici e Michael J. Shapiro, além de diálogos pontuais com Clarice Lispector, Augusto de Campos, Gonçalo M. Tavares e Roberto Bolaño. O sino é pensado não apenas como objeto sonoro, mas como operador de intensidade e dispositivo de poder, capaz de demarcar tempos, territórios e regimes de escuta, configurando verdadeiras paisagens acústicas. A partir da noção de intensidade, compreendida menos como volume e mais como ocupação persistente do espaço sensível, o artigo investiga poéticas de escuta que emergem tanto de sons explícitos quanto de silêncios, sussurros e pulsares quase mudos. No contexto do *lager* descrito por Levi, o badalar do sino organiza uma paisagem sonora marcada pela violência reiterada e pela centralização auditiva do poder. Em contraponto, as reflexões de Librandi-Rocha sobre “escritas de ouvido” e os comentários de Obici e Shapiro permitem pensar paisagens sonoras descentralizadas, nas quais memória, linguagem e política se articulam de modo complexo. Ao abordar a paisagem como experiência mediada pela escuta, e não apenas como vista, o trabalho contribui para os debates sobre paisagens sonoras, paisagem cultural

e intermedialidade, enfatizando as tensões entre natureza, artifício, percepção e poder, bem como o papel da escuta na construção sensível e crítica da memória histórica.

PAISAGEM PANAMERICANA EM CANÇÕES DOS ANOS 1970

Leonardo Davino de Oliveira (UERJ)

A ditadura militar no Brasil foi um regime autoritário que durou de 1964 a 1985. Este trabalho propõe uma breve revisão em modo aleatório da semiose pan-americana de emblemas pictográficos e, principalmente, canções que performam certo *ethos* latino-americano nesse período, em que a pergunta “que lugar resta ao modelo americano numa era em que as certezas do iluminismo civilizatório se desvanecem?” precisava de respostas. Cantada por Caetano Veloso, a canção “Soy loco por ti, América” (1967), de Gilberto Gil e Capinan, prolifera e condensa melodias e imagens de americanismos: “Tenga como colores la espuma blanca de Latinoamérica / Y el cielo como bandera”, “Espero a manhã que cante / El nombre del hombre muerto”, “El nombre del hombre muerto / Ya no se puede decirlo, quién sabe?”, numa referência a Che Guevara, e “Sei que um adiante um dia vou morrer / De susto, de bala ou vício”, ouvimos na voz de Caetano. “I am the sun, the darkness / My name is green wave / Death salt South America is my name / World is my name, my size / And under my name / Here am I”, ouvimos na canção “Lost in the paradise” (1969), de Caetano Veloso, no ano em que o compositor é forçado ao exílio. As figurações de América Latina performadas nesse contexto acionam conjunções e disjunções que irmanam um coro dissonante, rebelde e insubmisso. Como que contaminado por uma panamericanemia, as vozes desse coro cantam contrário aos sucessivos processos de colonizações e imperialismos.

REPRESENTAÇÕES DE ESPAÇO E TEMPO NAS QUATRO ESTAÇÕES DE ALI SMITH

Letícia Campos de Resende (UFG)

As vitórias do Brexit no Reino Unido e de Donald Trump nos EUA, a crise dos refugiados, o empoderamento do nazifascismo, a urgência da crise climática, assim como a desilusão com um mundo aparentemente sem futuro, são alguns dos fatores que levaram a escocesa Ali Smith a dar início ao que viria a ser conhecido como seu *Seasonal quartet*, uma quadrilogia de romances nomeados pelas estações do ano, das quais o *outono* (*autumn*) dá título ao primeiro volume, seguido de o *inverno* (*winter*), a *primavera* (*spring*) e o *verão* (*summer*). Passando-se inteiramente na Europa Ocidental, a narrativa se estende por diferentes espaços, aos quais os protagonistas, indo e vindo entre um romance e outro, vão e vêm igualmente conforme idas e vindas do próprio tempo, que oscila entre o presente e o passado, com ocasionais vislumbres do futuro. Vamos nos debruçar sobre trechos-chave da série para refletirmos sobre as seguintes questões: (i) Como são construídas as paisagens no livro e como elas se relacionam com as descrições pictóricas de esculturas, colagens, fotografias, tão presentes nos romances? (ii) Em que medida o tipo de

representação espaço-temporal proposto por Smith configura esteticamente a crítica à ordem neoliberal que impulsiona a própria escrita da autora?

RELAÇÕES HIPERTEXTUAIS ENTRE O FILME *ORGULHO E PRECONCEITO E ZUMBIS* E OUTRAS ADAPTAÇÕES DE *ORGULHO E PRECONCEITO*

Lígia Helena Souza (Cefet – MG)

Jane Austen está entre os autores mais vastamente adaptados para outras mídias. Apesar de ter apenas seis livros completos, suas obras conquistam gerações e seguem sendo relidos e recontados. *Orgulho e preconceito*, seu segundo livro publicado, é considerado o seu maior trabalho. Tornou-se um clássico da literatura ocidental e é o que tem mais versões, inclusive uma prevista para ser lançada em 2026. Neste trabalho, partimos do conceito de palimpsesto de Gerard Genette (2010), em que um hipotexto pode ser apropriado por um segundo autor que o altera e cria, a partir desse processo, um hipertexto. Esse conceito se amplia com a ideia de Robert Stam (2008) de que diferentes adaptações de uma mesma obra criam um hipotexto maior, que inclui aspectos de todas as adaptações anteriores – e, então, o hipotexto deixa de ser apenas a obra original. O objetivo aqui é entender como adaptações anteriores de *Orgulho e preconceito* criaram um novo e maior hipotexto a partir do qual foi criado *Orgulho e preconceito e zumbis*, filme de 2016 dirigido por Burr Steers baseado no livro de mesmo nome de Seth Grahame-Smith que, por sua vez, adapta a obra de Jane Austen. A partir de cenas que se repetem e mudanças em personagens chave, é possível ver como outras versões fílmicas do mesmo livro deixaram uma marca profunda nesse grande palimpsesto que segue inspirando cineastas e roteiristas.

PAISAGEM QUE CANTA: TERRITÓRIO ARGENTINO E GESTO VOCAL NA VOZ DE MERCEDES SOSA

Livia Itaborahy (UFMG)

O trabalho propõe uma leitura do território argentino a partir do gesto vocal de Mercedes Sosa, compreendendo a paisagem não como cenário visual, mas como construção perceptiva e histórica que se materializa na escuta. Em diálogo com os estudos da voz de Nina Sun Eidsheim e com a filosofia da voz de Adriana Cavarero, investiga-se como a presença vocal da cantora organiza uma experiência sonora na qual território, memória e pertencimento se tornam audíveis. A análise centra-se em gravações da década de 1960, especialmente versões de “Zamba de los humildes”, observando como recursos interpretativos, como fraseo, dinâmica, tessitura, legato e a relação entre fala e canto, estruturam uma escuta marcada pela sustentação do tempo e pela recusa do virtuosismo ornamental. Nessa perspectiva, a voz é compreendida não apenas como emissão acústica, mas como gesto expressivo e relacional que articula memória coletiva e experiência histórica. Ao compreender o canto como ato situado e gesto ético, o trabalho propõe pensar a voz

de Mercedes Sosa como lugar de inscrição de uma paisagem histórica em disputa, na qual a escuta organiza a memória política de um território e transforma o canto em forma de presença coletiva.

A PAISAGEM MARCIANA NA FICÇÃO CIENTÍFICA ATRAVÉS DO TEMPO

Louise Cristina Zin (UFSJ)

Este trabalho tem como objetivo analisar as características geográficas, climáticas e outros elementos que compõem a paisagem em obras de ficção científica de diferentes períodos e formatos retratando o planeta Marte. De acordo com Adam Roberts, a ficção científica é a combinação entre o gênero de ficção, onde existe a construção de um universo imaginário, porém com fundamentos respaldados na ciência. O que difere a ficção científica de apenas ficção é justamente o seu compromisso com a veracidade científica, fazendo criações que, mesmo não existindo atualmente, poderiam ser alcançadas pela ciência. Serão analisados o livro *As Crônicas Marcianas*, de Ray Bradbury, que reúne contos de 1946 a 1958; e a série *Star Trek: Picard*, de 2020-2023, criada por Akiva Goldsman, Michael Chabon, Kirsten Beyer e Alex Kurtzman, para o canal de streaming Paramount+. A obra *As Crônicas Marcianas*, de Ray Bradbury, é um compilado de edições de *pulpfiction* lançadas entre os anos de 1946 a 1958. O planeta é apresentado de maneira totalmente ficcional, no qual existe vida, criaturas sencientes humanóides, que construíram uma sociedade organizada. *Star Trek* se tornou uma das mais famosas franquias de ficção científica, contando, atualmente, com 7 séries de televisão, 3 animações, além de 12 filmes, todos com a mesma temática: a exploração espacial. A série *Picard* retrata a aposentadoria e o retorno do envolvimento político do Almirante Jean-Luc Picard no ano de 2339, que segue atormentado por desdobramentos políticos que levaram a destruição do planeta Marte.

PAISAGEM VIRTUAL E CONTEMPLAÇÃO ESTÉTICA EM JOGOS DIGITAIS

Lucas Basso (UFMG)

Esta comunicação propõe uma análise da paisagem virtual em jogos digitais a partir de sua relação com regimes de contemplação estética, engajamento sensorial e experiência espacial. A partir de estudos recentes sobre ambientes visuais em videogames (Atkinson; Parsayi, 2021), abordagens fenomenológicas da experiência espacial em jogos de mundo aberto (Wang; Gao; Shidujaman, 2024) e análises geográficas do espaço virtual em jogos de mundo aberto (Fraile-Jurado, 2024), investiga-se em que condições a paisagem virtual pode ser apreendida não apenas como cenário funcional, mas como forma expressiva que demanda tempo, presença e suspensão de objetivos instrumentais. Parte-se da hipótese de que muitos jogos contemporâneos, apesar da riqueza visual de seus ambientes, tendem a subordinar a paisagem a regimes de ação orientados por metas, eficiência e resposta motora contínua, o que dificulta modos de fruição contemplativa. Em contraponto, analisa-se como os jogos de mundo aberto *Red Dead Redemption 2* e *Ghost of*

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

Tsushima permitem, em diferentes graus, práticas de exploração desacopladas da progressão narrativa e do desempenho lúdico, abrindo espaço para uma atenção estética prolongada ao espaço, ao som e ao ritmo do deslocamento. O objetivo não é avaliar o *status* desses jogos como obras de arte, mas compreender como a paisagem virtual emerge da articulação entre estruturas de jogo, orientação espacial e experiência temporal do jogador, contribuindo para o debate intermediário sobre paisagem, percepção e espacialização audiovisual nos jogos digitais.

INSCREVER A CIDADE, REESCREVER A PAISAGEM: DERIVA GRÁFICA

Lucas Soares de Alencar Monteiro e Adolfo Enrique Cifuentes (UFMG)

Esta pesquisa investiga inscrições encontradas nas cidades de Belo Horizonte e Montes Claros, compreendendo-as em suas dimensões simbólicas, afetivas e políticas. Ancorado em abordagens que concebem o espaço urbano como texto coletivo e território praticado, o estudo adota o caminhar como procedimento metodológico inicial, entendido como forma de leitura sensível da cidade. A partir desse deslocamento, realiza-se a coleta fotográfica de frases, desenhos e rasuras inscritos em muros, pontos de ônibus e outras superfícies urbanas, tomando essas marcas como enunciações anônimas que revelam modos cotidianos de presença, memória e apropriação do espaço público. Desse arquivo imagético derivam intervenções verbo-visuais que deslocam, sobrepõem e rearticulam as inscrições originais, instaurando relações de coautoria entre o gesto do outro e a prática artística. Palavra e imagem constituem, assim, um campo híbrido no qual experiência e imaginação se entrelaçam como dimensões poéticas da paisagem urbana. Cada percurso configura-se, desse modo, como uma cartografia sensível, capaz de evidenciar gestos de (re)invenção do espaço comum.

A PAISAGEM VIRTUAL DA/NA CRÔNICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Luis Eduardo Veloso Garcia (Escola Estadual Caetano de Campos)

A crônica é um dos gêneros mais populares da literatura brasileira, com uma tradição de grandes autores e, conseqüentemente, muitos leitores. A tentativa de compreensão desse gênero passa por alguns caminhos, como a definição de seus suportes, o modo diferenciado com que confronta o limite entre o literário e o mercadológico, a intencionalidade clara de dialogar com um leitor inteiramente inserido no tempo presente e, principalmente, a representação do espaço local do autor dentro do texto. Através da análise dos conceitos sobre o gênero de teóricos como Eduardo Portella, Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Jorge de Sá, e discussões sobre a condição do sujeito no tempo presente, a partir de nomes como Karl Erik Schøllhammer, Pierre Levy, Manuel Castells, Michel Maffesoli e Félix Guattari, a intenção deste trabalho é propor uma reflexão sobre a crônica contemporânea brasileira, levando em consideração a discussão dos espaços representados pelos autores em suas obras – as paisagens literárias das crônicas nas quais é possível apontar uma

transformação direta voltada ao retrato da vivência e da sociabilidade no ciberespaço. Também se torna necessário o entendimento dos lugares de produção da crônica no ambiente da internet para compreender a paisagem dos suportes digitais utilizados. Portanto, a ideia principal aqui é demonstrar que o cronista representa um excelente modo de compreender, de maneira dinâmica e complexa, as situações e as concepções que formam sua época – como o caso da paisagem do homem contemporâneo pela socialização dos espaços digitais –, pois não existe gênero que se alimente mais do tempo presente do que a crônica.

A ESCRITA DO CÉU: A POÉTICA CONSTELAR NEOCONCRETA DE THEON SPANUDIS E A EXPERIÊNCIA DO SUBLIME NA IMAGEM ∞ PALAVRA

Luiz Carlos do Couto Junior (IFSP-Avaré)

A comunicação se debruça sobre a análise comparada dos *Onze poemas barrocos* (1967), escritos por Theon Spanudis (1915-1986) em suas travessias territoriais pelo Brasil – poemas que revelam as experiências de deslocamento e o interior da subjetividade existencial, por meio da reescritura da memória do sujeito desenraizado. O estudo reexamina as estratégias formais e compositivas dos poemas ao incluir “em Bom Jesus de Matosinhos vi as obras de Aleijadinho” (1978). Considera o trânsito cultural do autor como parte de uma leitura e análise comparada dos poemas, ao evidenciar suas relações estéticas, verbais e visuais, e convoca Octavio Ianni (1994) e Jacques Derrida (2011) para pensar a condição de desterritorialização do poeta e o seu olhar estrangeiro. No que se refere às noções da escrita poética, analisa sua busca construtivista por uma poética constelar, com base em Eugen Gomringer (1968), bem como sua participação no Movimento Neoconcreto Brasileiro (1959).

GRAND THEFT HAMLET: UMA CONVERSA NA TRÍPLICE FRONTEIRA ENTRE TEATRO, CINEMA E VIDEOGAME

Luiza Conde Moraes Arcuri (PUC Rio)

Apresentaremos uma investigação sobre a montagem de *Hamlet* realizada por Sam Crane e Mark Oosterveen no ambiente online de *Grand Theft Auto V* (GTA V) durante o lockdown da pandemia de covid-19, em 2021, bem como sobre o documentário machinima *Grand Theft Hamlet*, de Pinny Grylls e Sam Crane, derivado dessa mesma experiência cênica. Ao colocar *Hamlet* e GTA V lado a lado, buscamos demonstrar que essas obras – aparentemente tão distantes em termos de respeitabilidade artística – compartilham mais pontos de contato do que sugerem à primeira vista, sobretudo devido ao contexto pandêmico em que a montagem foi concebida. Analisaremos, assim, o grau de popularidade e ressonância cultural de ambas, a violência de seus universos ficcionais, o existencialismo presente nos enredos, e o regime de atenção caótico e imprevisível convocado tanto por GTA V quanto pelas montagens shakespearianas originais. Refletiremos também sobre o

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

crescimento vertiginoso dos videogames durante o período de isolamento social – marcado pela supressão das paisagens do real e pela necessidade de substituí-las por paisagens virtuais – e sobre características próprias do meio, como imersão, “imortalidade” do jogador e formação de comunidades. A necessidade de substituir as paisagens reais pelas virtuais naquele momento pandêmico constitui um dos pontos de partida de *Grand Theft Hamlet* e fundamenta a escolha específica de *Hamlet* para a montagem, além de informar esteticamente o documentário machinima. Para desenvolver esta análise, recorreremos ao pensamento de autores como Jan Kott, Claire Bishop, Yves Citton e Jacques Rancière.

VOZES BORDADAS: PROTAGONISMO FEMININO NO PROCESSO CRIATIVO DE SABER DE COR

Luiza Fontes Martins (Cefet – MG)

Este estudo investiga as interseções entre memória, espaço e protagonismo feminino a partir da análise do processo criativo do livro de artista *Saber de cor*, de autoria da pesquisadora. A obra, que foi exposta em Paris em setembro de 2025 e ficará exposta até março na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, propõe um resgate sensível da ancestralidade feminina por meio da intervenção em fotografias antigas com as técnicas de colagem, aquarela e bordado. No livro, a costura, prática artística tradicionalmente associada ao labor feminino, é subvertida para construir uma nova genealogia que celebra a memória afetiva das mulheres. Em ressonância, os espaços de fabulação obtidos com as colagens possibilitam um reencontro íntimo entre as gerações. A partir dos conceitos de “escrevivência”, de Conceição Evaristo e “tecnologia de gênero”, de Teresa de Lauretis, essas e outras escolhas estéticas presentes no livro de artista em questão serão analisadas e interpretadas. A metodologia do estudo procura evidenciar justamente como a intervenção artística pode atuar como um dispositivo sensível para ressignificar os espaços ocupados pelas figuras femininas, possibilitando compreender as relações entre o fazer manual e a construção simbólica das narrativas. Dessa forma, o artigo reforça a relevância da arte como ferramenta de resistência e reescrita de narrativas silenciadas no universo feminino.

CAETANO, LÚCIO, CORES E NOMES

Luiza Gonçalves de Oliveira (UERJ)

Esta comunicação tem por objetivo analisar a canção “Trem das cores”, de Caetano Veloso, e a poética de Lúcio Cardoso, principalmente o poema “A casa de solteiro”, no que tange ao uso das cores com associações às emoções e à descrição de estados psicológicos. Na canção, o sujeito relaciona as paisagens, as cores e os sentimentos; conforme ele realiza a sua viagem, vai descrevendo a paisagem a partir das cores que encontra na natureza. No poema, Lúcio também realiza a descrição da paisagem a partir das cores e dos sentimentos que são expressos pelo eu lírico da poesia. A análise será realizada a partir do enfoque intermediário entre as mídias e obras

descritas (a canção e a poesia), portanto o aporte teórico terá a descrição de termos utilizados na área da intermidialidade para esclarecer alguns processos como éfrase e outras associações entre palavra e imagem. Diante dessas duas obras, traçaremos alguns apontamentos que possibilitam o diálogo entre elas sob a óptica intermidiática.

PAISAGEM E MEMÓRIA NA POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE

Magno Francisco Sátiro Catão (UFMG)

Eugénio de Andrade, poeta seminal da literatura portuguesa do século XX, na obra em prosa *À sombra da memória*, pontua que a memória é um dos elementos fundantes de sua poética. De fato, na obra do autor beirão, o regresso à recordação é um expediente amplamente utilizado e comumente também remete a lugares aos quais o autor viajou. No livro *Escrita da terra*, em poemas como “Fão” ou “Planície”, poderíamos refletir sobre os espaços – descritos nos termos de Claudio Guillén (1989), em *Paysaje y literatura, o los otros fantasmas de la otredad* – como paisagens, em que a outridade desse espaço dá-se a partir da construção do olhar humano, atribuindo-lhe um sentido cultural e literário. Em outros poemas, como “Tebas”, “Paestum com Lua Nova” ou “Liliáceas de Corfu”, é possível pensar em tais lugares como detentores de uma memória própria. Ainda de acordo com a perspectiva da autora, os lugares evocados na poesia de Andrade (2017) associam-se à ideia de lugar honorífico, em que os vestígios do passado saltam aos olhos do observador reconstruindo a memória (Assmann, 2011, p. 330-331).

IN MEDIA RES: FRIDA KAHLO E A INTERMIDIALIDADE BIOGRÁFICA

Mail Marques de Azevedo e Verônica Daniel Kobs (Uniandrade)

Este trabalho analisa a intermidialidade biográfica como princípio estruturante da autorrepresentação no diário e nos quadros de Frida Kahlo e no filme *Frida* (EUA/CA, 2002), de Julie Taymor, considerando a paisagem como forma recorrente de mediação do vivido. Focaliza-se inicialmente o diário íntimo de Frida, texto multimidiático construído a partir do paralelismo entre imagens e palavras, produtos da imaginação artística. Na pintura, que constitui a segunda parte deste estudo, destacam-se o trauma e a paisagem – corporal, doméstica e cultural, reiterando as origens da artista e neutralizando a europeização. Nesse contexto, a nostalgia manifesta-se de forma ambivalente, pois é reforçada pela afirmação da identidade mexicana, ancorada em paisagens simbólicas, mas passa a ser tensionada nos quadros que reiteram o passado trágico. Na terceira seção, analisa-se o filme, que evidencia as fontes históricas e políticas de Frida, num painel representativo da paisagem da cultura mexicana. Articulado corpo, movimento, imagem e som, a adaptação fílmica investe em recursos de picturalidade para consolidar os efeitos formais da circulação entre mídias, característica central da intermidialidade biográfica. No referencial teórico, utilizam-se: Irina Rajewsky, Liliane Louvel, Bolter e Grusin, Santaella e Nöth. No que diz respeito à

intermedialidade e remediação: Philippe Lejeune, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Svetlana Boym e Leigh Gilmore. Para discutir memória, nostalgia, autobiografia e trauma: além de Hans Belting, W. J. T. Mitchell e Marcel Martin, que respaldam as análises relacionadas à visualidade, autorrepresentação e paisagem.

A PAISAGEM COMO CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA NAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA

Manan Terra Cabo (UFSB) e Douglas Moreira da Silva (UFOB)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a construção da paisagem nacional no Brasil do século XIX a partir das imagens “Pano de boca do bailado histórico” e “Pano de saco da alegoria do império”, de Jean-Baptiste Debret. Parte-se da compreensão de paisagem como uma construção simbólica e cultural, e não apenas como representação de um espaço físico. Conforme Maderuelo (2013, p. 35-38), a paisagem resulta de um conjunto de ideias, sensações e sentimentos elaborados pelo observador, sendo inseparável da interpretação subjetiva. Nesse sentido, a paisagem não preexiste ao olhar, mas se constitui por meio dele. Complementarmente, Careri (2013, p. 24) define a paisagem como uma ação de transformação simbólica do espaço antrópico, enfatizando seu caráter cultural e político. A partir dessa perspectiva, as imagens de Debret são entendidas não apenas como registros visuais, mas como dispositivos ativos para a construção de uma ideia de nação. As pinturas analisadas articulam elementos naturais, arquitetônicos e humanos em composições que projetam uma narrativa de ordem, progresso e harmonia social, alinhada ao projeto imperial brasileiro. O olhar do artista europeu filtra e reorganiza o espaço brasileiro mediante o filtro de padrões civilizatórios do Império. Ou seja, recorrendo a elementos imagéticos que remetem a recepção européia, como a arquitetura e a mitologia. Conforme Ostrower (1993, p. 08), a criação artística se elabora no interior de um contexto cultural, o que implica que toda imagem é atravessada por valores e visões de mundo. Assim, os panos de Debret operam como paisagens simbólicas que naturalizam relações de poder e diferenças raciais, ao mesmo tempo em que encenam uma identidade nacional idealizada. A paisagem, nesse caso, torna-se uma tecnologia visual de construção da nação, revelando como o Brasil foi imaginado, representado e politicamente organizado por meio da imagem.

PAISAGEM CULTURAL, PODER SIMBÓLICO E O RETORNO DO MANTO TUPINAMBÁ: UMA ESTRATÉGIA DE RECONSAGRAÇÃO DO MUSEU NACIONAL NO CAMPO MUSEAL

Manan Terra Cabo (UFSB), Evelyne Azevedo (UERJ) e Bruno Henrique Pereira Borges (UFOB)

Este trabalho analisa o retorno do “Manto Tupinambá” ao Museu Nacional como um evento de produção de paisagem cultural e patrimonial. A hipótese é dupla. Primeiro, a repatriação é comunicada como gesto decolonial e reparador, acumulando capital moral e político. Contudo, sua eficácia pública é condicionada por uma estrutura de consagração historicamente colonial: regimes

de nomeação, visibilidade e autoridade que tendem a estabilizar o manto como “peça/artefato” raro e a reinscrevê-lo como representação do exótico, enquanto a ontologia Tupinambá (o manto como entidade sagrada e relacional) permanece subordinada aos protocolos museais. Segundo, no pós-incêndio, o Museu Nacional mobiliza o retorno do manto como estratégia de reconversão simbólica: de instituição deslegitimada por precarização e crise de infraestrutura para polo “responsável” de salvaguarda, apoiado por narrativas de modernização, governança e reconstrução. A partir de Pierre Bourdieu, interpretamos esse movimento como luta no campo museal pela recuperação de capital simbólico e pela recomposição de credibilidade, em que um bem raro e altamente visível funciona como operador de reconsagração institucional. Nesse quadro, comunicações oficiais, cerimônias públicas e materiais institucionais são tratados não como objeto de análise discursiva em si, mas como indícios de posições e estratégias de agentes e instituições que disputam a autoridade legítima de definir o estatuto do manto, suas condições de guarda e sua forma legítima de aparição pública. O retorno opera, assim, como rito de instituição (magia social) que produz reconhecimento; redefine fronteiras entre patrimônio, ciência e política e reorganiza hierarquias no interior do campo.

UM RISCO SONORO RESSOA OUTRAS PAISAGENS, OUTRAS ESCUTAS: PESQUISA E CRIAÇÃO A PARTIR DO ACERVO MUSICAL DA FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (FEA BH)

Marcelo Chiaretti (FEA BH)

Esta comunicação é um relato de pesquisa em andamento sobre as partituras de notação gráfica presentes no acervo da Fundação de Educação Artística (FEA BH) e os desdobramentos pedagógicos e artísticos que envolveram os estudantes atuais da FEA em processos de criação a partir da prática musical dessas peças e de outros processos de experimentação com paisagens sonoras. As peças do acervo foram compostas no contexto das oficinas de música da FEA e dos Festivais de Inverno da UFMG, entre 1970 e 1990, por compositores que atuavam no ensino de música para jovens. Essas formas de notação, seus traços, riscos e elementos gráficos, são escritas abertas que sugerem direções, provocam gestos, instigam os intérpretes a serem construtores do próprio material musical, ou seja, são cocriadores das músicas que executam e reinventam. A pesquisa no acervo nos revela uma história do desenvolvimento de abordagens abertas de ensino de música, que valorizam a escuta e a criação no cerne dos processos de aprendizagem, as quais chamo de “pedagogias de invenção” (Chiaretti, 2025). É a partir do aprofundamento sobre esse material que vislumbramos nos aproximar de sons, escutas e paisagens sonoras que reverberavam nessas oficinas. Partiu-se da reflexão sobre esse material para a elaboração de novas oficinas de criação na FEA, propondo aos estudantes: explorarem formas de notações não convencionais; serem os criadores das suas peças a partir da escuta de paisagens sonoras situadas e inventadas; criarem práticas instrumentais coletivas, redimensionando a própria criação enquanto um território de escutas compartilhadas.

PAISAGENS MINERAIS: A POÉTICA DAS PEDRAS EM ROGER CAILLOIS

Marcia Arbex (UFMG)

Este trabalho visa examinar as paisagens minerais descritas por Roger Caillois (1913-1978) em seus ensaios. Ao interrogar o abandono da figuração na pintura, que dá lugar à abstração, o autor reflete sobre o gesto criador do artista em contraponto a uma natureza e a própria artista. Em *Pierres* (1966) e *L'écriture des pierres* (1970), entre outros textos, o sociólogo, poeta e crítico literário contagia o leitor com sua fascinação pelos desenhos inscritos nas pedras, imagens que, devido a uma semelhança inesperada ou improvável, mas sempre natural, seduzem tanto por sua beleza quanto pelas analogias que suscitam na imaginação do observador. Dissimulados no interior das rochas, esses desenhos emergem quando elas são rompidas, revelando paisagens em miniatura e simulando objetos do mundo, do mais ínfimo ao infinito do universo. Dentre as espécies minerais estudadas por Roger Caillois, daremos maior atenção à paisina, pedra sedimentar calcária que, devido a seus padrões naturais evocadores, é conhecida pelas denominações de “pedra pictórica”, “pedra de paisagem” ou “mármore-ruína”. Interessa-nos particularmente as éfrases minerais que se apresentam em linguagem poético-filosófica, na qual se mesclam o rigor do historiador e a sensibilidade do poeta, conferindo sentido tanto à fascinação que essas imagens exercem no observador quanto ao desejo de encontrar nesses signos minerais, desprovidos de significação, correspondências e metáforas.

O MEMORIAL DO OUTRO: A DINÂMICA DE SOBREVIVÊNCIA PELA ESCRITA NA OBRA OS ANOS, DE ANNIE ERNAUX

Maria Elisa Barbosa Siqueira (UFSJ)

O presente estudo investiga o projeto de escrita encapsulada na autossociobiografia de Annie Ernaux, intitulado como *Os anos* (2021). O livro abarca o relato de observadores atentos da França em reconstrução após o encerramento da Segunda Grande Guerra, no qual a experiência privada é utilizada como instrumento de registro das tramas desenroladas no cenário mundial, entre as décadas finais do século XX e o início do século XXI. A narrativa, elaborada pela autora ao longo de anos e publicada já na contemporaneidade, evoca as paisagens de um passado que se esvaiu, um princípio que provoca questionamentos sobre as condições daqueles que vivenciaram as mudanças drásticas na sociedade pós-moderna. A face de quem observa o mundo é rascunhado como um ser indefinido, o retrato de um sujeito biográfico que abriga o coletivo e não se apoia no uso da categoria gramatical “eu”. A verificação de que se utilizam apenas os pronomes “nós” e “ela” em sua produção sublinham os jogos referenciais promovidos, nos quais a intromissão do outro permite que as paisagens da história perdida no passado sejam preservadas para o futuro. Para tal análise, serão empregados os conceitos trabalhados por Leonor Arfuch, Roland Barthes, Pedro G. D. Brito, Serge Doubrovsky, Philippe Dubois, Gabriela S. Freitas e Jovita M. G. Noronha. O trabalho de Annie Ernaux é um memorial dedicado ao público, espaço amplo do qual faz parte e se torna narradora célebre das múltiplas perspectivas que a cercaram durante esse determinado período.

"SE VOCÊ TEM UMA IDEIA INCRÍVEL É MELHOR FAZER UMA CANÇÃO." CAETANO E A RECRIAÇÃO DE MARCEL PROUST NOS TRÓPICOS

Maria Ester Saturnino Reis (PUC Minas)

Esta comunicação propõe analisar as relações entre literatura e música por meio de um estudo comparativo e intermediário entre trechos da obra *Em Busca do Tempo Perdido*, do escritor francês Marcel Proust, e a canção “Trem das cores”, do compositor e músico brasileiro Caetano Veloso. O trabalho parte dos pressupostos teóricos da intermedialidade para investigar de que maneira a canção popular brasileira estabelece um diálogo com a escrita proustiana. O recorte analítico concentra-se em um trecho da narrativa em que o narrador descreve uma viagem de trem e evoca, a partir da contemplação das paisagens, um conjunto de memórias e impressões sensoriais. Busca-se examinar em que medida a canção de Caetano Veloso mobiliza imagens e procedimentos poéticos semelhantes, produzindo uma reescrita criativa do texto literário em outro meio artístico. A análise pretende evidenciar como a palavra cantada, associada aos arranjos melódicos e instrumentais característicos da canção, recria aspectos da experiência estética presentes na obra proustiana, ao mesmo tempo em que a reinscreve no contexto da música popular brasileira. Dessa forma, a comunicação discute como a adaptação intermediária possibilita a circulação e a atualização de um texto clássico, ampliando seu alcance para novos públicos e novas formas de fruição estética.

PAISAGENS SONORAS NO PODCAST *CALUNGUINHA, O CANTADOR DE HISTÓRIAS*

Maria Michele de Oliveira (UFMG)

Paisagem sonora, ou *soundscape*, é um termo cunhado pelo músico e ambientalista canadense R. Murray Schafer, em sua obra *A afinação do mundo* (1977). Nela, o autor descreve as paisagens sonoras como os “conjuntos de sons, agradáveis e desagradáveis, fortes e fracos, ouvidos ou ignorados, com os quais vivemos”, ressaltando seus efeitos sobre o ambiente e sobre os seres humanos. Na mídia podcast, o som é elemento constitutivo da narrativa, pois é por meio dele que a história se organiza e se realiza. Em produções como *Calunguinha, o cantador de histórias*, do Spotify Studios, a paisagem sonora é construída de maneira intencional, articulando efeitos de sentido e imersão. Trata-se de um podcast ficcional voltado ao público infantil, no qual o protagonista, guiado por seu avô ancestral e por importantes personalidades negras da história, vivencia diferentes aventuras. Toda noite, antes de dormir, a mãe de Calunguinha prepara um chá para acalmá-lo; quando sopra o chá, a história se inicia. O som do sopro constitui elemento central da paisagem sonora do podcast, configurando-se como aquilo que Oswald Ducrot (2020) denomina “som argumental”, pois orienta a introdução da narrativa e opera como marca de transição entre o “mundo real” e o “mundo da fantasia”. Esta comunicação tem como objetivo analisar de que modo os elementos da paisagem sonora atuam como recursos narrativos e argumentativos no podcast, buscando demonstrar como determinados sons funcionam como operadores de transição entre planos narrativos e contribuem para a construção de sentidos ao longo dos episódios.

PAISAGENS ILUSTRADAS: DO LIVRO À PAREDE, UM NOVO OLHAR PARA A ILUSTRAÇÃO

Mariana Amargós Vieira (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

O que acontece quando uma ilustração de um livro vai parar na parede? Qual a relação que se estabelece com o leitor/visitante? Esta comunicação tem por objetivo investigar o papel da ilustração fora do livro ilustrado, quando elas saem do formato livro e vão para a parede de uma galeria. Artistas plásticos, como Paty Wolff, Dalton Paula, Larissa de Sousa, que já fazem parte do circuito da arte se expressam também na literatura por meio de ilustrações. As imagens criadas por esses artistas/ilustradores para os livros *Nísia*, *Homem-Bicho*, *Bicho-Homem*, *O jabuti não tá nem aí* e *Uma boneca para Menitinha*, obras publicadas pela editora Caixote, fizeram parte da exposição *Padê: artistas negros nos livros da Editora Caixote*, a primeira realizada pela Página Galeria de Ilustração, em agosto de 2023. À luz de Dewey (2010), Fernandes (2017), Munari (2015), Oliveira (2008), Vigotski (2014), entre outros, conversaremos sobre a relação da ilustração como obra de arte, a educação estética e a valorização de seus artistas, assim como ocorre em galerias e museus fora do Brasil.

TRANSCRIÇÕES DA MITOPOÉTICA AMERÍNDIA EM POESIA SONORA E CORPOGRAFIAS NA PERFORMANCE TOMAR DE OLHOS

Mário Geraldo Rocha da Fonsêca e Felipe Saldanha Odier (UEMG)

A comunicação apresenta o processo de criação da performance *Tomar de Olhos*, do artista Mamutte (Felipe Saudanha Odier), realizada para a Arte em Foco – Artes indígenas: identidade e memória (2015) da Funarte-MG. A obra articula performance, poesia sonora, vocalização, vídeo e dança, estabelecendo interlocuções entre mitopoéticas ameríndias e arte contemporânea. Tendo como referência o Çapó, o Ritual da Tucandeira e o tipiti, a ação incorpora parte da cultura material e imaterial da etnia amazônica Sateré-Mawé, objeto de estudo do pesquisador amazonense Mario Geraldo Rocha da Fonseca, professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), colaborador deste trabalho. Assim, o efeito simula os sons da floresta em um ritmo que se nota nas madrugadas amazônicas, tipo sinfônico do chamamento sonoro das guaribas, do tilintar dos pássaros, das uivadas do vento e do murmúrio tântrico dos rios açús. É paisagem e é sonora, posto que performada com o uso do *loop station*, compondo ao vivo peças de poesia que articula vocalidades, gestualidades e camadas de sons em tempo real. A performance mobiliza a noção de “verbivocovisual” ao ativar o corpo e o espaço, no qual voz, gesto, imagem, palavra e tecnologias constroem uma experiência intermídia.

ESQUECER NO TEXTO: EXPERIMENTOS DE CRIAÇÃO LITERÁRIA A PARTIR DA PERDA/CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Mauro Gabriel Morais da Fonseca (UFJF)

O trabalho investiga a construção da memória a partir do esquecimento em experimentos de criação literária presentes no conjunto de textos intitulado *Sobrevoa*. Composta por vozes distintas que constroem breves rememorações de um narrador diante da perda de memória da avó, a narrativa articula textos documentais e registros íntimos sobre o esmaecimento do sujeito sem memória, deslocando-se entre o individual e o coletivo. Considerando a construção da memória, segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), como uma complexa reunião de lembranças vividas ou ouvidas, contemplando as próprias experiências e as vivências da sociedade em que estamos inseridos, o experimento criativo intenta trabalhar com essa matéria heterogênea e disforme – como o “fruto estranho” do qual fala Florência Garramuño (2014) –, repleta de vazios que, na fatura literária, podem ser representados pelos vazios, discutidos por Wolfgang Iser em sua teoria da recepção acerca da interação entre texto e leitor. Assim, ao mesmo tempo em que deseja lembrar a avó, sua existência que resiste diante da doença que a consome, *Sobrevoa* persegue, na temática e nas estratégias literárias, formas possíveis de um esquecer que também compõe a memória. Ancorando-se na ficção, e mais especificamente nas escritas de si, o trabalho tenciona fazer das palavras um território no qual convivem conflituosamente esquecimento e recordação.

IMOBILIDADE, PAISAGEM SONORA E QUESTIONAMENTO ONTOLÓGICO NA OBRA *LOS RECUERDOS DEL PORVENIR* (1963), DE ELENA GARRO

Maycon da Silva Tannis (PUC Rio)

O presente trabalho visa debater a formulação de uma paisagem sonora na obra *Los Recuerdos del Porvenir* (1963), de Elena Garro, e como a autora compõe um questionamento ontológico à história. No romance, a autora subverte a compreensão virtuosa da revolução, tomando como ponto de partida o silêncio e a imobilidade de uma cidade que outrora experimentara o auge do longo e violento processo de modernização que a revolução ocasionara. A mesma cidade (Ixtepec), imersa na imobilidade, tem uma voz. Garro dota Ixtepec com uma voz que se mistura à paisagem e não somente narra os acontecimentos, mas também interage com suas personagens. A autora faz com que a voz e os sons que trazem a vida e o movimento à silenciosa e poeirenta Ixtepec, sejam mais que o fundo da ação, mas o lugar por onde o leitor se conecta à experiência histórico-cósmica das personagens. A voz, os ruídos e a paisagem sonora que se integram nos acontecimentos, compõem a relação ontológica das personagens e do leitor com a história narrada no romance, tanto quanto com a História da Revolução Mexicana. Garro estabelece que a experiência histórica latino-americana não se resolve em um circuito virtuoso, de modo que ela apresenta às personagens e ao leitor uma possibilidade de contornar a verdade material a partir de uma experiência emocional e mágica (realismo maravilloso). Este trabalho visa analisar esse questionamento ontológico do

tempo histórico a partir da relação íntima que a autora estabelece entre os sons, suas personagens e seus leitores.

A ARQUITETURA SONORA EM O HOMEM QUE RI: ENTRE PAISAGENS SONORAS, FOLEY E MÚSICA EXTRADIEGÉTICA

Melissa Marangoni Leme (Unifesp)

Demian Garcia (2015) acredita que todos os sons de um filme são manipulados, isto é, por meio deles, as produções cinematográficas conferem medo, suspense e até mesmo alegria a seus espectadores. Partindo desse ponto, esta comunicação tem por objetivo analisar a construção da paisagem sonora presente no filme *O homem que ri* (2012), de Jean-Paul Améris. Ressaltamos que essa produção é uma transmediação (Elleström, 2021) da obra homônima de Victor Hugo, publicada em 1869. Pretende-se demonstrar como os elementos sonoros, principalmente o *soundscape*, conjugados a outros elementos que compõem a cena, como o foley e a música extradiegética (além de outros efeitos sonoros), agregam valor semântico às cenas que uma vez foram imaginadas no romance de Hugo. Em relação aos estudos de paisagem sonora, esta pesquisa se debruça sobre os trabalhos de Murray Schafer (1994); no que diz respeito ao som e ao cinema, dialoga com Michel Chion (2011); e, por fim, no campo da intermedialidade, com Lars Elleström (2021). O presente trabalho constitui um recorte de pesquisa de doutorado em desenvolvimento, realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo nº 2024/07609-5.

A PAISAGEM QUE RESTA: ROSTOS ATRAVESSADOS PELO TEMPO E A PARTILHA DO SENSÍVEL EM CABRA MARCADO PARA MORRER, DE EDUARDO COUTINHO

Mike da Costa Tavares e Kátia Hallak Lombardi (UFSJ)

Na presente proposta de comunicação, estabelecemos como objeto de estudo o documentário *Cabra marcado para morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, cuja narrativa original sobre o assassinato de um camponês foi interrompida pelo golpe de 1964. Ao retomar os trabalhos dezessete anos depois, o filme confronta a paisagem que resta: os cenários alterados e os corpos marcados pelo tempo e pela repressão política. Defendemos que essa ruptura espaço-temporal e o reencontro com os sobreviventes promovem uma nova partilha do sensível, nos termos de Jacques Rancière (2005), deslocando identidades e *mise-en-scènes* ao criar uma nova paisagem que se manifesta na pele como inscrição da memória. A paisagem que resta, portanto, é um recorte do corpo e do espaço naquilo que restou do "filme sobre o filme". A obra deixa de ser apenas um registro biográfico para se tornar uma metalinguagem sobre o cinema e o esquecimento. O documentário opera um jogo político na cena ao dar visibilidade a sujeitos e espaços outrora silenciados pela censura. A análise demonstra que a imagem cinematográfica, ao lidar com os fragmentos do passado no presente, abre novas virtualidades políticas, transformando a paisagem residual em um campo de

resistência estética e reconfiguração do comum. Sob essa ótica, a película revela que o que resta não é apenas o rastro da dor, mas a potência de uma imagem que reorganiza a percepção do real e reivindica o direito ao dizer e ao aparecer na cena pública brasileira.

A PAISAGEM COMO SINTOMA NO ESPETÁCULO *MINERAL IBSEN*

Natália Pereira Buzatti (UFMG)

Mineral Ibsen (2025), espetáculo dirigido por Marina Arthuzzi e com dramaturgia assinada pelo Teatro da Fumaça e pela Sobrilá Cia de Teatro, dialoga com a peça *Um inimigo do povo* (1882), de Henrik Ibsen, em uma releitura que reinscreve o drama na paisagem extrativista de Minas Gerais. O espetáculo representa essa paisagem através do vilarejo fictício de Serra de Dentro e de uma rachadura que atravessa seu território, o que remete aos elementos comuns da paisagem mineira – como as fissuras da Serra do Curral, em Belo Horizonte – configurando uma imagem de degradação. No entanto, essa representação se afasta da pretensão mimética, uma vez que se constitui por jogos de luz e sombras, e por materiais artificiais e cenográficos. A paisagem, nesse sentido, não atribui referência realista à sua imagem; ainda assim, alude àquilo que já estampou nossos olhos empiricamente. Assim, este trabalho propõe uma leitura crítica acerca da elaboração da paisagem cênica na peça teatral e como ela se apresenta como uma construção imaginária que é, por sua vez, imediata. Em razão disso, a paisagem cênica opera como um sintoma, nos termos de Georges Didi-Huberman, um efeito visual de um conflito histórico e social não resolvido e naturalizado, que retorna sob a forma sensível da rachadura e do cenário de Serra de Dentro.

A SINESTESIA NAS INTERFACES: JOGOS DIGITAIS PARA UMA EXPANSÃO COGNITIVA

Pablo Gobira e Eduardo Séllos (UEMG)

Este trabalho advém dos estudos realizados nas áreas de biotecnologia, jogos digitais (game studies) e paisagens culturais, pelo Laboratório de Poéticas Fronteiriças (Labfront), grupo de pesquisa que explora as diferentes frentes das relações entre arte, ciência e tecnologia. A ubiquidade da presença do digital no cotidiano impactou o modo da humanidade em lidar com a cultura e a “paisagem cultural”, sendo a indústria dos jogos digitais um exemplo disso. Com o intuito de relacionar o impacto da indústria de jogos no desenvolvimento de tecnologias e como estas são responsáveis por renovar estruturas socioculturais, este trabalho destaca a sinestesia presente nas interfaces dos jogos digitais como forma de expandir os sentidos cognitivos, ao simular como outros seres não humanos se comportam e interagem com o espaço, em uma experiência transespécie que altera a paisagem tecno-sócio-biológica. Pesquisadores como Juan Camilo Giraldo Aristizábal percebem a plurisensorialidade dos jogos como uma potência coletiva que também está presente em simulações para treinamentos militares, com a utilização de drones cujo manuseio é baseado

em interfaces de jogos digitais. O resultado esperado com este trabalho é debater como a sinestesia dos jogos digitais afeta as relações na sociedade e sua paisagem.

DISSOLUÇÃO DAS FRONTEIRAS: AS PAISAGENS ARTIFICIAIS E A ESTÉTICA DO PÓS-BIOLÓGICO NAS CIDADES INTELIGENTES

Pablo Gobira e Italo Travenzoli (UEMG)

Esta comunicação resulta de pesquisa desenvolvida no Laboratório de Poéticas Fronteiriças (LabFront – UEMG/CNPq), grupo de pesquisa e inovação que tensiona as fronteiras entre os campos artístico, científico e tecnológico. Propõe-se uma avaliação crítica das paisagens artificiais à luz dos paradigmas pós-digital e pós-biológico. Questiona-se a validade da clássica separação entre o natural e o artificial, diante da onipresença das tecnologias de informação e comunicação. Com base em autores como Hernández-García e Niño Bernal (2018), Parikka (2017) e Ascott (2003), argumenta-se que a artificialidade representa uma extensão da capacidade cultural humana de transformar o ambiente, produzindo mundos bioimersivos. O estudo se concentra na emergência de ecologias híbridas nas chamadas cidades inteligentes, onde a paisagem se configura como sistema complexo e ativo, resultante da convergência entre bits, átomos, neurônios e genes, conceito definido por Ascott (2003) como *moistmedia*. Observa-se uma transição na arquitetura contemporânea, da ênfase na forma para sistemas comportamentais, com edifícios semivivos capazes de interagir e aprender. Amparado na teoria da natureza do espaço de Milton Santos (2002), que entende a paisagem como um conjunto real e transtemporal de objetos concretos, defende-se que as fronteiras entre o biológico e o tecnológico tornam-se difusas. Na era da simulação e da biotecnologia, a paisagem emerge como uma interface sensível e relacional, dando origem às paisagens culturais pós-digitais, que exigem novas categorias estéticas para compreender a coevolução entre humanos, máquinas e o meio ambiente em contextos de desmaterialização e rematerialização constantes.

ARTE, CIDADES INTELIGENTES E MODELOS HABITACIONAIS DAS CIDADES UTÓPICAS

Pablo Gobira e Vinicius Viana (UEMG)

Este trabalho surge de reflexões realizadas no grupo de pesquisa Laboratório de Poéticas Fronteiriças (LabFront), certificado pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e cadastrado no Diretório do CNPq. Para este trabalho, entende-se que o progresso tecnocientífico tem moldado as cidades e os espaços urbanos, principalmente através da implementação de tecnologias digitais na malha urbana, com os projetos de cidades inteligentes. Assim, o objetivo é investigar as relações entre os modelos habitacionais das cidades utópicas do século XX e as propostas contemporâneas de cidades inteligentes. Para isso, analisa-se a concepção de habitação nos projetos *Walking City* (1964), *Plug City* (1964) e *Capsule Homes* (1964), do coletivo Archigram, *V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens*

contrastando-os com as cidades inteligentes atuais. Estas podem ou não ser construídas do zero. No caso do *Toyota Woven City*, localizado no Japão, temos um experimento construído e pensado desde o início visando testar e estabelecer estratégias de gestão discutidas no termo “cidade inteligente”. Outra cidade que atualmente está em fase de construção é a *The Line*, um projeto de cidade cognitiva que se estende por 34 quilômetros quadrados, na Arábia Saudita, que pretende um funcionamento com 100% de energia renovável, com emissão mínima de carbono. A pesquisa examina as cidades inteligentes como paródias dos modelos vanguardistas do século XX (Gobira, Silva e Andrade, 2020), configurando-se como estratégias de acumulação de capital, alinhadas à lógica da absorção de excedentes (Harvey, 2014).

PAISAGEM DE CAMADAS ASSOCIATIVAS: INTERVENÇÃO CONTEMPORÂNEA NA RESERVA TÉCNICA DO MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

Paulo Ferreira de Carvalho Neto (UFU)

Este resumo apresenta uma reflexão sobre a intervenção arquitetônica contemporânea realizada na reserva técnica do Museu Municipal de Uberlândia, localizada no bairro Fundinho, área mais antiga da cidade e marco geográfico do arraial que deu origem ao município. Trata-se de um sítio de elevado valor patrimonial, onde, no início do século XX, foi erguida a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, demolida na década de 1930. Posteriormente, o local abrigou a antiga rodoviária, edifício de dois pavimentos com referências ecléticas, caracterizado por arcadas triangulares que articulavam o espaço público da rua às dinâmicas internas de embarque e desembarque. Na década de 1980, a edificação teve seu uso transformado em biblioteca pública, ocasião em que ocorreu o fechamento das arcadas originais. Durante esse período, o imóvel foi tombado, reconhecendo-se tanto sua importância como geografia fundadora da cidade quanto seu papel na evolução urbana de Uberlândia. Em 2020, o edifício passou a abrigar a reserva técnica do Museu Municipal, responsável pela guarda de um vasto acervo de artes e ofícios. A intervenção proposta em 2025 fundamenta-se na reabertura de dois vãos centrais da antiga rodoviária, reinterpretados como vitrines de fechamento hermético. Essas vitrines estabelecem uma associação semiótica entre transeunte, edificação e objetos museológicos, promovendo um diálogo visual que evoca a passagem do tempo e a memória afetiva. Ao permitir que o público observe fragmentos do acervo, constrói-se um *pathos* urbano, capaz de estimular o senso de pertencimento, o reconhecimento da história local e a valorização da preservação patrimonial. Configura-se, assim, uma paisagem de camadas associativas, na qual geografia, arquitetura, e cultura material e imaterial se sobrepõem, revelando a riqueza da abordagem do patrimônio a partir da paisagem cultural.

O ESPÍRITO DOS LUGARES DA CENA METAL DE BH: AS TERRITORIALIDADES DA MEMÓRIA E DA LEGISLAÇÃO

Paulo Henrique Caetano (UFSJ)

Esta comunicação delinea uma cartografia da gênese da cena da música heavy metal de Belo Horizonte, nas décadas de 1980 e 1990, com foco nas territorialidades de sua consolidação. Entre os lugares percorridos em nossas pesquisas, estão praças, bares, casas de shows e lojas; referências espaciais para os corpos do metal que clamam por diferentes leituras contextualizadas com a pulsação da cidade. Como referencial, propomos um panorama dos estudos do Metal, bem como uma abordagem a partir da arquitetura e do patrimônio. Quanto ao espírito dos lugares, recorreremos a Norberg-Schulz (1980), a Markevičienė (2012) e à Declaração de Quèbec sobre a preservação do espírito do lugar (2008), que preconiza que para preservar o espírito de um lugar, há que se pensar nos elementos físicos e materiais, nas práticas culturais, e nas redes e relações que o singularizam. Nesta etapa, apresentamos uma cartografia inicial de dois lugares: Cogumelo e DCE da Federal, com descrição e análise de práticas sociais e culturais desses lugares e dessa cena, buscando acessar o seu ‘espírito’, o *genius loci*. O recente reconhecimento institucional – por meio da aprovação da Lei Municipal que institui o Dia Municipal do Heavy Metal e da Lei Estadual que institui o Dia Estadual do Heavy Metal, ambos no dia 1º de novembro – representa um marco fundamental na valorização dessa manifestação cultural, além de um avanço simbólico e político que abre caminho para ações estruturantes de preservação da memória, difusão cultural e fortalecimento do turismo cultural ligado à música.

O LUGAR DA ESCOLA NA PAISAGEM URBANA: CONTRASTES ENTRE O PLANO PILOTO E A CEILÂNDIA NA EXPERIÊNCIA URBANA DE BRASÍLIA

Pedro Augusto do Nascimento (Secretaria de Educação do Distrito Federal)

Este trabalho analisa o lugar da escola pública na paisagem urbana de Brasília a partir do conceito de unidade de vizinhança (Perry, 1921) e de sua relação com os processos de segregação socioespacial (Kowarick, 2000). Propomos uma análise comparativa entre o Plano piloto e a Ceilândia, buscando compreender como a localização, a arquitetura e o raio de atuação das escolas públicas participam da produção de desigualdades territoriais. A metodologia adotada é mista, articulando pesquisa histórica, análise urbanística, levantamento documental e cartografia censitária das matrículas escolares da rede pública de ensino. Os resultados indicam que, na Ceilândia, as escolas públicas operam de forma mais aderente ao princípio original da unidade de vizinhança, sendo acessadas majoritariamente a pé e funcionando como equipamentos centrais da vida comunitária. Em contraste, no Plano piloto, observa-se a dissolução dessa centralidade, com escolas públicas atendendo a um público territorialmente disperso e desvinculado da vizinhança imediata, o que reconfigura fluxos urbanos e usos do espaço público. O estudo demonstra que decisões institucionais relativas à distribuição espacial dos equipamentos educacionais, associadas a políticas de mobilidade e ao enclausuramento físico das escolas por meio de muros,

reforçam mecanismos de espoliação urbana e produzem paisagens segregadoras. Defende-se, assim, que a escola pública constitui um elemento fundamental do direito à paisagem e do direito à cidade (Lefebvre, 1968), na medida em que estrutura trajetos cotidianos, relações de vizinhança e formas de sociabilidade urbana, contribuindo para uma leitura interdisciplinar da paisagem como bem coletivo.

A LIRA CABOCLA NO SUBÚRBIO DO IRAJÁ: AS CARTOGRAFIAS POÉTICAS E O SERTÃO TRANSFIGURADO DE MANOEL AMBRÓSIO

Pedro Borges Pimenta Júnior (UFMG)

O escritor mineiro Manoel Ambrósio (Januária/MG, 1865-1947) residiu por cerca de sete anos nos subúrbios cariocas do Irajá. Centenas de anos antes, partiram desse ponto os grupos de bandeirantes que violentaram os sertões sanfranciscanos, movimento que ele escrutina na ficção histórica produzida entre 1920 e 1940. É essa paisagem que Ambrósio retomará, agora na produção poética, durante os anos de exílio no Rio de Janeiro. Assim, tanto em *Parusinas* (1940) e *Harpas* (1940) como em *Ave-Marias* (1935), Ambrósio apresenta uma paisagem poética que transfigura no Irajá a distante geografia ribeirinha. Nessas obras, há textos melancólicos e pessimistas, repletos de versos com sonoridade *sui generis* que revelam o esforço do poeta para incluir a lira cabocla no rol da musicalidade simbolista e na métrica parnasiana em voga. Nesse sentido, o presente trabalho propõe avaliar tais textos como cartografias poético-históricas que usam a paisagem como ponto de retorno ao passado, na perspectiva da "escada rolante" pensada por Raymond Williams (2011).

ARQUEOLOGIA DAS TAPERAS: RUÍNAS E DECADÊNCIA COLONIAL NO SERTÃO DE MANOEL AMBRÓSIO

Pedro Borges Pimenta Júnior (UFMG)

O escritor mineiro Manoel Ambrósio Alves de Oliveira (Januária/MG, 1865-1947) foi um autor profícuo. De sua pena, saíram cinco romances históricos, todos ambientados num espaço e tempo cuidadosamente estabelecidos de modo a construir uma cartografia literária que representasse a intrusão e os vestígios do aparelho colonial na porção mineira dos sertões sanfranciscanos, desde o final do século XVIII até as primeiras décadas do XX. Nesses textos, podemos observar o empenho do autor em sinalizar o lugar onde as casas-grandes e fazendas de outrora se transformaram nas taperas de então, evidenciando a decadência moral dos poderosos que derramaram sangue indígena para roubar-lhes grandes faixas de terras às margens do Velho Chico. Nos textos, as ruínas desse passado – "eloquentes traços do passado" ainda visíveis no momento da escrita – são apresentadas em estado agudo, como consequência ou punição associada à corrupção política e à deterioração moral crônicas. Nessa perspectiva, o presente trabalho fará uma arqueologia das ruínas coloniais presentes no mapa ficcional criado por Manoel Ambrósio. Tomadas aqui como

paisagens literárias, são elas que ajudam a reconstruir os excessos e a omissão programática do regime colonial no Brasil interior. Para esse objetivo, foram importantes referências teóricas os trabalhos de Benjamin (1994), Collot (2013), Lopes (2016), Groot (2016), entre outros.

ROLAND BARTHES E SEUS LEITORES HISPÂNICOS

Pedro Demenech (UFSJ)

Este trabalho, ainda exploratório, pretende testar subsídios para uma pesquisa de médio prazo sobre como Roland Barthes e suas ideias foram lidos e apropriados por intelectuais latino-americanos entre os anos 1960 e 1980, com ênfase na Argentina e no Brasil. Parte-se da hipótese de que essas leituras não operam apenas como recepção passiva de uma teoria produzida no “centro”, mas como reconfigurações situadas que articulam crítica, literatura, história e formas de engajamento intelectual em conjunturas atravessadas pela repressão ditatorial e, posteriormente, pela reabertura democrática. Nesta exposição, o objetivo é simples e bastante limitado: apresentar um mapeamento inicial das primeiras traduções de Barthes para o espanhol e o português; em seguida, averiguar como suas ideias foram sendo adaptadas e atravessadas pelo contexto latino-americano; adiante, tentar realizar um balanço comparativo entre diferentes cenários e, sobretudo, diferenciar a recepção de Barthes por intelectuais e críticos do Sul e do Norte – uma vez que, no continente, suas ideias serviram para remodelar noções como as de engajamento e de cultura. Por fim, opta-se por uma leitura histórica que compreende o sentido como produto histórico, atravessado por dimensões culturais, sociais e políticas. Ao final, a proposta é mostrar como as leituras de Barthes contribuíram para reinscrever, por meio da teoria literária, no interior das ciências humanas, um debate sobre como leitura, cultura e modernidade, em contextos periféricos como o latino-americano, podem operar no sentido de criar aberturas políticas e democráticas.

ROMANTISMO E A ASSIMILAÇÃO SUBJETIVA DA PAISAGEM

Priscila Célia Giacomassi (IFPR)

Inserida no horizonte estético do Romantismo, a paisagem deixa de funcionar como mero pano de fundo descritivo para tornar-se elemento ativo de mediação entre o sujeito, o espaço e o sentido da narrativa, sobretudo no âmbito da literatura de viagem. Florestas, sertões, rios e fronteiras são apresentados como espaços emocionalmente carregados, apreendidos a partir do deslocamento e do olhar do viajante, capazes de refletir e intensificar estados de espírito, como melancolia, temor, deslumbramento e introspecção. Nesse contexto, a paisagem literária constitui-se como elemento estruturante da narrativa de viagem e da experiência subjetiva do viajante – figura central do processo, cuja percepção sensível transforma o espaço percorrido em construção estética e simbólica. A natureza é frequentemente antropomorfizada e assimilada de modo sentimental, estabelecendo um diálogo contínuo entre interioridade e mundo exterior, característico da escrita

romântica de viagem. As descrições mobilizam recursos picturais e sinestésicos, organizando o olhar do leitor de forma análoga à observação de cenas visuais e intensificando a dimensão sensorial do relato. Além da dimensão subjetiva, a paisagem adquire relevância simbólica e histórica. Em passagens marcadas por deslocamentos, travessias e zonas de fronteira, o espaço natural funciona simultaneamente como registro da experiência do viajante e como depositário de valores ligados à ideia de território, pertencimento e identidade nacional. Assim, a literatura de viagem articula emoção, memória e imaginação política, consolidando a paisagem como eixo fundamental da narrativa romântica e como instrumento de construção simbólica do espaço no século XIX.

A PAISAGEM HISTÓRICA ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL: NICOLAS TAUNAY E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL PARA O BRASIL DO SÉCULO XIX

Priscila Célia Giacomassi (IFPR) e Ana Cecília Soja (IFF)

A identidade nacional está intrinsecamente relacionada à preservação do patrimônio cultural e artístico, sobretudo quando este se manifesta por meio da paisagem como construção histórica, simbólica e visual. Nesse contexto, torna-se particularmente trágica a destruição do Museu Nacional do Rio de Janeiro em 2018, que resultou na perda de *Primeiro passeio de D. João VI e D. Leopoldina na Quinta da Boa Vista*, única pintura histórica de Nicolas Taunay realizada no Brasil. A obra constitui um marco na consolidação da paisagem cultural brasileira e da memória histórica visual do país. Paisagista por formação, Taunay transforma a paisagem em suporte narrativo da história ao integrar a família real portuguesa a um espaço urbano-natural em movimento. A cena articula cânones da paisagem clássica francesa com elementos tropicais, configurando um território híbrido no qual o poder é inscrito de forma menos monumental. Ao representar a realeza em escala próxima a figuras comuns – incluindo um escravizado e o próprio artista em autorretrato – a pintura relativiza hierarquias, humaniza o poder e reinscreve sujeitos subalternizados na paisagem histórica. Segundo Migliaccio (2010), essa composição projeta a imagem de uma “realeza burguesa”, associada à fundação de uma nova ordem política no Brasil. A obra evidencia a tensão entre o olhar europeu e o espaço local, e reafirma o papel da paisagem pictórica na construção do passado nacional. Sua perda irreparável expõe a fragilidade do patrimônio cultural e reforça a função dos museus como espaços de salvaguarda da memória, da pesquisa e da paisagem simbólica de uma nação.

ÉCFRASE E VISUALIDADE EM PAISAGENS BRASILEIRAS, DE VISCONDE DE TAUNAY

Priscila Célia Giacomassi (IFPR) e Solange Viaro Padilha (PUC PR)

Partindo da definição de intermedialidade, proposta por Claus Clüver (2017), compreendida como o conjunto de relações e interações entre diferentes mídias, o presente trabalho analisa trechos da

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

obra de não ficção *Paisagens brasileiras*, de Visconde de Taunay, nos quais a descrição da natureza assume caráter pictural por meio do uso da écfrase e de estratégias intermediais. Investiga-se como Taunay mobiliza esse recurso não para descrever obras de arte propriamente ditas, mas para transformar a paisagem natural em imagem literária. As descrições organizam-se de modo semelhante à composição pictórica, conduzindo o olhar do leitor do plano geral aos detalhes, de modo a simular a experiência visual da contemplação. Esse movimento cria um efeito de enquadramento e de aproximação progressiva, intensificado pelo uso de um léxico pictural que evoca cor, luz, volume, textura e perspectiva. À luz da noção de “descrição pictural”, proposta por Liliane Louvel (2006), identificam-se marcadores imagéticos que conferem visualidade ao texto, como efeitos de focalização, modulações cromáticas e recursos de enquadramento. Em diálogo com a concepção de imagem emoldurada como palco narrativo (Manguel, 2009) e com a perspectiva de Denis Cosgrove (1998), para quem a paisagem não constitui um dado neutro, mas uma construção cultural atravessada por múltiplas camadas de significado, observa-se que a leitura dessas paisagens exige um processo ativo de construção de sentido. Nesse contexto, a intermedialidade amplia as possibilidades interpretativas ao converter as paisagens descritas em quadros literários, nos quais literatura e pintura se articulam na produção de uma experiência estética híbrida e multissensorial.

PAISAGEM, ESCRITA E IMAGEM: TENSÕES NA OBRA AGATHA E AS LEITURAS ILIMITADAS, DE MARGUERITE DURAS

Rafaela Faria Vianna (UFMG)

Marguerite Duras foi uma escritora e cineasta francesa cujo estilo marcou a segunda metade do século XX. Nesta comunicação, argumento, a partir do filme *Agatha e as leituras ilimitadas* (1981), que a noção de paisagem é fecunda para pensar a relação entre escrita e imagem que se delineia em sua obra. O filme intercala cenas de praia e de personagens vagando por uma casa. A história, por sua vez, é contada em voz off, ou seja, há uma forma, característica na obra durasiana, que desafia a relação entre imagem e narrativa. Nesse sentido, a noção de paisagem é interessante para pensar esse filme, e a relação entre o literário e o cinematográfico em Duras de forma geral, uma vez que há um contraste aparente entre o tema da história – um amor incestuoso – e as imagens de uma praia deserta no inverno. Contudo, a paisagem, aqui, não é um fundo decorativo para o texto, e esse contraste remete a uma tensão fundamental do seu estilo, tanto literário quanto cinematográfico: o vazio, o neutro, o silêncio coexistem com (e muitas vezes são o veículo para expressar) as paixões mais devastadoras. Assim, explorar as diferentes camadas do significante paisagem, enquanto olhar, para além de uma função decorativa, diz algo dessa tensão na obra da escritora.

PEDRO NAVA E CARLOS DRUMMOND: A MEMÓRIA DAS CIDADES E SUAS PAISAGENS

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (PUC Minas)

Na prosa memorialística de Pedro Nava e na poética de Carlos Drummond a paisagem da cidade tem presença significativa. Pretende-se discutir, com esta comunicação, os significados das cidades e suas paisagens (Juiz de Fora, Itabira, Belo Horizonte, e Rio de Janeiro) na poética da memória dos dois escritores mineiros; e as consequências para o tom nostálgico e, por vezes melancólico, que advém do modo como essas paisagens aparecem em uma e outra obra. Ao passear pelas páginas dos seis volumes das *Memórias*, de Pedro Nava, o leitor, tal como o narrador-memorialista, torna-se um *flâneur* que transita pelas ruas das cidades por onde viveu o narrador-memorialista. Assim como Pedro Nava sai do interior (Juiz de Fora) e se dirige à capital, Carlos Drummond de Andrade sai de Itabira ainda jovem e vai a Belo Horizonte, onde estudou e passou a fazer parte do meio literário e intelectual da capital. Olhar semelhante ao de Pedro Nava para a cidade moderna parece ser o de Drummond, embora por meio de poéticas distintas. O mesmo ocorre com a visão de ambos para a capital federal, Rio de Janeiro. Para esta análise, tomaremos paisagens marcantes da obra dos dois escritores, tais como Pico do Cauê, Rio Paraibuna, Serra do Curral, Copacabana e o mar, com o intuito de discutir como suas memórias são tecidas na e pela vida nas/das cidades por onde circulam os seus sujeitos de memória.

ALGUMAS PAISAGENS DO CANCIONEIRO PESSOANO

Raquel dos Santos Madanêlo Souza (UFMG)

O presente estudo faz parte das pesquisas de pós-doutoramento sobre o(s) cancionero(s) de Fernando Pessoa. O título *Cancioneiro* figura em várias listas do espólio do poeta e faz parte tanto dos planos quanto dos projetos de publicação da produção ortônima em língua portuguesa. Como já haviam apontado Jorge Nemésio, Teresa Rita Lopes e, mais recentemente, Jerónimo Pizarro e Pedro Sepúlveda, entre outros, seria essencial partir dos planejamentos e dos projetos editoriais elaborados pelo poeta para se proceder à organização e à edição das obras do autor de *Mensagem*. As listas estudadas, pertencentes ao núcleo de documentos intitulado “Esquemas”, revelam importantes aspectos sobre a produção ortônima em língua portuguesa, já que que dão acesso a algumas das seleções realizadas pelo próprio escritor e permitem conhecer certos elementos relacionados a essa produção. Para Sepúlveda, a elaboração das listagens de livros e de poemas deve ser pensada como um dos gestos constitutivos da produção do escritor, ao lado da elaboração dos textos literários. O objetivo desta apresentação será refletir sobre as paisagens literárias presentes em algumas das canções catalogadas nas listas do *Cancioneiro*, ou a elas relacionadas, elaboradas por Pessoa. Para a realização deste trabalho, serão abordados alguns textos de Michel Collot, Eunice Ribeiro, Helena Carvalhão Buescu, Pedro Sepúlveda e Jerónimo Pizarro, entre outros.

PARA ALÉM DO VISÍVEL: A PERSPECTIVA INDÍGENA E AS PAISAGENS POSSÍVEIS DE SÃO PAULO

Regina Célia dos Santos Alves (UEL)

O trabalho proposto tem por objetivo o estudo da paisagem e de suas significações em crônicas da obra *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena* (2004), de Daniel Munduruku, um dos grandes expoentes da literatura de autoria indígena no Brasil, vencedor de vários prêmios importantes, cuja produção literária expressa tanto o universo cultural dos povos originários como também um modo particular de enxergar o mundo. Partindo da ideia de paisagem enquanto um espaço percebido, que expressa uma maneira de ser, estar e se fazer no e com o mundo, pretende-se mostrar como o olhar do cronista indígena, a partir de seu lugar no mundo, de sua forma de vivê-lo e significá-lo, refigura lugares da capital paulista que visita – como o Tatuapé, o Jabaquara, o Anhangabaú e o Butantã, por exemplo -, criando paisagens outras, onde se manifesta o pensamento-paisagem, que trazem à cena o vínculo estrutural e indissociável que une o ser humano às coisas do entorno – sem a separação dualista entre universo humano e universo natural como forma de poder habitar a megalópole paulista. A passagem do cronista por vários locais da cidade permite ver não aquilo que está imediata e superficialmente posto diante de seus olhos, mas, a partir das formas concretas do urbano, adentrar no passado ancestral e construir uma paisagem singular da cidade, perpassada pela particularidade do olhar indígena, que tanto compreende como imagina a capital paulista de uma perspectiva nova e distanciada dos padrões comuns de percepção do sujeito não indígena.

CANUDOS E A REPÚBLICA: IDENTIDADES DO BRASIL

Renato Sarriedine Araújo (UFMG)

Euclides da Cunha introduz a palavra ‘favela’ nas humanidades, descrevendo uma planta de folhas frescas como o orvalho, no árido entardecer nordestino. Favela, observou também, era o nome do morro de onde o exército apontou seus canhões para Canudos. O batismo das favelas urbanas é oriundo de uma guerra existencial para a recém-criada república que procurava se justificar. Nessa virada para o séc. XX, o novo regime político havia sido imposto pelos fazendeiros insatisfeitos com a abolição da escravidão, e Canudos não era apenas o reduto mais fervoroso do monarquismo, era também onde os antigos escravizados podiam fugir do trabalho servil que lhes impunham os antigos patrões e as polícias para se aproximar do céu, disse Cunha. Em meio a essa tensão no cenário político, as imagens forjavam as significações de Canudos no romance nacional. Propomos explorar a produção iconográfica sobre Canudos, começando pelas fotografias de Flávio de Barros, quando a imagem fotográfica começava a se popularizar, até produções mais recentes, como *Canudos não se rendeu* (2021), de Luiz Zerbini. Propomos ainda apresentar uma reflexão sobre a construção dessas identidades brasileiras, da república à favela, e examinar a questão da agressividade desses eventos pela metáfora do “estádio do espelho”, onde Lacan demonstra que a imagem é uma via central para a produção da subjetividade.

CORPO-AMBIENTE: A PAISAGEM COMO CONCEITO OPERADOR NA ESPACIALIDADE CÊNICA

Rick Ribeiro (UFSJ)

A pesquisa-criação *Visitações*, desenvolvida no mestrado em Artes Cênicas, da Universidade Federal de São João del-Rei, investiga a noção de corpo-ambiente nas artes da cena. A reflexão parte da premissa de Ailton Krenak sobre a necessidade de “pisar suavemente na Terra”, tensionando a cisão entre humano e natureza. O estudo propõe deslocar o corpo humano no centro da composição cênica e compreender a atuação como prática de coexistência entre ator e ambiente, em diálogo com desdobramentos do Teatro Ambiental, formulado por Richard Schechner. Nesse contexto, a paisagem é abordada como operador da espacialidade cênica contemporânea, abrindo possibilidades para estéticas não antropocêntricas que emergem da interação simbiótica entre corpo e ambiente em espaços a céu aberto.

PAISAGENS DA MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS ENTRELAÇADAS PELA ORATURA

Rodrigo Martins e Dalva de Souza Lobo (UFLA)

Este trabalho visa compreender os meandros encenados nas paisagens da memória a partir da voz que eclode da experiência subjetiva e coletiva. Nessa perspectiva, adota-se como conceito central a oratura, formulada por Pio Zirimu na década de 1970, tendo em vista sua dimensão estética e histórica. O conceito permite pensar, no presente trabalho, o quanto a paisagem é forjada por diferentes formas de vida, possibilitando aos sujeitos elaborar situações a partir das lembranças suscitadas pelos eventos dos quais participaram individual e coletivamente. Todavia, como se dá esse processo? Como o passado pode ser compreendido para além do sentimento nostálgico? A partir dessa inquietação, propõe-se o conceito “narrativa de oratura” para designar práticas narrativas que, no interior da oratura, articulam inseparavelmente o que se conta e como se conta. Para tanto, mobilizam-se os conceitos de voz e corpo, articulados à dimensão da performance e da memória (Zumthor, 2018). Em diálogo com Benjamin (2012), compreende-se que tais narrativas não operam como simples recordações nostálgicas do passado, mas como formas de transmissão da experiência (*Erfahrung*), nas quais o vivido é reelaborado no presente. Esse movimento pode ser compreendido à luz da noção freudiana de rememoração e perlaboração (Freud, 2010), entendidas como trabalho simbólico da repetição, que, no plano coletivo, encontra ressonância nas reflexões de Gagnebin (2006) sobre memória, esquecimento e transmissão do passado na modernidade.

CARTOGRAFIAS DO DIZER: PAISAGEM LINGUÍSTICA E MEMÓRIA NO DICIONÁRIO DE PICOS

Rômulo Silvestre Quaresma Mendes (IFPI)

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa concluída sobre o vocabulário falado na região de Picos, no interior do Piauí, compreendido como expressão de uma paisagem linguística e cultural que materializa memórias, práticas sociais e modos de vida locais. O estudo resultou na elaboração de um dicionário on-line, hospedado na plataforma Padlet, concebido não apenas como instrumento lexicográfico, mas também como arquivo de memória e patrimônio imaterial, voltado à preservação e à difusão do inventário linguístico da região em meio digital. O referencial teórico articula contribuições da sociolinguística variacional, da dialetologia e da lexicologia/lexicografia, possibilitando compreender o léxico como componente central da relação entre língua, sociedade e território. Os dados foram coletados por meio de entrevistas orais, seguindo rigor metodológico, e organizados em campos semânticos. Os itens lexicais são apresentados em verbetes dispostos em ordem alfabética, acompanhados de definição, classificação gramatical e contexto de uso. O dicionário reúne 70 itens lexicais, como bença (saudação), manê (bolo de milho) e pingo do meio-dia (calor intenso ao meio-dia), que evidenciam a riqueza expressiva da região e funcionam como marcas de um imaginário local construído linguisticamente. Ao reunir esses usos em um ambiente digital, o trabalho configura-se como uma cartografia do dizer, na qual a língua revela paisagens culturais e afetivas, contribuindo para a valorização das identidades locais e para reflexões sobre linguagem, memória e mídia.

PAISAGENS SONORAS INTERNAS: TÉCNICAS RESPIRATÓRIAS E A REORGANIZAÇÃO DA PERCEPÇÃO EMOCIONAL DO MÚSICO ANTES DA PERFORMANCE

Rosana Alves Diniz e Alessandro de Oliveira (UFSJ)

O presente estudo, em andamento, tem como objetivo analisar a respiração como elemento constitutivo de uma paisagem sonora interna no contexto da performance musical, investigando de que modo técnicas respiratórias aplicadas no período pré-performático podem contribuir para a reorganização da percepção emocional e para o controle da ansiedade na performance musical. Do ponto de vista conceitual, o estudo fundamenta-se no conceito de paisagem sonora (*soundscape*), conforme proposto por Raymond Murray Schafer, entendido como o conjunto de sons de um ambiente tal como são percebidos e interpretados pelos sujeitos, envolvendo várias dimensões. Justifica-se a relevância do estudo ao considerar que os sons que compõem o espaço da performance podem influenciar o desempenho do músico, aspecto particularmente significativo para aqueles com tendência à ansiedade na performance musical. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa e de caráter teórico-reflexivo, baseada na articulação de literatura sobre paisagem sonora, corporalidade e regulação emocional na performance. A análise propõe a ampliação do conceito de *soundscape* ao compreender o corpo do músico como um território sensível, no qual sons fisiológicos, como o ritmo respiratório, a pulsação e a escuta interna, configuram uma paisagem sonora subjetiva. Como resultados parciais, observa-se que técnicas

respiratórias aplicadas antes da performance podem atuar como mecanismos de reconfiguração dessa paisagem sonora interna, favorecendo maior estabilidade psicofisiológica, atenção plena e autorregulação emocional. Como contribuição, o estudo amplia o conceito de paisagem sonora para o campo da psicofisiologia da performance musical, propondo uma abordagem interdisciplinar que articula música, corpo, percepção e cultura.

PAISAGENS, OLHARES E VESTÍGIOS: TEXTO E IMAGEM FOTOGRÁFICA EM *A LINE MADE BY WALKING* (2017), DE SARA BAUME

Samara Lima (UFMG)

Em *A line made by walking* (2017), de Sara Baume, acompanhamos a trajetória de uma jovem artista que decide se isolar no campo irlandês como forma de lidar com o esgotamento psíquico e criativo. Nesse afastamento do espaço urbano, a narradora estabelece uma relação intensa com a paisagem, os objetos cotidianos e com os animais que observa ao redor. A história constrói um enredo de maneira fragmentada, articulando listas, observações subjetivas e referências a obras de arte. Essa estrutura evidencia um diálogo contínuo entre literatura e outras práticas artísticas, diluindo fronteiras entre gêneros, linguagens e suportes. Esta comunicação oral propõe uma leitura da narrativa a partir da noção de literatura expandida (Pato, 2012), conceito amplamente mobilizado nos últimos anos para designar práticas que investigam formas de escrita para além do suporte livro e da centralidade exclusiva da linguagem verbal. Trata-se de compreender a literatura como um espaço de expansão entre visualidade e textualidade (Miguelote, 2025), bem como como uma prática que incorpora materiais tradicionalmente considerados externos ao campo literário, como a fotografia (Garramuño, 2014). Para isso, recorreremos inicialmente ao conceito de “campo expandido”, formulado por Rosalind Krauss (1979), e à noção de “arte fora de si”, proposta por Ticio Escobar (2004), a fim de analisar como projetos artísticos contemporâneos tensionam e ampliam os limites do que se entende por literário, reposicionando-o em um território híbrido, instável e intermedial.

NÚMEROS E SÍMBOLOS NA CRIAÇÃO POÉTICA DAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*

Sérgio Antônio Canedo (UFMG)

As artes liberais – três do discurso (gramática, retórica e dialética) e quatro matemáticas (aritmética, geometria, música e astronomia) – mais do que importantes para a formação do homem antigo e medieval, sem dúvida foram aportes da criação poética. Pretende-se mostrar como alguns aspectos da composição das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio X (1221-1284) se relacionam ao universo daquelas artes: no planejamento retórico, na distribuição de episódios dos milagres marianos, no ritmo de sua versificação, nos números de sua elaboração melódica e ainda nos símbolos que residem nos números e no seu uso poético.

ANIMAIS NA PAISAGEM POÉTICA DE ELIZABETH BISHOP

Sílvia Maria Guerra Anastácio (UFBA)

Refletir sobre o processo de criação a partir dos manuscritos é buscar entender como o olhar de uma aquarelista como Bishop influenciou a sua percepção de mundo, marcada pela visualidade, sempre procurando os melhores tons como se quisesse pintar com as palavras. A leitura de seus poemas revela o olhar atento da autora para registrar com precisão o que lhe chama atenção, em especial a natureza e os animais. Quanto aos animais, eles podem protagonizar papéis centrais na escrita de Bishop que, com frequência, suscita questões existenciais. Na paisagem poética, a natureza pode ativar gatilhos da memória, em que todos os sentidos são convidados a participar, delineando, com frequência, uma cartografia social pungente. Como referencial teórico metodológico, os pressupostos da crítica genética ocupam um papel seminal nesta pesquisa (Salles, 2013; 2018). Também são importantes as contribuições de autores como Schama (1996), que entende a paisagem como produto cultural e da memória; e outros que a vêem como signo a ser interpretado socialmente, em que percepção, memória e identidade se articulam (Guimarães, 1997). Utilizamos autores que analisam a paisagem ainda como imagem associada à ideologia, que carrega poder social e político (Mitchell, 2002); ou, segundo Elleström (2020), como fenômeno a ser interpretado, dentro da perspectiva de uma semiótica multimodal, que extrapola a visualidade, enfatizando um viés cultural e midiático. Assim, o pressuposto do trabalho é pensar a paisagem na obra de Bishop sob várias perspectivas, em que cada elemento do conjunto narra a sua própria história.

GEOGRAFIA EMOCIONAL E ATMOSFERA LITERÁRIA EM *PRAGUE PICTURES*, DE JOHN BANVILLE

Solange Viaro Padilha (PUC PR)

Este trabalho propõe uma análise intermediária de *Prague Pictures: Portraits of a City*, de John Banville, a partir da concepção da paisagem urbana como espaço vivido e recordado. Destaca-se que a memória e a nostalgia operam como forças estruturantes da experiência espacial. Em diálogo com os estudos sobre paisagem, lugar e atmosfera, especialmente a partir das contribuições de Yi-Fu Tuan, Jean-Marc Besse e Hans Ulrich Gumbrecht, investiga-se de que modo a escrita de Banville transforma a cidade de Praga em uma geografia emocional. Nesse cenário, a materialidade urbana se entrelaça à subjetividade do narrador. A análise evidencia que a espacialidade literária do texto se constrói por meio de procedimentos que intensificam a visualidade, a representação pictural e a dimensão sensorial da linguagem, produzindo uma paisagem que ultrapassa a descrição mimética. A cidade emerge como um palimpsesto afetivo, atravessado por camadas temporais e reminiscências históricas. O passado se inscreve no presente sob a forma de lembranças, afetos e atmosferas. Nesse sentido, Praga é configurada como uma paisagem marcada pela tensão entre presença e ausência, permanência e perda, na qual o espaço urbano atua como depositário de memórias individuais e coletivas. A experiência da cidade é, assim, mediada por uma ambiência

nostálgica que convoca o leitor a habitar um espaço simultaneamente concreto e evocativo, atravessado por estados de espírito, afetos e reminiscências históricas.

O REAL, O ONÍRICO E O ALUCINADO: OS ESPAÇOS DA DIEGESE LOVECRAFTIANA

Stefany Pereira Schumacher (UFSM)

O presente trabalho tem por objetivo analisar as múltiplas facetas geográficas que compõem o cenário dos contos curtos do autor de terror norte-americano Howard Phillip Lovecraft (1890-1937) enquanto um recurso diegético que ajudou a estabelecer a fama do autor tanto no meio literário quanto nas demais mídias de consumo. O *corpus* de análise é composto por um conjunto de contos do autor nos quais a Nova Inglaterra é representada tanto no nível do real e tangível como fantástica e ameaçadora, conjuntamente a um universo onírico que só pode ser acessado através dos sonhos chamado *Dreamlands*. Propõe-se, então, que o espaço no *corpus* lovecraftiano atua como um elemento estrutural crucial para a consolidação desse subgênero do fantástico chamado de “horror cósmico” ou “horror lovecraftiano”, que atualmente é representado em filmes, seriados, jogos e diversas mídias de consumo. Para tanto, adota-se como principal aporte teórico as reflexões de Felipe Furtado acerca da construção narrativa lovecraftiana e as repercussões midiáticas pós-vida da obra de Lovecraft conforme Lanzendörfer e Carvalho (2023). Conclui-se que, apesar de os monstros de Lovecraft serem já canonizados na literatura de horror e cultura pop, a cartografia e o planejamento espacial do autor contribuíram majoritariamente para o grande sucesso midiático que H. P. Lovecraft é atualmente.

PAISAGEM COMO ANTEPARO: INTERMIDIALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL EM *UMA PÁLIDA VISÃO DOS MONTES*, DE KAZUO ISHIGURO

Tassiana Calsavara Andrade (UFSJ)

O presente trabalho propõe uma análise da obra de estreia do autor nipo-britânico Kazuo Ishiguro, *Uma pálida visão dos montes* (1982), investigando minuciosamente como a paisagem urbana e natural de Nagasaki opera como um dispositivo fundamental de mediação na construção da identidade cultural da protagonista no contexto traumático do pós-guerra. A partir do aporte teórico e metodológico de Werner Wolf (2008) e Irina Rajewsky (2005), a pesquisa explora as fronteiras existentes entre a literatura, o cinema e as artes visuais na narrativa. Analisa-se como a estruturação da memória da narradora, a personagem Etsuko, é perpassada por recursos de tematização intermidial – representados por elementos espaciais, geográficos e urbanos específicos, como o Monte Inasa, o teleférico e o sistema de bondes – e por estratégias de imitação intermidial, que emulam o enquadramento e a atmosfera cinematográfica. O objetivo central deste trabalho é discutir como essa “visão pálida” do cenário japonês de Nagasaki atua como um anteparo visual para as lacunas da memória e para as tensões subjetivas da narradora. Desse modo, a

intermedialidade permite à narradora projetar suas tensões identitárias em personagens secundárias, transformando a paisagem em um anteparo visual onde o passado traumático é narrativamente filtrado e esteticamente reorganizado dentro da diegese.

PAISAGEM LITERÁRIA E A ILHA DE PROSPERO

Thaís Flores Nogueira Diniz (UFMG)

Paisagem literária é a representação de um espaço em obras literárias, onde esse espaço não é apenas um cenário, mas um elemento ativo que expressa a relação entre o homem e o ambiente, servindo como "lugar" para o leitor sentir e criar suas próprias visões. Na peça *The Tempest*, de William Shakespeare, a ilha onde Prospero chega, após ter sido banido de Nápoles, é, além de um espaço geográfico não definido, também um recorte simbólico produzido pela mente do autor a partir do qual os leitores podem extrair significados e valores. Com base nos conceitos de paisagem literária, de Helena Buescu, Michel Collot e Jean Marc Besse, e considerando que a noção de paisagem implica o exercício do olhar sobre o todo, partimos da constatação de que cada personagem da peça vê e percebe, de maneiras diferentes, o lugar onde chegam após o naufrágio – para analisar a ilha de Prospero, tanto como um local crucial para a exploração de temas, tais como autoritarismo, traição e perdão, quanto como um palco de onde Prospero controla tudo por meio de sua magia.

ESPÉCIES DE ESPAÇOS

Tida Carvalho (Unimontes)

Espécies de espaços, de Georges Perec, situa-se na fronteira entre o ensaio, o poema e a obra de arte conceitual. O autor lança seu olhar sobre o espaço que nos cerca e no qual vivemos. Arquitetura, artes visuais, poesia, cinema, antropologia, sociologia, geografia e tantos outros saberes são mobilizados para interrogar as diversas camadas que informam nossos hábitos e percepções. Ao discorrer sobre temas como a página, a cama, o quarto, o prédio, a rua, o bairro, a cidade e assim indefinidamente, traz à tona aquilo que, de tão visto, torna-se invisível. Em *A noite da espera*, de Milton Hatoum, o jovem paulistano Martim muda-se para Brasília com o pai, em janeiro de 1968. Na cidade recém-inaugurada, Martim trava amizade com um variado grupo: um filho de embaixador, perseguido pela ditadura; outros estudantes, sendo um único que é morador de uma cidade-satélite. As personagens representam paisagens humanas, geográficas, históricas na cidade de Brasília, a partir de anotações intermitentes sobre a vida, no contexto turbulento da ditadura, em crescente tensão alimentada por ambiente de delação, desconfiança, violência e perseguição política. Assim, de um projeto arquitetônico humano, emocional e político dentro de um regime de exceção, constrói-se uma arquitetura, que se encontram nas propostas teóricas de Simon Schama e Raymond Williams, que demonstram que antes de vermos a paisagem e o espaço, vemos o que

significam esses conceitos que são construídos sobretudo por um sentimento, uma memória que moldam o cenário psíquico, antes do geográfico. É sobre essa linguagem poética, literária, visual que trataremos neste trabalho.

PAISAGENS ATERRORIZANTES COMO VETORES DE HORROR: A INTERMIDIALIDADE E O *LOCUS HORRIBILIS* EM LOVECRAFT

Ubirajara Lopes da Cunha Junior (UERJ)

A crítica literária tradicionalmente define o espaço aterrorizante narrativo como *locus horribilis*. Esse conceito designa um dispositivo espacial-narrativo que alerta o leitor para um perigo iminente e potencializa o terror da cena. O *locus horribilis* pode funcionar como um espelho da personagem, pois projeta imagens em sua mente, mas também materializa o medo, o perigo e a degradação física ou moral que ela própria ostenta. Embora o horror cósmico se distinga, em muitos aspectos, da tradição literária do horror oitocentista, a construção do espaço parece seguir padrões similares, chegando mesmo a inspirar-se neles. Na ficção, H. P. Lovecraft utilizou cenários arcaicos, ruínas desconhecidas pela arqueologia e espaços deturpados pela mente como vetores do pavor cósmico. Com vistas aos estudos intermediários, discutiremos nesta apresentação os processos de formação de espaço na obra do autor, as estratégias implementadas para instigar o efeito estético no público e a relação desse espaço com as artes visuais progressas, bem como com processos de transposição intermedial em reproduções visuais e audiovisuais posteriores. Para tanto, utiliza-se como *corpus* de análise os contos “O chamado de Cthulhu” (1926) e “O Horror de Dunwich” (1928), de H. P. Lovecraft. Como base teórica, os estudos intermediários de Claus Clüver (Intermedialidade, 2011) e Irina O. Rajewsky (“A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade”, 2012).

DO HIPERLINK AO QR CODE: A INTERTEXTUALIDADE, A MULTIMIDIALIDADE, A TRANSMIDIALIDADE E O ESTATUTO DO TEXTO

Verônica Daniel Kobs (Uniandrade)

Este trabalho analisa o QR code como desdobramento do hiperlink, compreendendo ambos como dispositivos técnico-semióticos de configuração da paisagem virtual. Dessa forma, o texto torna-se um território instável, navegável; mesmo no ambiente on-line, a paisagem caracteriza-se pela lógica do percurso, da remissão e da exploração. Partindo da anterioridade do hipertexto na web, demonstra-se a relação desse gênero intrinsecamente digital com a intertextualidade, multimidialidade e transmedialidade. Para embasar essas reflexões, são considerados estudos dos seguintes autores: Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva, para consolidar o texto como objeto relacional; Lucia Santaella e Irina Rajewsky, com a finalidade de discutir a multimidialidade e a convergência inerente ao ciberespaço; e Henry Jenkins, com o intuito de aprofundar o cruzamento de plataformas

digitais e suportes materiais na expansão narrativa. Posteriormente, o trabalho estabelece um paralelo entre net art e QR conto, porque hiperlink e código deixam de funcionar como mecanismos de conexão e se apresentam como textos autônomos, desafiando a hierarquia que antes definia a hipertextualidade. Com base em Espen Aarseth e N. Katherine Hayles, argumenta-se que essas duas formas instauram uma inflexão ontológica: o texto substitui o movimento de expansão pela atualização performativa, ao exigir a intervenção do leitor para se realizar como evento discursivo pleno. Portanto, ao articular hiperlink e QR code como ativadores de construção da paisagem virtual, este estudo compreende a tecnologia de acesso como um dos vetores da reconfiguração do estatuto do texto e institui o ciberespaço como ambiente híbrido e dinâmico, possibilitando novas formas de arte e sentidos.

A CONSTITUIÇÃO DE PAISAGENS SONORAS POR MEIO DA COLAGEM DE ELEMENTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS NO FUNK BRASILEIRO

Victória Elizabeth dos Santos (Unifesp)

O gênero musical funk, composto de uma variedade de elementos sonoros, quando analisado sob a ótica da intermedialidade, pode ser considerado uma “mídia mista”. Esta comunicação apresenta uma investigação sobre o papel da inserção de elementos sonoros verbais e não verbais, através de um processo de colagem, em criações do gênero musical funk, especificamente as produções brasileiras. O processo de colagem colabora com a organização da narrativa e constitui sentido nas canções pertencentes a esse gênero musical. A hipótese aqui levantada tem fundamento nos estudos da intermedialidade e na ideia de colagem defendida por Higgins. Embora o autor analise obras expressionistas abstratas da década de 1950, a definição sugerida pode se estender aos elementos adicionados e alterados, com o objetivo de constituir determinadas paisagens sonoras (no sentido adotado por Murray Schafer), no campo da música, o que ocorre com certa frequência na composição de diferentes canções do funk brasileiro.

PAISAGENS MEMORIALÍSTICAS: A MATERNA E TERRENA CASA DA POESIA EM EUGÉNIO DE ANDRADE

Wendel Francis Gomes Silva (UFMG)

Esta comunicação propõe uma leitura das paisagens da infância na poesia de Eugénio de Andrade, tomando como ponto de partida o texto memorialístico que abre o volume *Amantes sem dinheiro* (1950). Nesse texto, o poeta rememora duas casas da infância (a casa do Adro e a casa da Eira) que, embora ancoradas em dados biográficos, ultrapassam o âmbito do vivido individualmente e se configuram como paisagens afetivas, nas quais se entrelaçam: memória, música, corpo e a experiência do ambiente rural. Nesse sentido, a evocação dessas cenas vivenciadas na infância não se apresenta como simples rememoração nostálgica de um mundo perdido e distante, mas como

instante fundador, de caráter quase mítico, da voz poética de Eugénio de Andrade. Elementos como a música popular, o espaço da casa e a relação com a natureza reaparecem, ao longo de sua obra, como matrizes estruturantes de uma poética profundamente marcada pela corporeidade, pela musicalidade e pela atenção ao mundo sensível. Desse modo, buscamos analisar como se articulam memória, paisagem e infância em poemas de Eugénio de Andrade, observando de que maneira seus versos constroem um espaço de plenitude, no qual a palavra e o ser se reconciliam e encontram duradoura morada no gesto poético.

PAISAGEM SONORA E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NARRATIVO EM *THE CHIMES OF MIDNIGHT*, UM AUDIODRAMA DE *DOCTOR WHO*

Wesley Lúcio (UFJF)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a construção de paisagens sonoras em narrativas ficcionais produzidas para áudio, tomando como *corpus* o audiodrama *The Chimes of Midnight*, da franquia *Doctor Who*. Partindo do conceito de paisagem sonora (*soundscape*), conforme formulado por R. Murray Schafer, e dialogando com estudos sobre o som e a narrativa, como os de Michel Chion, a comunicação investiga de que modo o som atua como elemento fundamental na organização do espaço narrativo em mídias desprovidas de imagem. Em narrativas sonoras, a paisagem não se apresenta visualmente, mas é construída por meio da articulação entre vozes, ruídos, trilha musical, silêncio e repetição de motivos acústicos, exigindo do ouvinte uma escuta ativa. Nesse contexto, o som deixa de exercer apenas uma função de ambientação para assumir um papel estruturante, responsável por delimitar espaços, sugerir deslocamentos, instaurar atmosferas e orientar a percepção espacial da narrativa. A análise discute como *The Chimes of Midnight* mobiliza diferentes recursos sonoros para a construção de uma espacialidade narrativa marcada pela tensão e pela recorrência, evidenciando o potencial do audiodrama como forma de exploração estética da paisagem sonora. Ao privilegiar a escuta como modo de acesso ao espaço ficcional, o trabalho contribui para os debates sobre paisagem, percepção e intermedialidade.

ENTRE A FOTO E O NANQUIM: O INSTANTE FOTOGRÁFICO DE SÃO FRANCISCO, DE GABRIELA GÜLLICH E JOÃO VELOSO

William Farago da Maia (Unifesp/UnB)

A invenção da fotografia por Niépce e Daguerre em 1839 revolucionou a cultura histórico-visual da imagem, alterando sua produção, difusão e recepção, além de estabelecer novas formas de comunicação. Dentro desse contexto, a fotografia serviu e foi inspirada por outras artes como modelo. Nesse prisma, o fotoquadrinho contempla um diálogo em que tanto as fotografias quanto os desenhos corroboram, de forma cooperativa, o desenvolvimento da narrativa. Isso pode ser visto no livro-reportagem *São Francisco*, de Gabriela Güllich e João Veloso, em que essas linguagens

assumem uma reportagem para transpor alguns impactos da transposição do Rio São Francisco nas cidades do eixo leste a partir de uma história em quadrinhos que contém fotografias jornalísticas. Este trabalho propõe uma investigação dos cruzamentos entre as linguagens para analisar os impactos que as paisagens fotográficas trazem para a percepção do espectador. Para isso, será necessário entender a função do ato fotográfico, com Philippe Dubois (2015) e Roland Barthes (1984). Além disso, é fulcral entender a função das fotografias nos quadrinhos, com Roy T. Cook (2012). Por fim, um viés intermediático será usado para demonstrar as nuances entre os diálogos das mídias da fotografia e dos quadrinhos, com Daniele Barbieri (2017) e Irina Rajewsky (2012). Ao integrar fotografia e desenho, cria-se um espaço liminar entre real e ficcional, em que as paisagens fotografadas passam pelo enquadramento do olhar e se tornam não apenas mera representação do desenho, mas uma nova perspectiva que complementa a narrativa do desenho.

PRODUÇÕES CRIATIVAS

DOS-GERAIS OU EXERCÍCIOS MNEMÔNICOS DE OBSERVAÇÃO

Ana Beatriz Campos de Castro Pacheco – anabi

O presente trabalho propõe a exposição de um tríptico de telas (em lona), 30 x 30 cm, pintadas em guache, com aplicações de fragmentos imagéticos em papel vegetal, sustentados e organizados na tela por meio da utilização de alfinetes. *Dos-gerais ou exercícios mnemônicos de observação* (2026) trata-se de um tríptico inédito de pinturas que reúne imagens de arquivo da artista e fragmentos imagéticos apropriados de diversas fontes. Nas pinturas em guache, há a proposição da representação da memória arquitetônica, cuja materialização imagética dispõe-se em um jogo combinatório de diferentes tempos e lugares: da junção de paisagens vivenciadas pela artista, paisagens imaginadas, paisagens sonhadas e paisagens apropriadas. A artista propõe o jogo do exercício de observação do invisível, das imagens produzidas no espaço de memória, àquele condizente às técnicas mnemônicas praticadas desde a antiguidade e proferidas por Cícero em *De Oratore*, escrito em 55 a.C, onde destacam-se as arquiteturas imaginárias (Yates, 2007), para exercitar a organização da memória, a partir da imagem e do espaço. Partindo de uma paisagem de infância composta pelo Distrito Federal, Goiás e Minas Gerais, a artista procura recriar a estrutura arquitetônica de lugares conhecidos e imaginados, entre a representação figurativa e a abstração da forma. Portanto, o trabalho propõe a investigação da pintura enquanto dispositivo mnemônico, no qual o gesto, o fragmento e a sobreposição operam como estratégias de rememoração e fabulação do espaço vivido.

Link para acesso: https://drive.google.com/drive/folders/1RdwXDT_Vh21M_NJ3rGABETJIHOjrr9MK

CONVERSAS AO PÉ DA JABUTICABEIRA

Admar Fernandes e Sérgio Ribeiro Pereira

“Recordar é dar de novo ao coração”. Essa afirmação do professor Antonio Sérgio Bueno (*in memoriam*) é nosso ponto de partida e reflexão sobre paisagens e memórias. Uma jabuticabeira ocupa lugar privilegiado no espaço de um quintal em Belo Horizonte, mais especificamente onde a Rua Bahia passa a se chamar Carangola. Durante vários anos, foi possível tomar assento em sua sombra para ouvir histórias de teatro, cinema e outras manifestações artísticas que foram experienciadas pela atriz Teuda Bara. A artista – ícone da cultura mineira e referência do teatro brasileiro – costumava contar casos e experiências de vida ao pé dessa árvore. Seu trabalho constitui um vértice robusto que impactou décadas das artes performativas. O seu legado incomensurável, para além de suas realizações artísticas, é constituído por atravessamentos afetivos que marcaram relações de convivência, e impactaram diferentes gerações. Nesse sentido, tomamos o conceito de paisagem sonora, conforme elaborado por Murray Schafer (2012), e o *V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens*

conceito de transmediação, elaborado por Lars Elleström (2021), para refletir sobre reminiscências afetivas que foram vivenciadas ao lado da atriz e construir um experimento sonoro-imagético que reconstrói ambiências afetivas. Tal experimento resgata e entrecruza memórias de filho e amigo da artista em diálogos intermediáticos urdidos em tessituras audiovisuais com a topofilia da paisagem.

Link para acesso:

https://drive.google.com/file/d/1O3ULAoTE7cRp9Aen_pEF84UTPnq7bWat/view?usp=drive_link

PAISAGEM: UM EXERCÍCIO DE EXPERIÊNCIA PAISAGÍSTICA ATRAVÉS DA VIDEODANÇA

Alba Nélida de Mendonça Bispo e Raquel Miranda dos Santos

Esta produção audiovisual é uma pílula de alento que reflete os impactos na experiência paisagística através da videodança como linguagem poética, sobretudo após o contexto de isolamento social da pandemia da Covid-19. Metodologicamente, as captações de imagens foram realizadas com um celular, no interior de uma residência em Betim e no Parque Estadual da Serra do Rola-Moça, situado na região metropolitana de Belo Horizonte, em 2020 e 2026. A obra de videodança emerge da condição de distanciamento (dos espaços públicos e da natureza), tensionando as relações entre confinamento e abertura, interior e exterior, ambiente construído e natural. Essas dualidades destacam-se na performance, na casa e no alto da Serra, interligados pelo diálogo entre véu e bailarina. A movimentação do véu opera como extensão do corpo e elemento mediador entre sujeito e ambiente, evocando liberdade, presença e fusão com o meio. A trilha sonora, inserida posteriormente, não orienta o movimento, acompanhando-o suavemente e preservando a centralidade da experiência corporal e visual como núcleo expressivo da obra. As principais referências conceituais articulam dança e filosofia, incluindo: a compreensão de paisagem como performance e carne do corpo, na abordagem do filósofo da fenomenologia Merleau-Ponty; a noção de estética da presença, do teórico literário Hans Humbrecht; e a perspectiva de véus em *A invenção da paisagem*, de Anne Cauquelin. Como resultados e contribuições, ponderamos sobre a apropriação de espaços públicos, abertos e naturais (atualmente as experiências paisagísticas foram profundamente impactadas pelas redes virtuais), e outras formas de interações sociais e práticas artísticas.

Link para acesso:

https://drive.google.com/file/d/1TsoNein_ILMXDz9JqjNL1STa4bw47crN/view?usp=drivesdk

SONETOS SEM PALAVRAS: A NARRATIVA TÍMBRICA DE ALMEIDA PRADO

Andressa Zoi Nathanailidis e Gustavo Piffer

O projeto Sonetos sem Palavras propõe um concerto didático de piano concebido como instrumento de pesquisa artística (Borgdorff, 2012), a ser apresentado no V Colóquio Escrita, Som e Imagem, em 2026, em São João del-Rei. A proposta tem como objetivo central investigar uma releitura intermediária do gênero “soneto” no contexto do piano brasileiro moderno, tomando como eixo os *Sonetos para piano*, de José Antônio Rezende de Almeida Prado. A partir da execução de dez sonetos – originalmente integrantes de um ciclo de doze –, o concerto explora o piano como espaço de articulação poética, deslocando-o de um mero instrumento produtor de sonoridade para um verdadeiro laboratório de ekphrasis musical (Bruhn, 2000; Clüver, 1997). Cada peça é apresentada em diálogo com interlúdios literários, imagens conceituais e comentários performativos, evidenciando os processos pelos quais o som constrói sentido, imagem e narrativa. A performance é conduzida pelos artistas Andressa Zoi e Gustavo Piffer, que interagem com o público de forma pedagógica e reflexiva, revelando aspectos técnicos, gestuais e simbólicos da escrita pianística de Almeida Prado. A proposta dialoga com pesquisas já desenvolvidas no âmbito da performance e da intermedialidade, incluindo comunicações e artigos que tomam os sonetos como eixo analítico, contribuindo para os estudos sobre música brasileira para piano e práticas performativas contemporâneas. O concerto assume a forma de um espetáculo didático-dialogado, com duração aproximada de 50 minutos, exigindo apenas piano acústico e microfonação móvel, conforme disponibilidade da organização do evento.

TIPOGRAFIA URBANA: A LETRA-PAISAGEM

Angelo Mazzuchelli

A natureza intermediária da escrita manifesta-se quando o aspecto visual da letra dialoga com sua função linguística ou transcende a arbitrariedade do signo verbal. No ensaio “O espírito da letra”, Roland Barthes afirma que “a palavra não é o único contexto, o único resultado, a única transcendência da letra”; e que o alfabeto é “um sistema autônomo” que possui “predicados suficientes para garantir-lhe a individualidade”. A produção criativa *Tipografia urbana: a letra-paisagem* é um ensaio vídeográfico concebido a partir de duas séries de fotografias (feitas em Belo Horizonte e em São João del-Rei). Nas fotografias, a letra “não letra”, a letra potencial – latente, encoberta na complexa paisagem urbana – desponta em sua autonomia, em sua essência visual. Dentro do eixo temático “Paisagem, memória, nostalgia”, a produção criativa apresenta a letra materializada como memória do ato de capturar instantes fortuitos de revelação, de metamorfose poética. A letra-imagem torna-se letra-paisagem no contexto urbano.

Link para acesso: <https://vimeo.com/1175576672?share=copy&fl=sv&fe=ci>

LITERATURAS TRAÇADAS

Carolina Vigna Prado

A exposição *Paisagens literárias* explora o diálogo entre a arte visual e a literatura, traduzindo em desenho as atmosferas de espaços ficcionais consagrados. As obras, que vão do sertão de Guimarães Rosa à Paris de Maurice Leblanc, não buscam ser ilustrações literais, mas sim capturar a essência e o ambiente que definem cada paisagem descrita na literatura. A técnica minimalista, com seu traço sintético, é uma escolha deliberada que opera em um duplo movimento: ao mesmo tempo que condensa os elementos visuais definidores de um lugar, ela abre um espaço para que a imaginação do espectador complete a cena, evocando suas próprias memórias afetivas e imagéticas da leitura. A seleção de textos forma um mosaico de possibilidades, justapondo intencionalmente tradições literárias, gêneros e geografias distintas para explorar a universalidade da paisagem como elemento narrativo fundamental. Um aspecto central do projeto reside no conceito do título como cor, de Anne Cauquelin. Cada desenho herda o título do livro que o inspira, que não funciona como uma simples legenda, mas como parte integrante e indissociável da obra. Ele é a chave que convida o espectador a conectar a depuração do traço com a complexidade do universo literário referenciado, transformando a percepção da imagem em um ato de leitura e rememoração. Dessa forma, a visualidade minimalista torna-se um ponto de partida para refletir sobre a paisagem literária como uma potente possibilidade imagética.

Link para acesso:

<https://drive.google.com/drive/folders/1xUcCaGJDmGc5BxROqg3mlaZiy4eY0DHk?usp=sharing>

DESENHAR A PAISAGEM: MEMÓRIA, LUTO E OBSERVAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DE FACHADAS DE TIRADENTES (MG)

Ernani Augustus

Este trabalho apresenta uma produção artística composta por uma ilustração autoral de um monumento de uma cidade de Minas Gerais, mais especificamente da construção conhecida como Chafariz de São José, em Tiradentes. A obra integra uma série de desenhos desenvolvidos a partir da observação direta dos patrimônios e propõe-se como um exercício de atenção ao visível, registrando a materialidade arquitetônica, os ritmos das construções e a atmosfera cotidiana da paisagem, entendida como espaço atravessado por marcas históricas, afetivas e simbólicas. Ao assumir o traço como forma de narrativa visual, a obra compreende o desenho não apenas como representação, mas como gesto de permanência, capaz de tensionar tempo, memória e presença. Nesse ínterim, a produção visual em questão emerge de um processo de elaboração do luto, ao transformar a perda em registro sensível, reinscrevendo no papel aquilo que resiste ao esquecimento. Ressalta-se, ainda, que parte da inspiração para o processo criativo envolveu a escuta recorrente da canção “Farol” (2012), escrita por Juliano Holanda, Geraldo Maria e Rob Curto, que compôs o ambiente sensível de produção do artista. A fachada desenhada opera, assim, como

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

fragmento da paisagem cultural, evocando uma memória que não se limita à preservação material, mas que se constrói no encontro entre olhar, gesto e experiência. Desse modo, o trabalho insere-se no campo das produções artísticas que investigam o desenho como prática de escuta visual, elaboração da memória e produção de sentido, articulando paisagem, subjetividade e sensibilidade no contato com o espaço urbano.

Link para acesso: <https://www.instagram.com/p/DWB3Ad1Dact/>

PROCEDIMENTO PRESENTE: PINTAR AO AR LIVRE PARA ESTAR-EM-PAISAGEM

Fabiola Silva Tasca

Entre 01 de outubro e 25 de novembro de 2025, firmei comigo mesma o seguinte compromisso: dedicar-me a sessões de pintura ao ar livre, a propósito de meu aniversário (56 dias para 56 anos). Com giz pastel oleoso, papel reciclado, lápis grafite, lápis de cor, canetas, carimbos e prancheta, e cadeira portátil, fiz pinturas pequeninas reunindo imagem e palavra. Embora as pinturinhas apresentem dimensões variáveis, não ultrapassam as dimensões de um formato A4. À vivência chamei *Procedimento presente* e, finalizado o compromisso, formalizei decisões conceituais pelas quais assimilei minha prática de pintar ao ar livre com os colegas do Grupo Pintura ao ar livre, em curso desde 2022, bem como as sessões ao ar livre depois de meu aniversário. Também estendi o compromisso diário, durante determinados intervalos, para os quatro anos seguintes. Com *Procedimento presente* experimento a noção fenomenológica do “estar-em-paisagem”, discutida com os colegas do 3o Grupo Próxima paisagem. Nesse contexto, o conceito de paisagem está ligado às noções de presença e pertencimento, uma tomada de consciência sobre a indistinção entre ser humano e meio de vida. Interessa o que nos rodeia. Por isso o eixo temático “Direito à paisagem: a paisagem como bem coletivo”, buscando favorecer o entendimento de paisagem enquanto bem comum, construção coletiva desde as formas do viver.

Link para acesso: <https://cargocollective.com/fabiolatasca>

O QUE AS MONTANHAS CONTAM: DRAMATURGIA E IMAGINÁRIOS DA PAISAGEM

Julia Ribeiro Machado (Cia Lamparina)

Cenários da memória é um projeto teatral destinado à circulação em escolas de Mariana, Santa Bárbara e Ouro Preto, cidades historicamente marcadas pela mineração. A proposta busca dar continuidade ao imaginário local por meio da adaptação de histórias inscritas na memória coletiva (Halbwachs, 1990) e profundamente vinculadas à paisagem, encenando lendas e narrativas próprias desses territórios. Ao compreender a adaptação como uma prática de reescrita da memória (Diniz, 2006), o projeto atualiza tais narrativas, ampliando os sentidos das versões originais

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

e estimulando a participação ativa do público (Boal, 1975) na reflexão sobre as relações entre coletividade, território e modos de ocupação do espaço, abrindo possibilidade para a imaginação de futuros mais justos. As três narrativas que compõem o projeto apresentam naturezas distintas e complementares. *Marília de Dirceu* deriva do romance homônimo de Tomás Antônio Gonzaga, enquanto *Mãe do ouro* e *Lenda da montanha* têm origem em narrativas orais difundidas no imaginário popular da região, registradas no livro *Contos e lendas de Santa Bárbara: a magia da tradição*, de Sophia Carlsbad, e na revista *Xapuri: mitos e lendas*. Essas dramaturgias estabelecem uma correspondência direta entre paisagem e imaginário, tratando a mineração não apenas como atividade econômica, mas como força estruturante da organização social e das formas de lembrar. Conjuntamente, as narrativas constroem um percurso dramático pelas cidades, nas quais a paisagem opera como memória viva, convocando o espectador a reconhecer o imaginário local como espaço de produção de sentidos sobre o território, contribuindo para a reflexão crítica sobre memória, paisagem e identidade no contexto brasileiro.

Link para acesso: <https://drive.google.com/drive/folders/1koq1olbchq0EGKuieJAQlbW19zTXjei4>

LISTENING LANDSCAPES: ABOUT LANDSCAPE & TRANSLATION

Patrick Ceysens e Amit Leblang

Listening Landscapes is a collaborative video essay that takes landscape as its central question: not as scenery to observe, but as something felt, heard, and translated. Moving between seascapes, reversed footage, hand-drawn imagery, and poetics, the work asks who a landscape belongs to, and what it means to inhabit one. The video proceeds in a meditative rhythm: waves walk backward, a figure retreats into the horizon, and drawn images dissolve into one another in layered superimposition. Sound gathered from border zones and thresholds is treated as texture rather than illustration, close, bodily, almost private. Text interrupts and completes the image as a counterpoint, reframing what is seen and heard, toying with our attention and understanding of the frame. Sequences suspend orientation, turning familiar landscape into something stranger and more open. Landscape here is understood on multiple levels at once: the physical terrain, its representation in image and drawing, and the mental landscape of memory, displacement, and belonging. Beneath the formal play lies an autobiographical undertow, as questions of migration, of the self formed or lost in translation, and of what it means to look at a landscape from the outside guide the artists.

Link para acesso: https://youtu.be/7rHizGfThjU?si=GBh7MyER6siyb_cN

PÔSTERES

QUANDO A CASA SE DESFAZ EM SENTIDO: TERROR ARQUITETÔNICO EM *CASAS ESTRANHAS*

Agnes Marcelle Amorim e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Subvertendo a estabilidade de convenções arquitetônicas tradicionalmente associadas à clareza e à orientação, e recriando o terror de forma disruptiva e psicológica, os livros *Casas estranhas* e *Casas estranhas 2: o mistério das onze plantas baixas*, do autor japonês Oketsu, transformam plantas baixas, normalmente técnicas e não narrativas, em mídia instável, na qual o que deveria ser confiável se desfaz, e o suspense e o medo emergem. Ao fazê-lo, as obras constroem paisagens literárias, nas quais o espaço deixa de ser mero cenário para se tornar um campo de percepção, interpretação e desconforto, moldando a memória e a imaginação do leitor. A partir dos estudos da intermedialidade (Elleström; Vieira) e da noção de infamiliar (*unheimlich* em Freud), articulada ao conceito de arquitetura inquietante e do desabrigo (Vidler), esta pesquisa analisa quatro elementos inter-relacionados: (1) as contradições espaciais desestabilizam a tentativa do leitor de interpretar a estrutura; (2) a geometria impossível introduz distorções que comprometem a coerência espacial; (3) as convenções arquitetônicas tornam-se hostis, passando a operar de modo enganoso; e, por fim, (4) o efeito infamiliar emerge quando o ordinário se torna instável. Ao perturbar tanto a arquitetura doméstica quanto a confiabilidade da representação técnica, Oketsu constrói um modo distintamente contemporâneo de horror, enraizado em materiais do cotidiano. Este estudo propõe que *Casas estranhas* exemplifica uma forma de terror intermedial, na qual o medo irrompe não do conteúdo narrativo, mas da manipulação das características específicas da mídia.

A PAISAGEM VIRTUAL NA SALA DE AULA: UM PACTO MENTAL QUE SÓ É CONCRETIZADO COM A PARTICIPAÇÃO MÚTUA

Ana Laura Johann Chaves Resende e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Um professor ao entrar na sala de aula está envolto de expectativas e planos, como relatado no conto “A primeira aula” de Antonino Resende (2024). Seguindo o modelo de comunicação proposto por Lars Elleström (2021), o princípio desse processo existe apenas como valor cognitivo na mente do professor. Esse valor cognitivo pode ser transferido para os alunos na forma de um produto de mídia que gera nos estudantes, receptores dessa interação, um novo valor cognitivo. O valor cognitivo na mente do professor delinea-se virtualmente na medida em que a aula se desenvolve no processo de leitura e na tomada de decisão diante dos eventos que afetam a execução ou não do que fora planejado. Essa paisagem virtual torna-se significativa para aqueles que acompanham a condução da aula, tomada aqui como um produto de mídia, sendo perdida caso a comunicação não seja efetiva nesse processo. Para esta apresentação de pôster, propõe-se analisar a construção dessa paisagem virtual e sua efetiva concretização no conto “A primeira aula”. Para tanto, além de

abordar a noção de valor cognitivo (Elleström, 2021), pretende-se apontar as midialidades (Bruhn, 2016, 2021) ativadas nas etapas da aula descritas no conto.

A VIAGEM E A VOZ, E AS VOZES DAS VIAGENS: UMA LEITURA DE BERENICE

Ana Luísa Teixeira Leite e Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Este trabalho propõe uma leitura do texto “As cidades ocultas 5”, integrante da obra *As cidades invisíveis* (1990), de Ítalo Calvino, a partir do conceito de paisagem como representação e estado de espírito, construída pela percepção e pela imaginação. Extrapolando a noção de paisagem como espaço físico dado, a análise compreende a cidade calviniana como uma paisagem literária sensorial, na qual as descrições não se organizam como representação mimética, mas como experiência mediada pela linguagem. Nesse sentido, investiga-se como a linguagem do texto, ao narrar percursos e relatos de viagem, articula elementos sonoros, visuais e verbais, aproximando-se de uma lógica verbivocovisual, ainda que sem a experimentação tipográfica proposta pela poesia concreta. O conceito de *soundscape* é deslocado para o campo da literatura, chegando à ideia de paisagem sonora cognitiva, produzida pelo ritmo, pelas pausas sintáticas e pelo uso expressivo da pontuação, ou seja, por elementos que evocam o corpo e a leitura em voz alta de quem a faz em silêncio. Em Berenice, a experiência da cidade manifesta-se no modo de dizer e de escutar, mais do que na descrição de sons urbanos. Assim, o texto constrói uma “cidade da prosa”, percebida como experiência sensorial e reflexiva do leitor contemporâneo.

PAISAGEM PÓS-DIGITAL: AS REDES SOCIAIS E AS INFLUÊNCIAS DOS FLUXOS NA CIDADE

Ana Raquel Almeida França e Pablo Gobira (UEMG)

O presente trabalho provém de leituras, experiências e práticas no Laboratório de Poéticas Fronteiriça (LabFront - <https://linktr.ee/labfront>), grupo de pesquisa, desenvolvimento e inovação, cadastrado no diretório do CNPq, sediado na Escola Guignard (UEMG). O objetivo deste trabalho é pensar as relações estabelecidas dentro das cidades pelas redes sociais, através dos conceitos trabalhados e estabelecidos por Milton Santos (2002). A paisagem para Milton Santos (2002) é um conjunto de objetos reais-concretos, que une elementos do passado e do presente, e se caracteriza como um sistema material e relativamente imutável, que se transforma permanentemente. Mas quando uma transformação espacial impacta profundamente esse sistema, é preciso reavaliar a imutabilidade a ele atribuída. Dessa forma, ao observarmos no espaço elementos tecnológicos do pós-digital, noção que Gobira (2018) indica como sendo uma interseção entre o analógico e o digital, podemos enxergar as perspectivas de mudança da paisagem através dessas tecnologias, especificamente das redes sociais. As tecnologias digitais estão intrinsecamente relacionadas ao cotidiano dessa realidade pós-digital, e tudo o que é com elas produzido e reproduzido estabelece uma relação de fluxo de objetos, ideias e informações. Vemos nas redes sociais um exemplo da

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

influência exercida nessas relações de fluxo. Dessa maneira, a paisagem constitui a realidade e se torna um espelho que reflete uma combinação de elementos, que incluem as perspectivas relacionadas a essas tecnologias pós-digitais.

O PAPEL DO VESTUÁRIO NA PAISAGEM DISTÓPICA EM *DIVERGENTE*, DE VERONICA ROTH

Andrezza Vicentini Mac Intyer Faria e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

A literatura distópica contemporânea tem se destacado por refletir tensões socioculturais do mundo atual, especialmente em obras voltadas ao público jovem. Nesse contexto, o romance *Divergente*, de Veronica Roth, constrói sua organização social a partir de facções rigidamente definidas, nas quais o vestuário atua como marcador identitário e instrumento de controle social. A pesquisa em andamento tem como objetivo analisar de que maneira o vestuário contribui para a paisagem distópica da obra, identificando suas relações com a identidade das facções, a caracterização dos personagens e a organização social apresentada; fundamentada em estudos da intermedialidade (Bruhn, 2021), da simbologia das cores (Farina, Perez, Bastos, 2006), além de abordagens que compreendem a moda como forma de discurso (Salomon, 2010). O *corpus* é composto por trechos selecionados do romance, nos quais o vestuário é descrito de forma significativa. Os resultados parciais indicam que as roupas funcionam como um recurso estético e simbólico essencial, reforçando a lógica distópica da narrativa e contribuindo para a construção de identidades coletivas e individuais. Dessa forma, o estudo amplia as possibilidades de leitura crítica da obra e colabora com os estudos sobre distopias juvenis e construção de mundos ficcionais.

“SAUDADE POR TODA SÃO JOÃO”: UMA CONVERSA INTERMIDIAL ENTRE MÚSICA E PICHANÇA POÉTICA

Anna Luiza Fonseca da Silva e Barbara Vitoria Teixeira (UFSJ)

As pichações com a inscrição “saudades”, presentes em diversos pontos da paisagem urbana de São João del-Rei sem autoria reconhecida, compõem no espaço da cidade um vocabulário afetivo compartilhado. Em diálogo com essas inscrições, a música “Saudade por toda São João”, da dupla musical Arcanjos, nomeia a saudade como sentimento abundantemente distribuído pelo território, reforçando e ampliando essa experiência coletiva. Partindo da compreensão de paisagem cultural como resultado da transformação da natureza por grupos sociais ao longo do tempo, proposta por Carl Sauer (1925), o objetivo deste trabalho é analisar como as pichações – que podem ser entendidas como uma forma de resistência que revoluciona a ordem urbana e expande os limites do fazer literário contemporâneo (Cipriani, 2023) – constroem com a canção uma paisagem afetiva que articula memória, afeto, ausências e pertencimento. No intuito disso, utilizaremos Claus Clüver (2011) e seus conceitos de intermedialidade e estudos de graffiti moderno para desenvolver como essas manifestações constroem cenas artísticas; e Halbwachs (1968) com seus estudos de

memória coletiva, de modo a compreender como aspectos sociais, como o espaço da cidade, pode moldar os processos de recordação dos indivíduos.

DO BUCÓLICO AO LITORAL: A PAISAGEM NAS QUADRAS PESSOANAS

Camila Fernandes Silva e Raquel Madanelo Souza (UFMG)

A poesia de Fernando Pessoa é reconhecida e estudada amplamente, sobretudo aquela assinada por Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis. As quadras – poemas breves com quatro versos e temáticas variáveis, produzidos majoritariamente no final da vida do poeta – atribuídas ao ortônimo, por outro lado, são pouco estudadas pela crítica especializada, tendo sido fortemente relegadas a um segundo plano. Este trabalho propõe uma reflexão sobre parte dessa produção poética do autor a partir da análise de quadras retiradas da coletânea *Quadras e Outros Cantares* (1997), de Teresa Sobral Cunha, em que as paisagens, sobretudo as interioranas e litorâneas, estão presentes, exercendo o papel não somente de plano de fundo para a vivência amorosa, mas também de elemento fundamental para a construção de uma experiência sensível e perceptiva, conforme propõe Michel Collot em *Poesia, Imagem e Sensação* (2015). Ao mobilizar imagens e motivos recorrentes da tradição popular, Pessoa confere a tais elementos uma nova roupagem, ao mesmo tempo em que revela conexões com a lírica trovadoresca. Busca-se, assim, evidenciar como as quadras populares podem articular a paisagem, o amor e a tradição, mesmo em uma configuração aparentemente simples. O referencial teórico que norteia esta pesquisa engloba autores que discutem a obra pessoana e a lírica trovadoresca portuguesa tradicional, como: Freire (1999), Gagliardi (1997), Lourenço (1984), Marnoto (2007) e Nogueira (2001).

GÓTICO NA XILOGRAVURA DE OSWALDO GOELDI: A CIDADE DECADENTE E O MEDO URBANO

Elena Bueno Ventura e Eliana Ribeiro Ambrósio Miyoshi (UFMG)

Este trabalho analisa a obra de Goeldi sob a perspectiva do gótico urbano, destacando, na paisagem citadina construída pelo artista, a presença do medo, da solidão e do uso do sublime e do grotesco. Com base em autores como Júlio França (2022), Priscila Rufinoni (2006) e Sheila Cabo (1995), o estudo articula aproximações entre o gótico e o expressionismo, evidenciando a técnica da xilogravura como meio poético, o processo de urbanização do Rio de Janeiro e os conflitos estabelecidos entre sujeito e espaço urbano. A metodologia adotada combina análise formal das gravuras e referencial teórico sobre o gótico. Conclui-se que, ao considerar a obra de Goeldi a partir de uma poética gótica, tendo a xilogravura como meio expressivo central, ampliam-se tanto as possibilidades de leitura de seus trabalhos quanto as ferramentas analíticas para o estudo de outros gravadores brasileiros que dialogam com angústias e horrores diante da cidade, entendida como espaço de transformação e alteridade. Essa perspectiva contribui para consolidar o gótico como

vertente presente nas artes gráficas, afirmando-o não apenas como estilo histórico, mas como linguagem viva, de potência criativa e múltipla.

A PAISAGEM COMO RECORTE TEMÁTICO NUM ACERVO DE GRAVURAS. IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DE IMPRESSOS RELACIONADOS AO GÊNERO PAISAGEM NO ACERVO DO ATELIER DE XILOGRAVURA E GRAVURA EM METAL DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG

Fernando Costa Ferreira e George Rembrandt Gutlich (UFMG)

A partir de um trabalho de acondicionamento e inventário de estampas depositadas no atelier de Gravura de encavo e relevo da EBA-UFMG, projeto ligado a uma pesquisa ainda em curso de iniciação científica e financiada pela bolsa Probic-Fapemig, procedeu-se um recorte temático estimulado pela presença representativa do gênero Paisagem no corpo de obras identificado. Este trabalho intitulado *Memória gráfica: acondicionamento e documentação das estampas do atelier de gravura em metal e xilogravura da EBA-UFMG* se ocupou da organização e da compreensão de um acervo espontâneo e constituído de modo irregular ao longo de quatro décadas. Identificou-se, após esse trabalho, uma representativa gama de imagens onde a paisagem surge como elemento de forte expressividade. Essas estampas, em sua maioria produzidas em gravura em metal e xilogravura, abordam o tema por diferentes perspectivas. Por este recorte foi possível categorizar essas imagens em diversas derivações, tais como: paisagem natural, agro industrial, urbana, onírica e mítica. Além disso, especulou-se a possibilidade de paisagens íntimas abstratas. A paisagem urbana, sobretudo aquelas referentes às cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, ao lado das cenas agro industriais, se destacam e revelam uma escolha iconográfica de um imaginário associado ao ambiente da existência. O cenário da vida, que se manifesta pela gráfica, aponta para um sentido de pertencimento e identidade do artista em formação.

TERRA MÉDIA E WESTEROS: O PAPEL DA ÉCFRASE NA CONSTRUÇÃO DE MUNDOS IMAGINÁRIOS

Guilherme William Reis de Resende e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Durante a construção e desenrolar de uma narrativa escrita, uma outra mídia pode se tornar imersiva na construção de paisagens literárias que expressam a relação entre o homem e o ambiente. Por meio do recurso literário écfrese arquitetônica, o modo como o mundo fictício é parte intrínseca da construção do enredo é evidenciado. Nosso objetivo para essa proposta de apresentação de pôster é compartilhar os resultados de pesquisa de iniciação científica em que analisamos e comparamos écfreses arquitetônicas presentes nos livros *Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* e *As Crônicas de Gelo e Fogo: A Guerra dos Tronos*. Na pesquisa empreendida, buscamos compreender, a partir de formas arquitetônicas peculiares, como cada uma das narrativas constrói paisagens literárias, seja a partir da interpretação da narração pelo leitor, seja a

V Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem: Paisagens

partir da focalização de diferentes personagens. Para tal, contamos com os estudos da éfrase (Clüver, Vieira, Webb) e de criação de mundos fictícios (Boni, Higgins, Wolf).

A SÉRIE *DICKINSON*, DA APPLE TV, COMO PAISAGEM LITERÁRIA INTERMEDIAL

Jaqueline da Cruz Campos e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

O poema “I’m Nobody! Who are you?”, de Emily Dickinson, reflete sobre o valor do anonimato e do reconhecimento público, contrapondo a liberdade de ser “ninguém” com a exposição e o esvaziamento implícito em ser “alguém”. Contudo, na segunda temporada de *Dickinson* (Apple TV, 2021), essa reflexão é expandida. O conceito de fama se espalha e se desenvolve na vida dos personagens, moldando seus desejos, ambições e relações. Na série, a fama surge como um fenômeno complexo, funcionando tanto como uma máscara quanto como uma tentação: é atraente e radiante, mas também potencialmente ofuscante, como uma paisagem iluminada pelo sol que ao mesmo tempo revela e obscurece. Este trabalho pretende analisar como a série *Dickinson* constrói uma paisagem literária intermedial organizada em torno da busca pela fama e das suas consequências, evidenciando suas múltiplas faces e contradições. Para isso, serão utilizadas as propostas de *Travelling Concepts* (2002) de Mieke Bal, *Adaptação* (2013) de Linda Hucheeon, e *midialidades* (2022) de Jorgen Bruhn.

A ESCRITA DO VISÍVEL EM *MIMA-FATÁXA*, DE ALMADA NEGREIROS

João Henrique Faria Costa e Raquel dos Santos Madanêlo Souza (UFMG)

Esta apresentação parte da relação entre escrita e imagem na poesia de José de Almada Negreiros, pensando sobretudo em como o visual aparece por meio da palavra e acaba organizando o poema. O foco está na primeira versão de *Mima-Fatáxa*, publicada em 1915 na revista *Orpheu*. Parte-se da ideia de que a escrita de Almada funciona a partir de uma lógica fortemente imagética, em que o enquadramento e a acumulação do visual têm papel central. Ao longo do poema, metáforas ligadas à cor, ao movimento e à sensação produzem uma escrita interessada em dar a ver. Nesse campo visual, o corpo feminino se insere de maneira fragmentada, tornando-se um eixo importante da composição. A análise busca mostrar como cada um desses procedimentos – a acumulação do visual, a fragmentação do corpo e a atenção aos detalhes de cor e tato – ajudam a aproximar a palavra do campo visual.

MOVÊNCIA E PERMEABILIDADE: AS PAISAGENS LÍQUIDAS EM POEMAS DE *RASOS D'ÁGUA*, DE ASTRID CABRAL

Julia Teixeira Coutinho e Regina Célia dos Santos Alves (UEL)

Uma das vozes femininas mais interessantes da literatura brasileira contemporânea, Astrid Cabral tem uma produção poética expressiva que conta com várias obras publicadas desde sua estreia em 1963, com *Alameda*. Na poesia da escritora, dentro os diversos aspectos nela presentes, interessamos, para o presente trabalho, a observação da água como um dos principais elementos a compor as paisagens criadas pela poeta na segunda parte da obra *Rasos d'água*, de 2003. Em todos os poemas da segunda parte, “Barquinhos de papel”, a água – dos rios, da chuva, do mar ou das lágrimas – apresenta-se em primeiro plano nas paisagens construídas. Sua importância não ocorre apenas em razão da materialidade geograficamente situada a qual se vincula – como o Rio Negro, por exemplo – mas, sobretudo, pelo aspecto simbólico nela inscrito. Nessa imagem, o eu e o mundo encontram-se entrelaçados pela liquidez da água em toda a sua potência concreta e metafórica, a movimentar os sentimentos de alegria e sofrimento, de pertencimento e isolamento, de fragilidade e resistência, de vida e de morte.

A CASA QUE ECOA: PERCEPÇÃO DO ESPAÇO E (DES)CONSTRUÇÃO DO LAR

Kelly Stéfane Silva e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Esta pesquisa analisa a construção da noção de lar no romance *The Glass Room* (2009), de Simon Mawer, a partir da relação entre espaço, tempo, corpo e memória da personagem Liesel. A casa é compreendida não apenas como uma estrutura material, mas como um espaço que ativa lembranças, gerando contraste entre sua materialidade impessoal e o lar formado pelas memórias da personagem, atravessadas pela nostalgia. A análise fundamenta-se na noção de éfrase arquitetônica, recurso narrativo que permite ao leitor compreender as emoções da personagem a partir de sua interação com o espaço arquitetônico. O objetivo é examinar como a construção do lar para Liesel pode ser percebida por meio das modalidades propostas por Elleström (2010, 2014, 2021) e por Bruhn e Schirmacher (2021), articuladas às reflexões de Pallasmaa (1994, 2011) sobre a experiência multissensorial da arquitetura e Zhang (2024) em suas dimensões emocionais. A pesquisa se relaciona com o eixo temático ‘Paisagem, memória, nostalgia’, pois, assim como a paisagem é construída a partir do olhar de quem a observa, a percepção de lar para Liesel surge das lembranças e da nostalgia que ativam o espaço, tornando-o instável e profundamente permeado pela memória, em diálogo com as reflexões de Webb (2009).

FALTAM PALAVRAS MAS SOBRAM SENTIDOS: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO BALANCHINE DE SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Laís Helena Coelho e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Ao criar uma adaptação para o ballet da obra *Sonho de uma noite de verão* (1590), George Balanchine transporta o espectador para um mundo onde as paisagens shakespearianas ganham uma perspectiva visual e dinâmica, que contribuem para a construção da narrativa baseado-se no movimento. Esta análise considera a paisagem literária da peça como construção simbólica do espaço no texto e como ela é transposta para uma paisagem no palco, por meio de recursos visuais e corporais. Com base na teoria de adaptação, de Linda Hutcheon (2012), e nos fundamentos semióticos, de Charles Sanders Peirce (1985), e Bateman, Wildfeuer e Hiippala (2017, 2018), esta pesquisa investiga como movimento, gesto, expressão facial, figurino, cenário e música atuam como elementos mediadores na construção de sentido, sem o uso da linguagem verbal. Ao comparar as especificidades teatrais e coreográficas das duas obras, o estudo destaca o corpo como meio comunicativo baseado no movimento. Demonstra-se que o balé de Balanchine não apenas reinterpreta Shakespeare, mas corporifica a narrativa visualmente. Além disso, discute-se como a tecnologia altera a experiência do espectador em relação a espaço, tempo e classe social, evidenciando que a apreciação do balé independe de conhecimento prévio.

EDIÇÃO PALEOGRÁFICA E PAISAGEM DOCUMENTAL: O LIVRO DE ATAS DA VILA DE SANTA BÁRBARA (1840-1845)

Larissa Gomes da Silva, Marcielly Porfírio de Oliveira e Aléxia Teles Guimarães (UFMG)

Este trabalho apresenta a edição paleográfica e o estudo codicológico do *Livro da Câmara Municipal da Vila de Santa Bárbara* (1840-1845), tratando o manuscrito como uma "paisagem documental" que captura um período de transição em Minas Gerais. A partir da transcrição semidiplomática de 139 atas, segundo os critérios de Cambraia (2005), observa-se um retrato vívido da configuração urbana e social da época. O documento, redigido em escrita humanística cursiva, revela uma "paisagem administrativa" composta por registros detalhados sobre a manutenção de estradas, pontes e a construção de edifícios públicos, como a casa de câmara e a cadeia. Ao analisar esses registros, é possível reconstruir as dinâmicas físicas e humanas de uma vila que buscava novos rumos após o declínio da mineração aurífera. O trabalho contribui para a preservação da memória local e do patrimônio documental, oferecendo um olhar multidisciplinar (linguístico, histórico e arquitetônico) sobre a consolidação do espaço público no século XIX. Assim, o livro de atas estabelece-se como um mapa sensorial do interior brasileiro oitocentista.

DE “OS QUASE FELIZES” PARA “OS FELIZES” EM *O FILHO DE MIL HOMENS*: A PAISAGEM COMO MEDIADORA DO ENCONTRO ENTRE A LITERATURA E O CINEMA

Liandra Corrêa Silva e Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

A memória, de acordo com Ricoeur (2003), enquanto resgate de vivências passadas, traz à tona três pilares durante a sua manifestação: a presença, a ausência e a anterioridade. No coração da literatura portuguesa contemporânea, Valter Hugo Mãe também se utiliza dessa tríade para articular a narrativa de *O filho de mil homens* (2016), que explora o encontro de personalidades diversas, marcando não a dissolução das diferenças, mas a aproximação. Testemunha desses encontros, a paisagem, pretendida por Mãe para representar um Portugal rural, se mescla com tendências e personagens bastantes contemporâneos: o espaço que antes se mostrava demasiadamente nostálgico e introspectivo passa a atuar diretamente na construção de uma realidade mais afetuosa. A adaptação brasileira da obra às telas traduz a centralidade da paisagem como lugar de memória e afeto. Assim, o presente trabalho objetiva tecer uma análise comparativa entre o romance *O filho de mil homens* e sua adaptação cinematográfica a partir da perspectiva do espaço e seus desdobramentos. Como aporte teórico, a análise será desenvolvida com base nos conceitos de lugaridade e não lugaridade, apoiada nos trabalhos de Relph (1979); nas noções de espaço e lugar, desenvolvidas por Tuan (2013), além dos estudos acerca da memória, por Ricoeur (2003).

DE MARCO CULTURAL A ESPAÇO DE CONFORTO: O PAPEL DA ESTRELA DE OITO PONTAS EM *MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA*

Lívia Andrade de Souza e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Esta apresentação é parte da pesquisa de iniciação científica em andamento intitulada “A construção do espaço público e privado em *Girl with a Pearl Earring*, de Tracy Chevalier” (Fapemig). Em *Moça com brinco de pérola* (2002), de Tracy Chevalier, a protagonista Griet parece fundir sua identidade com os espaços públicos e privados que ela circula e habita. Para esta proposta de pôster, nossa premissa é que os espaços urbanos presentes na narrativa carregam um significado afetivo para a personagem, que busca por familiaridade e conexões religiosas. As écfrases do mosaico em forma de estrela de oito pontas (localizada na praça central de Delft, na Holanda, por onde Griet transita) propõem uma paisagem literária em que a protagonista não só transita para contemplar possíveis escapatórias de sua realidade, mas também se integra física e virtualmente a ela – visto que o marco urbano torna-se fonte de conforto que propicia audácia e coragem em momentos em que a protagonista precisa tomar decisões de vida. Para essa análise, vamos nos valer de conceitos de écfrase (Clüver, Vieira) e construção de identidade (Menezes).

UMA PAISAGEM DE MOVIMENTAÇÕES FLUIDAS E RELACIONAIS EM ALAMEDA DE ASTRID CABRAL

Maria das Graças Fonseca Moraes e Regina Célia dos Santos Alves (UEL)

Analisamos os contos “Arvoreta, árvore, arvoreta”, “A cerca”, “A praça” e “Um grão de feijão e sua história”, pertencentes à obra *Alameda* (1963), de Astrid Cabral. Objetivamos compreender de que modo o espaço da alameda se configura como paisagem, entendida como “espaço percebido”, a partir dos múltiplos olhares de personagens não humanas. Pesquisa de caráter bibliográfico com abordagem hermenêutica, fundamenta-se em referencial teórico multidisciplinar, destacando as reflexões de Michel Collot, Augustin Berque e Emanuele Coccia. A análise evidencia a singularidade da escrita de Astrid Cabral ao construir protagonistas, majoritariamente vegetais, dotados de sensibilidade, percepção relacional e dimensão ontológica própria, sem recorrer ao viés fabular tradicional. Nos contos, a Alameda constitui-se como uma paisagem simbólica que concentra as experiências da árvore, da cerca, do grão de feijão e da terra, revelando uma concepção fluida e não hierárquica da existência, baseada na interdependência entre os seres. Algumas narrativas ressaltam o pertencimento e a imersão desses entes no mundo, enquanto outras expõem a ruptura dessa relação a partir de uma lógica antropocêntrica, utilitarista e dualista. Assim, Alameda propõe a descentralização da experiência humana e apresenta uma ontologia vegetal que desafia paradigmas antropocêntricos, concebendo a paisagem como entidade viva, dinâmica e relacional.

O ESPAÇO EM JANE EYRE, DE CHARLOTTE BRONTË, A PARTIR DAS XILOGRAVURAS DE FRITZ EICHENBERG

Mariana Elisa da Silva Terra e Deborah Walter de Moura Castro (Unifal)

Este estudo pretende investigar como a imagem pode complementar a análise literária da relação entre a protagonista e o espaço no romance inglês *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë. Em um recorte sobre a infância de Eyre em Gateshead Hall e em Lowood, este trabalho analisa a relação entre a imagem e a palavra a partir das gravuras em madeira de Fritz Eichenberg para a edição de 1943 da obra, publicada pela editora Random House. Utilizando as passagens literárias que elas ilustram para fins comparativos, será observado como as escolhas estéticas do artista (o posicionamento das personagens, a atmosfera e o cenário) traduzem e expandem o universo simbólico de Brontë. Entre os/as críticos/as e teóricos/as cujas ideias dão sustentação às presentes argumentações, destaca-se Gaston Bachelard (2008). A análise aqui proposta pretende demonstrar como a interpretação visual de Eichenberg, como leitor da obra de Brontë e artista, agrega novas camadas de significado ao texto a partir de um objeto imagético, quase cem anos após sua primeira publicação.

COISAS ÓBVIAS SOBRE O AMOR: A PAISAGEM NO ATO DA REMINISCÊNCIA

Rafaela Del-Vechio Vieira e Miriam de Paiva Vieira (UFSJ)

Coisas óbvias sobre o amor (2024), da autora Elayne Baeta, é o segundo volume da duologia Laranja-forte e traz a história de Édra Norr ao retornar para sua cidade natal, São Patrício, para o casamento da avó. A protagonista embarca em uma jornada para se (re)encontrar através da reminiscência e dos vestígios do passado. A cidade de São Patrício foi criada especialmente para a duologia, trazendo cenários fictícios que são tecidos no imaginário do leitor por meio do recurso da écfrase e dos modos fílmicos na literatura, além das materialidades da narrativa, que contribuem para a desautomatização do processo de leitura e para uma interação extradiegética. Dessa forma, a paisagem é construída através da nostalgia em contraste com o presente. Com a finalidade de explorar esse contraste entre passado e presente, nosso objetivo é escrutinar algumas passagens ecfásticas e materialidades da narrativa na qual a personagem é atravessada pela paisagem, enquanto a paisagem é atravessada por ela. Para isso, vamos nos valer da noção de écfrase (Clüver, 2024; Vieira, 2017), dos modos fílmicos na literatura (Schwanecke, 2015), de vestígio (Benjamin, 1994) e da proposta de sensibilidade intermedial (Martoni, 2020).



©Kátia Lombardi

Organização

